

Joaquim de Alencar e Silva

# QUADROS DA MODERNA POESIA AMAZONENSE

Coleção Pensamento Amazônico  
Série Violeta Branca - v. 6

Manaus - AM

2011







**Quadros da  
moderna poesia  
amazonense**



DIRETORIA DA AAL  
BIÊNIO 2010/2011

Presidente  
José dos Santos Pereira Braga

Vice-Presidente  
Tenório Nunes Telles de Menezes

Secretário-Geral  
Almir Diniz de Carvalho

Secretário-Geral Adjunto  
Carmem Novoa Silva

Tesoureiro  
Arlindo Augusto dos Santos Porto

Tesoureiro-Adjunto  
Abrahim Sena Baze

Diretor de Patrimônio  
Moacir Couto de Andrade

Diretor de Eventos  
Cláudio do Carmo Chaves

Diretor de Edições  
Marcus Luiz Barroso Barros

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS  
Avenida Ramos Ferreira, 1.009  
Cep 69010-120  
Centro - Manaus - AM

JOAQUIM DE ALENCAR E SILVA

Membro da Academia Amazonense de Letras

**Quadros da  
moderna poesia amazonense**

Coleção Pensamento Amazônico  
Série Violeta Branca – v. 6



Manaus – Am  
2011

Copyright © 2011 Academia Amazonense de Letras

Editor  
Marcus Barros

Comissão Editorial  
Luiz Maximino Corrêa  
Márcio Souza  
Euler Ribeiro

Revisão  
Benayas Inácio Pereira

Editoração eletrônica e capa  
Marcela Costa de Souza

## Ficha Catalográfica

---

Silva, Joaquim de Alencar e.  
Quadros da moderna poesia amazonense. Manaus:  
Academia Amazonense de Letras, 2011.  
204 p. (Coleção Pensamento Amazônico. Série Violeta Branca.  
v.6)

ISBN: 978-85-

1. Ensaio (Literatura Brasileira) I. Título Silva, Joaquim.

CDD 342.56 (811.3)

---

## Pensamento Amazônico

Certa vez, e já se vai aí um bom tempo, perguntaram a Fernando Freyre, então presidente da Fundação Joaquim Nabuco, prestigiosa instituição cultural e de pesquisa sediada no Recife, por que nos retratos de seu fundador Gilberto Freyre, autor de Casa Grande e Senzala e centenas de livros igualmente monumentais sobre os brasis, sua cultura e sua gente, por que nos seus retratos espalhados em vários centros de cultura do País não constava o ano de sua morte, mas, tão somente, a data do nascimento. E Fernando respondeu ao desavisado interlocutor: porque Gilberto Freyre não morreu e não morrerá nunca! Na resposta, não apenas o sentimento de amor filial, a admiração pela figura extraordinária de um dos maiores pensadores do País, mas o verdadeiro e inequívoco sentido da imortalidade nas letras, a imortalidade do pensamento.

É certo que não só por meio da palavra os mortais podem passar à posteridade, tão significativos e ilimitados são os fazeres e as formas de expressão da inteligência criadora do homem. Mas, por meio da palavra que nos singulariza como seres racionais existentes, tem o homem a possibilidade de ultrapassar-se e manter-se presente no mundo além dos limites e contingências de sua efêmera existência material.

Vocação das Academias de Letras, a palavra é o seu próprio ofício. Por meio da palavra, das letras, é que se consagra a imortalidade acadêmica. Por isso, o livro foi e será sempre condição de existência das academias, sua própria razão de existir. Grande é o acervo de obras da Academia Amazonense de Letras nos mais variados campos do conhecimento e da erudição humana, nestas nove décadas de existência. Ontem, como hoje, o infatigável e profícuo labor acadêmico!



Na persecução das suas finalidades e para assistir aos imortais na persistente vigília, lança-se a Academia Amazonense de Letras a uma nova empreitada no campo editorial, em parceria com as Secretarias de Cultura do Estado e do município, mediante a *Coleção Pensamento Amazônico* com duas séries para contemplar os saberes que dialogam nesta Casa: *Série Violeta Branca*, reunindo poesia, conto, crônica, romance, e *Série André Araújo* destinada aos ensaios no amplíssimo campo do conhecimento científico. A exemplo da Academia Brasileira de Letras, nossas edições terão selo próprio, assegurando-se, desta forma, maior dinamismo nas publicações.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

*José Braga*

Presidente da Academia Amazonense de Letras

## Sumário

- xx PRELUCIDAÇÃO
- xx INTRODUÇÃO
- xx 1 – ALCIDES WERK: UM CANTO DE SOLIDARIEDADE FRATERNA
- xx 2 – ANTÍSTHENES PINTO: OS "ISMOS" VANGUARDISTAS
- xx 3 – ASTRID CABRAL: MEMÓRIA E SANDÁLIAS ANDARILHAS
- xx 4 – ELSON FARIAS: POETA DAS ÁGUAS E DA HUMANIDADE RIBEIRINHA
- xx 5 – ERNESTO PENAFORT: A METÁFORA AZUL
- xx 6 – FARIAS DE CARVALHO: O PÁSSARO DE CINZA
- xx 7 – GUIMARÃES DE PAULA: OS REBANHOS DA FUGA
- xx 8 – JORGE TUFIC: AS TENDAS DO CAMINHO
- xx 9 – LUIZ BACELLAR: UM ARTÍFICE AUXILIAR DA CRIAÇÃO
- xx 10 – L. RUAS: UM CÂNTICO MAESTOSO
- xx 11 – MAX CARPHENTIER: A SACRALIDADE DO VERDE E O CONSTRUTOR DE CATEDRAIS
- xx 12 – SEBASTIÃO NORÕES: A AMADA CONSTANTE
- xx 13 – THIAGO DE MELLO: OS ESTATUTOS DO HOMEM
- xx II – BREVE NOTÍCIA DO CLUBE DA MADRUGADA, DA POESIA DE MURO E DA PRESIDÊNCIA ALUÍSIO SAMPAIO.



## Prelucidação

Esta prelucidação se faz indispensável por vários motivos, mas, em especial, por ensejar ao leitor uma notícia pormenorizada da situação em que se encontrava a capital amazonense, no período imediatamente anterior ao surgimento do Clube da Madrugada.

A redação destes textos foi feita ao sabor das lembranças, nos dois últimos anos do século recém-findo evitando-se naturalmente a pressa desfiguradora que pudesse incidir sobre o fluxo seletivo do que se tinha a narrar.

Neste passo inicial, trata-se apenas de pôr em ordem e reduzir a termos as memórias que guardo acerca do tempo e das pessoas que compunham ou vieram a compor o cenário cultural da minha província natal, ao iniciar-me nos mistérios e graças da poesia.

É claro que, em se tratando de matéria de memória, deverão essas circunscrever-se ao meu tempo vital, isto é, ao que presenciei ou de que tive conhecimento através de fontes inequívocas.

Para situarmo-nos mais facilmente no tempo, direi que nasci em 1930, no Alto Solimões, tendo decorrido toda a minha infância em Fonte Boa e Codajás, em cujas barrancas, diante do rio majestoso, aprendi lições de silêncio e de contemplação interior. Daí por que sempre tive com os rios da minha terra uma espécie de relacionamento amoroso, de enamorado que se compraz em contemplar a amada, vendo-a passar. E mais contemplativo fiquei, e mais cauteloso, ao dar-me conta de que, por umas seis vezes, tanto no Negro como no Solimões e também, depois, no mar, eu escapara por pouco de morrer, ao afoitar-me em suas águas fundas. Não obstante, a contemplação das grandes massas líquidas responde-me sempre com a sua serenidade. O certo é que, desde quando abri os olhos, cheios de perplexidade, para as misérias do mun-

do (que eu procurava entender, sem muito êxito), e as indagações do espírito me afundavam em prolongados mutismos – eu ia olhar e interrogar o rio. E o seu sereno fluir devolvia-me a paz. Isto, desde a infância e seus alumbramentos, dentre os quais um deslumbrante pôr-de-sol sobre o Solimões, que me fez ir às lágrimas, de pura beleza.

Aos dez anos, eu chegara a Manaus. E logo os rumores da segunda guerra mundial e o afundamento de navios mercantes em águas territoriais brasileiras, por submarinos alemães, ecoavam e faziam sentir os seus efeitos diretamente na capital amazonense, refletidos no racionamento de quase todos os gêneros de primeira necessidade, produtos importados e energia elétrica, até chegar-se, mais adiante, ao permanente blecaute e à volta aos lampiões e lamparinas a querosene.

Tempos duros em que os cursos noturnos praticamente deixaram de funcionar ou o faziam a duras penas, à luz de velas.

Estava-se em plena vigência do “Estado Novo”. E a atmosfera que se respirava em Manaus era, como não poderia deixar de ser, quase só aquela “consentida” pela censura ditatorial, exercida em todo o país pelo Departamento de Imprensa e Propaganda. Vale dizer: manifestações, só a favor; contra, nem pensar. Eu não conhecera até então outra realidade, senão aquela, mas sentia que havia alguma anormalidade naquilo tudo. Tempos de estranha unanimidade.

É claro que havia vida literária em Manaus, que sempre fora um centro intelectual requintado, mercê do surto de progresso e desenvolvimento determinado pelo ciclo de ouro da borracha, que lhe embelezara a cidade e propiciara o surgimento de uma elite perfeitamente sintonizada com a “belle époque” e em dia com a literatura francesa, cujo idioma muitos dominavam.

A intelectualidade da terra – excetuada, naturalmente, aquela parcela que atuava extramuros da Academia – era, ainda na metade da década de 50, basicamente a que remanescia dos idos de 1918 (ano da fundação do silogeu amazonense) e reunia-se, por assim dizer, em torno das figuras de João Leda, Péricles Moraes, Adriano Jorge e Leopoldo

Peres, escritores de elevado e justo renome, capazes de brilhar em qualquer cenáculo de cultura, mas que, enquanto viveram, ofereceram tenaz oposição aos cânones da Semana de Arte Moderna, de 22. Principalmente João Leda, vernaculista de nomeada, que chefiara uma infeliz manifestação de despreço – incluindo vaia e panfletos – a Mário de Andrade, quando de sua estada em Manaus, em 1927, e que tanto desgosto causara ao rapsodo de “Macunaíma”, o qual só por elegância não desfaria de público a impressão favorável e os louvores que a cidade lhe merecera, mas da qual se queixaria amargamente em cartas a amigos.

Esse episódio exemplifica, de algum modo, um certo vezo, que havia então, de considerar-se a capital amazonense uma destruidora de mitos e reputações. Citavam-se, a propósito, casos de intelectuais que, justa ou injustamente, ali teriam sido desmascarados, etc. Não constituirá, pois, mera metáfora afirmar-se que, ainda nos anos 50, havia trincheiras, dentro e fora da Academia, de onde se atiravam calhaus ao Modernismo.

É claro que, sobrepondo-se a tais pecadilhos, a bela e vaidosa província sabia receber com graças de mulher formosa as celebridades que a visitavam. E disso nos dá conta a pena jovial de Genesino Braga, inextinguível cronista dos fastos históricos de Manaus.

Enquanto isso, porém, o tempo corria e conspirava contra a produção cultural local e, logicamente, contra o surgimento de novas luzes e novos talentos. E a coisa começava a repetir-se e a emperrar, enfim. De sorte que tudo parecia mais ou menos estagnado, como um grande rio que de repente deixasse de correr. De fato, só com o término da guerra, o fim da ditadura e a esperada democratização do país, voltar-se-ia a respirar em Manaus um clima propício ao reflorescimento das artes e das letras e ao exercício da liberdade criativa.

Era chegada a hora dos grêmios e da conseqüente disseminação de suas tribunas políticas e literárias, a darem algum colorido à cidade e algum sentido à juventude. Impõe-se, assim, por sua própria expressividade, o devido registro dos nomes dessas entidades, porquan-

to de seu seio foi que saíram os quadros que iriam depois pontificar nas tribunas parlamentares, nas cátedras universitárias e nas lideranças empresariais, inclusive em outros estados, por força do conhecido êxodo anual da mocidade amazonense, rumo ao Sul do País, determinado quase sempre pela falta de oportunidades e, sobretudo, pela inexistência de universidade, eis que então se dispunha, tão somente, em Manaus, da tradicional Faculdade de Direito.

Só para referir, a vôo de pássaro, as denominações daquelas entidades e alguns de seus integrantes, listamos os seguintes, observando uma certa ordem de precedência: Grêmio Heliodoro Balbi (Olavo Sobreira Sampaio, Evandro Carreira, Manoel Octávio, etc.); Centro de Estudos da Mocidade (Áureo Mello, Plínio Coêlho, Lúcio de Siqueira Cavalcanti, Ligier Herculano Barroso, etc.); Sociedade Cultural Castro Alves (Almino Affonso, Aloysio Nobre de Freitas, Paulo Monteiro de Lima, etc.); Grêmio Cultural Gonçalves Dias (Francisco Guedes Queiroz, Roberto Jansen, Arimathéa Cavalcanti, Othon e Fernando Mendes, Almir Diniz, etc.); Grêmio Cultural Álvares de Azevedo (Hygino Caetano da Silva Filho, Platão Araújo, Alencar e Silva, Aluísio Sampaio, Leopoldo Peres Sobrinho, Jefferson Peres, Andrade Neto, Roberto Jansen, etc.); Sociedade Amazonense de Estudos Literários (Anibal Duarte Beltrão, Alencar e Silva, Maria Leonor Coutinho dos Santos, Ambrósio Assayag, Guimarães de Paula, Astrid Cabral, Jorge Tufic, Anísio Mello, Milton Cordeiro, José Cidade d'Oliveira, etc.). Havia ainda o Centro de Estudos e Defesa do Petróleo, de caráter nacionalista, e a Associação Amazonense de Imprensa Estudantil, representativa dos diversos periódicos, de vida efêmera ou duradoura, que então circulavam. Sendo certo que muitos de nós participamos sucessivamente de mais de um desses grêmios, fácil é compreender-se que muitos companheiros não tenham sido arrolados, enquanto que um ou outro possa achar-se deslocado. O que importa, em essência, é que muitos desses jovens, na década seguinte, ou, mais precisamente, a partir de 1954, fariam confluír suas águas para o grande estuário do Clube da Madrugada, onde um novo tempo começaria a correr.

Cabe lembrar ainda que os colégios tradicionais de Manaus, à época, viram os seus centros estudantais encher-se de inusitadas atividades extracurriculares, de cunho literário, destacando-se entre eles o Centro Plácido Serrano e o Marciano Armond, do Colégio Estadual e do Instituto de Educação, respectivamente, nos quais a juventude mais idealista adestrava-se nos torneios do espírito e nos jogos florais da inteligência.

Deve lembrar-se, em particular, e não por acaso, o “Plácido Serrano”, sob a presidência de Anísio Mello, poeta e pintor, que lhe embelezara a sede, dotando-a de palco e belos painéis laterais. e também os jovens que ali se exercitavam nas tribunas, como Francisco Queiroz, Arimathéa Cavalcanti, Bernardo Cabral e Cláudio Ferreira Nobre. Entre todos, porém, sobressaía-se a figura de Almino Affonso, cujos triunfos oratórios a todos deslumbravam. Já por volta de 1948, era ele – poeta – um líder prestigioso, a quem a política e a vida pública reservariam uma trajetória gloriosa nos parlamentos e na alta administração do País.

Por várias vezes esse virtuose da oratória parlamentar empolgou as sessões do “Plácido Serrano”. Certa feita, o deputado Pereira da Silva, ali presente, depois de ouvir o jovem tribuno, e como que contagiado por sua eloquência, inflama-se também e profere emocionada oração, que assim começava: “Eu também já fui poeta e cantei esta terra com igual emoção...”. Referia-se o deputado ao seu livro *Poemas Amazônicos*, de inspiração nativista e vazado em versos livres, que ficaria como uma das primeiras manifestações do Modernismo no Amazonas. Essa obra fora publicada em 1927 e só seria reeditada quarenta anos depois. Por aqueles idos de 48, Almino Affonso estudava em Manaus e passava as férias escolares de fim de ano em Porto Velho, com os pais, subindo o Madeira nos antigos “Gaiolas” ou “Chatinhas”, que escalavam nas cidades de Borba, Manicoré, Humaitá e, finalmente, Porto Velho, daí retornando a Manaus. Essas viagens, embora com vários dias de duração, nunca se tornavam monótonas ou cansativas, dada a alegria dos



estudantes que partiam em férias. Coincidiu de viajarmos no mesmo navio, em 1948. Eu ficava em Borba, onde meu pai era Juiz de Direito, e Almino Affonso prosseguia viagem, por mais alguns dias, pelo belo e amarelo Madeira.

E a Academia? É preciso saber-se distinguir bem entre o que é permanente e o que é episódico. De modo geral, as Academias de Letras estaduais, como instituições permanentes que são, merecem ser contempladas com respeito e admiração, pelos serviços de alta benemerência que prestam à sociedade e à cultura, notadamente com relação à permanência em alta dos padrões da nossa língua.

A Academia Amazonense sempre abrigou em seus quadros grandes luminares, como – para referirmos só alguns dos que já não estão entre nós – Heliodoro Balbi, Agnello Bittencourt, Leopoldo Peres, Nunes Pereira, Ramayana de Chevalier, Genesino Braga, Aristóphano Antony, André Araújo, Djalma Batista, Mavignier de Castro, Pe. Nonato Pinheiro, João Mendonça de Souza, Mário Ypiranga Monteiro, entre outros tantos. Ontem como hoje. E, como qualquer outra de suas congêneres, terá passado, naturalmente, por períodos luminosos e sombrios, não havendo, por isso, qualquer boa razão para se obscurecerem fatos que lhe sejam desfavoráveis (ou, mais provavelmente, a algum de seus membros), pois mesmo destes podem-se extrair preciosas lições. Por exemplo: que não se pode nem deve empecer os passos aos mais jovens, na tentativa (inglória e inútil) de impedir o advento do novo. Todo artista sonha abrir o seu próprio caminho na floresta dos signos. Não pode conformar-se a soluções que não sejam as suas, a despeito de todas as disposições em contrário.

Efetivamente, nada do que se diz aqui a respeito da nossa Academia é fruto do maldizer ou malquerer, até porque muito nos honra ostentar o colar acadêmico e participar da ilustre companhia dos confrades. Em verdade, não falamos senão do que conhecemos. E conhecemo-la praticamente desde o início da nossa adolescência, quando, residindo nas suas proximidades, lá comparecemos várias vezes, fa-

zendo companhia a nosso avô (Joaquim de Barros Alencar), homem culto e freqüentador habitual dos saraus acadêmicos. Numerosas são as lembranças que guardamos das sessões a que assistimos. E de uma, em especial, presidida por Adriano Jorge, em razão do comentário ali feito por meu avô. Era a sessão de posse do acadêmico Félix Valois Coelho. Ia o Dr. Adriano conduzindo a sessão com certa mornidão, quando, de súbito, resolve mudar de tom e, abandonando as anotações protocolares, encara o auditório e diz: “Acabemos com essas frioleiras e falemos linguagem de gente!” Comentário risonho que nos foi soprado ao ouvido pelo avô: “Pronto, Neto, agora que ele perdeu a compostura, o seu discurso vai ganhar em brilho”. E assim foi. O Dr. Adriano Augusto de Araújo Jorge era médico humanitário e brilhante conferencista, cuja obra não foi reunida em livro, salvo, ao que se saiba, apenas um opúsculo, de cunho científico, sobre as propriedades da luz, e artigos publicados em periódicos locais. Assistimos a outras daquelas sessões, presididas pelo mestre João Leda, o calepinista de *Vocabulário de Ruy Barbosa* e vernaculista de *Os Áureos Filões de Camillo*, e por Péricles Moraes, o ensaísta de grandes méritos de *Figuras & Sensações* e *Legendas & Águas Fortes*, e biógrafo de *Coelho Neto e sua obra*, *Leopoldo Peres* e *A Vida Luminosa de Araújo Filho*. A porta de sua residência, na rua Henrique Martins, ostentava uma placa (única por mim vista ao longo da vida) esmaltada, com letras azuis sobre fundo branco: “Péricles Moraes – Escriptor público”. Esta é, a meu ver, uma das glórias que distinguem esse ilustre homem de letras (como ainda se dizia): a de ter-se erigido em escritor profissional em seu meio e ter vivido honrada e exemplarmente do seu ofício. Escriptor público. Quantos, antes ou depois de mestre Péricles Moraes, terão tido tão alta consciência da própria benemerência e da importância e validade dos serviços prestados ou postos à disposição de quem deles necessitasse, como qualquer profissional liberal?

Estas notas preambulares não se teriam por concluídas se não as aproximássemos do ponto em que se daria a nítida ruptura ou separação entre dois tempos: 1954: ano da fundação do Clube da Madrugada.

Antes dessa data, a poesia que se praticava ou cultuava em Manaus era em tudo igual ao que sempre se fizera ao longo de toda a nossa insipiente civilização, como se nada de mais importante fora feito pelos centros mais adiantados do país. Era o mesmismo. E ninguém queria ou buscava mudar coisa alguma. Havia, por certo, razões para esse comportamento, ditadas, umas, subconscientemente, pela autocensura que teme contrariar a ordem estabelecida, ou que a aceita, e, outras, pelo natural processo de envelhecimento e asfixia de um quadro marasmático que não tinha por onde renovar-se, de vez que todos os caminhos pareciam estar bloqueados, como no poema de Aníbal Machado, e não havia salvo-conduto para a canção.

Dir-se-ia então que não havia bons poetas em Manaus? Havia-os, sem dúvida, e, alguns, mesmo, muito bons, como Hemetério Cabrinha, Américo Antony e Álvaro Maia, para mencionarmos apenas aqueles para os quais a arte poética não era um mero exercício de diletantes, mas, sim, o sopro vital que os acompanharia por toda a vida. Conheci-os bem e de perto e fui amigo dos três. Em verdade, só o dom da poesia fazia-se-lhes traço comum, a par do talento que os distinguiu e os nobilitava. No mais, pessoas em tudo e por tudo diferentes entre si. Hemetério Cabrinha (1892-1959), o poeta de *Vereda Iluminada* e *Frontões*, publicados respectivamente em 1932 e 1959, era carpinteiro de profissão. E notável orador. Reunimo-nos várias vezes no café “Leão de Ouro” e no bar “Avenida” para falar de poetas e poesia. Eu gostava de ouvi-lo. E foi em sua própria voz, um pouco rouca mas bem empostada, que ouvi poemas inteiros do seu primeiro livro, bem como trechos dos poemas, editados em plaquetes, *Satã*, *Caim* e *O Cristo do Corcovado*. Certo dia, em 1951 ou 1953, indo eu ao Palácio Rio Negro, encontrei o poeta, já chegando à casa dos sessenta, a envernizar as escadarias internas da sede governamental, e ele, sorridente e orgulhoso do seu trabalho, a exhibir-me as fortes mãos de operário manchadas de verniz: “Poeta, as águias voam alto, porém, para pousar nos altos píncaros, é preciso que tenham garras fortes!” Achei linda a tirada do mestre Hemetério

Cabrinha. E fui à presença de outro poeta, o Governador Álvaro Maia, a fim de solicitar, e obter, as quatro passagens que nos levariam (a mim e mais três companheiros) ao Sul do País. Da produção poética de Álvaro Maia (1893-1969), também grande orador e excelente escritor, conhecia-se então apenas os poemas, poucos e bons, que ele se permitira estampar nos periódicos locais – suficientes, todavia, para incluí-lo entre os melhores poetas amazonenses de todos os tempos. Sua obra poética só seria conhecida em sua totalidade ao ser editada, em volume único, em 1958, sob o título de “Buzina dos Pararás”, onde o apuro formal corre em parilha com o seu telurismo e seu sentimento amoroso pela gleba estremecida. Quanto a Américo Antony (1895-1970), suponho que se há de lamentar sempre, talvez, não ter o poeta, que era Promotor de Justiça, reunido em livro senão parte mínima de sua obra (*Os Sonetos das Flores*, de 1959), num volume que, em verdade, não representa o que de melhor o poeta escreveu. Pode-se, pois, prever, com larga margem de probabilidade, que o melhor de Américo Antony corre o risco de perder-se, na hipótese de sua família não ter diligenciado na recolta do material inédito ou publicado esparsamente nos jornais e revistas locais (Desde já, todavia, essa hipótese deve ser afastada, eis que, ainda há pouco, nos vimos investido pelos filhos do Poeta residentes no Rio de Janeiro – Sra. D. Isis Antony de Souza Brasil e Marco Aurélio Antony – na condição de depositário do acervo de inéditos de Américo Antony, constituído de pouco menos de setecentos poemas, em sua maioria sonetos, e que muito em breve estaremos transmitindo à guarda e providências da benemérita Academia Amazonense de Letras).

Vê-se assim que dos três poetas apenas Hemetério Cabrinha editou regularmente os seus livros, à medida que os escrevia. Foi, também, dos três, o único a não fazer parte da Academia, ainda que méritos lhe sobejassem.

Por motivos de outra ordem e que se impõem tanto pela sua maior proximidade do ideário renovador do movimento madrugada quanto pelas características de fundo e forma de sua poesia, inscreve-se

neste pórtico o nome de Djalma Passos (1923-1990), apesar de sua passagem quase que meteórica pela poesia. Isto porque, a partir de 1955, ano em que saiu a sua terceira coletânea de poemas, não mais o poeta assinalou sua presença no território poético, frustrando, deste modo, as expectativas de quantos viram no autor de *As Vozes Amargas* (de 1952) uma voz, repassada de humanidade, a erguer-se contra as injustiças sociais e a acenar-nos com uma nova luz, e que ainda parece ressoar como o canto de um anjo rebelde pejado de revolta.

Não se focalizasse, aqui, apenas um segmento da história da poesia amazonense, obrigatória, por certo, seria a menção a vários outros poetas que lhe fecundaram o território sagrado, como Jonas da Silva e Quintino Cunha, os quais, aliás, dividem entre o nosso e os seus estados natais a honra de os contar como seus.

É claro que um critério mais elástico nos permitiria a inscrição neste preâmbulo de alguns outros nomes que, não obstante a sua contemporaneidade, conservaram-se à margem do movimento renovador, a exemplo de Áureo Mello. Todavia, e sem que vá nisso qualquer censura ou juízo de valor, pergunto-me se seria esse o procedimento correto. Como quer que seja, parece que as lacunas e omissões em cometimentos da espécie são fatalmente inevitáveis, quando se tem o objetivo de constatar fatos e relatar as impressões mais duradouras por eles suscitadas.

Feitas estas considerações preliminares, passemos ao plano da obra propriamente dito.

## Introdução

Não passará despercebida ao observador do panorama literário do Amazonas da segunda metade do século recém-findo uma notável prevalência da poesia sobre os demais gêneros, tanto na freqüência, mais acentuada, quanto nos resultados, mais apreciáveis.

Outra observação que o impressionará estará no fato de uma mesma geração literária local ter produzido não só uma soma expressiva de excelentes poetas, mas que essa soma se traduza, principalmente, pelo atributo da identidade própria, da marca pessoal que os torna inconfundíveis e únicos, centrados em luz própria.

Esta, de fato, a característica fundamental da geração que se fez responsável por todo um processo de renovação artística e literária que, uma vez desencadeado, no já longínquo (e ainda tão próximo) ano de 1954, não mais se deteve.

As peculiaridades de cada um e suas soluções são, pois, o que conta e confere significação ao processo. Haverá, por certo, variações de graus, mas serão elas sempre nitidamente observáveis, tanto nas figuras básicas, ou simplesmente focalizadas mais de perto, em nosso estudo, quanto em todas as demais que nele se incluem.

Isso é o que se verá dos quadros levantados e que objetivam a dar ao Leitor uma visão global e plurifacetada desse trabalho. Visão necessariamente despojada de excogitações tecnicistas, que quase sempre se esgotam em si mesmas, inúteis para a clareza, como caprichosas pirotecnias, que brilham por breve instante e somem sem deixar vestígio. Visão, enfim, que se pretende tão real quanto o possa ser aquela que se expressa por meio das nossas lentes particulares e não busca mostrar senão a verdade.

As figuras básicas são, evidentemente, aquelas que acionaram o processo renovador e se mantiveram na paisagem, desde a primeira hora (por ordem alfabética): Alcides Werk, Antísthenes Pinto, Astrid Cabral, Elson Farias, Ernesto Penafort, Farias de Carvalho, Guimarães de Paula, Jorge Tufic, Luiz Bacellar, L. Ruas, Max Carpentier, Sebastião Norões e Thiago de Mello. Processo que, uma vez iniciado, seguiria adiante, com novos contributos, para restituir a poesia ao seu tempo, à semelhança do rio que reencontra o seu leito depois de longamente represado.

A tônica dos estudos aqui reunidos tem um claro sentido de depoimento, cobrindo mais de perto as décadas de 50, 60 e 70 e projetando-se até aos dias atuais deste final de século. Não se encontrará aí, em verdade, notícia de tudo o que se fez, em matéria de poesia, no período, em Manaus, mas, apenas o essencial e mais expressivo, atendidos os critérios que nos balizaram o caminho, orientando o nosso interesse maior para o núcleo dos que efetivamente tomaram a si a responsabilidade de promover a modernização da poesia amazonense, trazendo-a de volta ao seu tempo e aprofundando os horizontes de sua universalidade.

Além da revista a que submetemos, sob diferentes enfoques, aqueles quadros básicos, este ensaio comportou ainda uma considerável ampliação para nele incluírem-se figuras representativas dos que vieram depois da consolidação do *movimento* e cujas presenças no cenário ganharam suficiente e definitiva nitidez. Estudá-las ou referi-las, ainda que a vôo de pássaro, constituiu-se-nos tarefa sobremodo grata e que afinal se nos impôs, poderosamente, pela própria força interior que as impulsiona, como desdobramentos naturais de uma realidade que se renova no tempo. E continua.

Em verdade, essa ampliação assinala-se em dois tempos: numa *segunda hora* do movimento madrugada, com os que vieram depois (alguns dos quais já presentes nestes “quadros”) e os que, em seguida, emergiram na paisagem, com seus perfis já definitivamente delineados, como,

por exemplo, Alexandre Otto, Aldísio Filgueiras, Aníbal Beça, Cláudio Fonseca, Zemaria Pinto, Tenório Telles, entre outros, cujos livros já publicados representam a permanência da chama sagrada sobre os caminhos e os horizontes da civilização do Vale Amazônico, a continuidade da poesia entre nós e a certeza de que, para além de todas as possíveis defecções, haverá sempre alguém para soprar as brasas, reanimar a chama e mantê-la viva sobre as gerações. Não foi outro o escopo supremo do grupo acionador do processo. Daí o dever/prazer de referi-los, ainda que de modo sumário, pelo que valem e significam, nas características e tendências que os distiguem e deles fazem, por certo, continuadores do processo e vozes de sua hora. É deles que nos ocuparemos no desdobramento destes estudos e são eles que virão a constituir-se em novos quadros da poesia amazonense.

Importa, por enquanto, contemplá-los em seus aprestos ou já dominando os altos vôos.





1

**ALCIDES WERK:  
UM CANTO DE  
SOLIDARIEDADE  
FRATERNA**

Nascido em Aquidauana (MS) a 20.12.34 e falecido no dia 13.11.03 em Manaus. Alcides Werk era filho de um pernambucano e uma jovem alemã, falecida quando Alcides contava apenas dez anos de idade. Consta de sua biografia que aos oito anos já conhecia metade do território nacional. Aos quatorze anos, fez um curso de telegrafia e um ano depois era telegrafista de um posto de atração aos índios Gaviões, no Tocantins, proximidade de Tucuruí, ficando ali por dois anos.

Em seguida assenta praça em Belém – PA. A partir de 1957, passou a viver no Amazonas. Não só em Manaus e em outras sedes municipais, mas vivenciando uma larga experiência pelos altos rios, paranás e lagos distantes, no afã de conhecer, segundo suas palavras, “o que ainda resta da cultura aborígine do nosso ameríndio, do caboclo”. Viveu, pois, exatamente, dois terços de sua existência no Amazonas, integrando-se total e exemplarmente à região e tornando-se-lhe, desde logo, um autêntico intérprete e representante da poesia amazônica. Pertenceu ao Clube da Madrugada e à União Brasileira de Escritores do Amazonas. Publicou, entre outros os seguintes livros: *Da Noite do Rio* (1974),

*Trilha d'água (1980) e Cantos Ribeirinhos e outros poemas (2002); In Natura – poemas para a juventude (1999) e, por último, A Amazônia de ALCIDES WERK – Toda Poesia (2003), volume que reúne todos os poemas do Autor.*

Situa-se Alcides Werk, no cenário da moderna poesia amazonense, naquele instante que, talvez imprecisamente, poderíamos definir como a segunda hora do movimento renovador desencadeado pela Geração Madrugada – fase em que entra a consolidar-se, sem mais detença possível.

Cronologicamente situado na mesma faixa etária dos que conduziram o movimento desde a primeira hora, só, no entanto, ao final dos anos 60 é que Werk encontraria o módulo do seu canto e a expressão identificadora da sua unicidade.

É ele senhor de uma rica sensibilidade que se manifesta numa poesia contida, concentrada e em cuja paciente elaboração só se utiliza de cores frias ou neutras, não obstante – ou por isso mesmo – todos os temas ou motivos do seu canto sejam hauridos, quase só, do cotidiano cruel da pobreza do nosso povo, num ato de solidariedade fraterna que o identifica de pronto como antena viva dos dramas anônimos dos que se estiolam no abandono e na humilhação da indiferença humana. Temas e motivos que ficariam talvez perdidos para sempre, se não captados e transfigurados pela sensibilidade privilegiada de Alcides Werk.

Com efeito, a solidariedade fraterna é o diapasão pelo qual se afina o seu canto, que às vezes atinge a mais alta pungência, sem, contudo, deixar de guardar o equilíbrio, o recato, a sobriedade e o tom em surdina que o caracterizam e o levam a inserir-se discreta e eficientemente na sensibilidade do leitor.

Os acentos sociais da poesia de Alcides Werk constituem, e não por acaso, um digno exercício e positiva forma de participação no drama, ou tragédia, do homem insulado da Amazônia: homem cujas dores ninguém percebe, como que abafadas pela fatalidade da selva tentacular, onde mais agudamente se acentuam os desníveis de toda sorte que compõem o arquipélago sócio-cultural do país.

A realidade consubstancial à poesia de Alcides Werk expressa-se numa fala que nunca precisa de recorrer ao bizarro nem ao exótico para resultar autêntica e entendida por todos. Só não talvez pelos empedernidos, pelos que perderam todos os elos de simpatia com os seus semelhantes e não têm olhos nem ouvidos para a dor alheia.

*Da Noite do Rio*, título que assinalou a bela estréia do poeta, embora não apresentasse ainda as divisões que apareceriam depois, quando aumentado e rebatizado com o título de *Trilha D'água*, já nos permitia vê-lo, no entanto, como que estruturado em duas partes que se distinguíam e completavam, a um tempo: uma, composta pelos poemas iniciais e marcada pela forma livre dos versos e pelo ritmo compassado e tenso e sem qualquer apelo à eloquência, e, outra, a dos sonetos que, fechando o volume, já nos mostrava, não propriamente a medida do talento, por demais evidente, mas a mestria do artesão, no domínio seguro do seu instrumento.

Essa distinção já se fazia notada, naturalmente, por seus aspectos formais, um pouco assim como a paisagem urbana se distingue da rural: por suas construções. Só que, no caso, se as construções são diferentes, a alma e os sentimentos que as insuflam são os mesmos. Daí a unidade temática, ressaltada pelo tom elegíaco que atravessa esse livro de ponta a ponta como as asas infatigáveis de um pássaro exilado, cujo canto nos falasse, eventualmente, de ideais malogrados, mas vivificados pelo dom da esperança. Canto, em suma, que contém muito do estoicismo de que se nutrem os espíritos que, fiéis à luz que um dia os tocou, ou da qual provieram, guardam, imperturbáveis e serenos, a certeza de que os contrafortes da noite se aluirão, um dia – e um novo dia os colherá em sua glória. Por isso que já não vivem senão para o instante supremo em que voltarão a exercer-se em plenitude. E para o qual preservam o melhor de si mesmos.

Essa a impressão que nos assalta e bate em nossa sensibilidade. E é também o que nos parece dizer o poeta, na forma plurissignificativa da simplicidade de sua expressão, como no poema *A Noite*, a seguir

transcrito, e em vários outros em que sua consciência moral flui livremente, firmando o protocolo de seus compromissos definitivos: *Meu coração não se erguerá contra ti, / porque és simples, / e não conheces o mal que fazes, / quando levas a luz. // Mas preservarei a flor. // Construirei muralhas, / e o tempo e o vento não a destruirão. / Quando as tempestades vierem, / me aproximarei e a defenderei, / para que possa devolvê-la ainda flor / à manhã.*

Essa é, de preferência, a fala do poeta. E um tal grau de simplicidade é prova acabada de que ele está maduro para o canto – e seu instrumento perfeitamente afinado.

Releva considerar, todavia, que o tom intimista, o debruçar-se sobre si mesmo, em que transluz incidentalmente a circunstância particular do seu canto, não é o que há de mais característico na poesia de Werk. Seu compromisso é mais amplo. Supera a circunstância individual. E circunscreve, mercê de sua autenticidade, uma das denúncias mais eficazes – para não dizer pungentes – porventura jamais tentadas, de maneira tão simples e direta, por qualquer de seus pares da região. E do que é exemplo o seu antológico *Soneto aberto sobre a morte*:

*Hoje é dia de festa nesta casa:  
festa dos círios e das lamparinas,  
um corpo magro sobre a mesa, e a porta  
de esteira aberta para os companheiros.*

*Beatas, terço, cafezinho, estórias,  
o choro inútil da mulher sozinha,  
a promessa do céu dos escolhidos  
e uma herança de palha e de abandono.*

*Brasileiro, do Norte, agricultor.  
Semeou, semeou a vida inteira,  
fez o campo florir por tantas vezes,*

*Alimentou mil pássaros vadios,  
foi sempre bom, mas nunca teve sorte,  
e se vestiu de trapos para a morte.*

Esse livro, em verdade, desde o seu aparecimento, vem cumprindo notável destinação como obra genuinamente amazônica que se distingue por um discurso direto, que prende o leitor e o faz cativo de sua limpidez.

Enfim, *Trilha D'água* reúne o que há de definitivo na poética de Alcides Werk e mostra-nos as três faces dessa poesia: a que nos põe em contato com o “homem e a terra”, revelando-nos o dia-a-dia no planeta verde; a em que “a fala” do poeta se dirige ao seu povo e assume os tons e os acentos de um canto de solidariedade fraterna, e, finalmente, a dos “estudos”, onde o autor mergulha fundo na natureza do ser múltiplo que é o poeta.

Efetivamente, para maior glória do que aqui se faz em termos de poesia, Alcides Werk impregnou-se tanto do espírito e do sentimento da terra, que se fez um de seus intérpretes mais autênticos, a cantar um mundo virgem em que o homem ainda se nos depara como um intruso da solidão. Desse poeta pode dizer-se, com todas as letras, que veio, ficou e tornou-se para sempre um dos nossos.

## ANTOLOGIA

*Das águas grandes*

O barco passando e a onda molhando  
o menino molhado, na porta da frente.

O homem doente  
deitado na rede

com os olhos cansados de espanto e de mágoa  
de ver tanta água  
de ver tanta água  
bebendo do sangue, roendo as raízes  
de tudo o que fez.

Na estreita maromba,  
os bichos chorando de fome e de frio,  
com medo do rio  
com medo do rio que cresce outra vez.

(Quando eu for Presidente,  
de amplos e amorosíssimos poderes,  
decretarei,

sem visto do congresso,  
nem processo,  
canonizando santos nacionais  
os mártires de enchente.

Convocarei um exército de anjos  
para domar o rio e o desvio  
dos prováveis dilúvios anuais.

Mesmo assim, por razões de previdência,  
visto que te, os mártires demais

e precisamos de gente,  
levarei meus irmãos pra terra firme  
onde cada não pode ser navio,  
nem se esteja sujeito  
às caprichosas emoções de rio.)

O barco passando, e meus olhos sofrendo  
da mesma miséria da mesma miséria  
que vêm.

E, de repente,  
me vem uma vontade provisória  
de encher os bolsos de demagogia,  
entrar em cada casa com uma estória,  
qualquer que seja – que não seja séria,  
falar de tudo – menos de miséria,  
prometer coisas que não cumprirei,  
como se faz em tempo de eleições,  
para que sejam menos felizes  
(enquanto o rio esconde as roças podres)  
mastigando ilusões.

(De *A Amazônia* – 2004)



## *O ouro do rio Amaná*

Tuas doces águas, Amaná,  
De repente se toldaram.

Chegaram dragas, pontões,  
canoas, motores, balsas  
abarrotaadas de homens  
falando gírias estranhas,  
escafandros, pás, bateias,  
mecanismos de sucção  
a revolver-te as entranhas  
e o teu relevo de margens:  
foi decifrado o segredo  
do teu rico aluvião.

As cobiças pessoais  
precisam catar o ouro  
para urgências nacionais.

Cadê teus patos selvagens,  
teus amenos inambus,  
tangurupará voltando  
(segundo registra a lenda)  
de lutas com o japiim,  
o som rouco das ciganas,  
a voz dos uirapurus,  
o alarido dos guaribas,  
os bandos de caítitus,  
os socós-boi meditando,  
jacarés-pedra espiando,

tracajás quase dormindo  
na beira, esquentando sol?

Cadê tuas ariranhas,  
tuas antas e capivaras  
teus tambaquis, tuas piranhas  
pretas, teus pirarucus,  
teus surubins, teus pacus  
araris e pirararas?

Vai, leva ao Parauari  
(que também foi descoberto)  
teu choro amargo de virgem  
possuída sem amor.

Conta que há alto-falantes  
espantando os papagaios;  
que em cada motor-de-linha  
chegam novos garimpeiros;  
que as vilas vão-se formando  
nas margens, e em cada tenda  
há muitas coisas à venda  
e mulheres de aluguel  
(brancas, louras, que adoecem  
por rejeição natural);  
que há muito cabra-da- peste  
e cenas de faroeste,  
cachaça, carne-de-lata,  
cigarro, pilha, sardinha,  
leite-moça, mosquiteiro,  
lanterna, charque do Sul.

Entrega teu ouro, Amaná,  
quanto mais cedo melhor.  
Quero que sejas tão pobre  
que nem se lembre que existes.

Depois do caso passado,  
mesmo sabendo que és triste,  
quero fazer um roçado,  
levantar um tapiri,  
deixar o mundo de lado  
e morar perto de ti.

(De *A Amazônia* – 2004)

## *Canto caboclo*

Muita gente me pergunta  
por que meu canto é de rio,  
de floresta, de animais;

por que meu canto é vadio,  
se perdeu, vive à deriva  
nas forças elementais;

traz o recado da chuva,  
dos peixes, das canaranas,  
da terra, dos seringais.

É que um dia cabocla  
com a puçanga da ternura  
me feriu, me enfeitiçou,

fez-me ouvir a voz das aves  
pra cantar o verde, as águas  
e a vida que me ensinou.

Por isso navego livre,  
e a letra do meu poema  
o próprio tupã me deu.

Sou um cantador caboclo,  
e em vez de cantar estrelas  
eu canto o mundo que é meu.

(De *A Amazônia* – 2004)

## *Natal amazônico* (para canto coral)

No reino das amazonas  
há natais todos os dias,  
que vêm rolando dos Andes  
nas águas brancas e frias.

Nas copas das piranheiras,  
nos frutos dos araçás  
nos ninhos dos japiins,  
nos gestos dos animais,

nos pássaros, nas florestas,  
nas orquídeas, nos tajás  
há lantejoulas de festas  
de telúricos natais.

O pescador na canoa,

os curumins no terreiro,  
a cabocla, a vida boa  
à sombra do cacauzeiro.

E quando chega dezembro  
- o Natal do Bom Jesus,  
parece que o céu se enfeita  
e pinta o verde de luz.

Mas neste dia, em verde,  
o que mais me encanta aqui  
é ver um Jesus dormindo  
na rede de um tapiri.

(De *A Amazônia* – 2004)

2

ANTÍSTHENES

PINTO E OS

"ISMOS"

VANGUARDISTAS

Nascido em Manaus, a 28.11.1929 e falecido a 03.12.2000, na mesma cidade, ANTÍSTHENES de Oliveira PINTO era filho de Antísthenes Nogueira Pinto e de D. Delmira de Oliveira Pinto. Dividia ele, por igual a sua atividade criadora entre a poesia e a prosa de ficção, incursionando também pelo ensaio e a crônica. Sua obra poética compõe-se dos seguintes títulos: *Sombra e asfalto*

(1957); *Ossuário* (1963); *Angústia Numeral* (1976); *A Rebelião dos Bichos* (1977) e *Curvas do Tempo* (1984). Mencionados livros acham-se enfeixados quase integralmente em *Poesia Reunida* (1987), antologia poética publicada sob o selo das edições Puxirum. Como prosador sua obra compreende os livros *Chavascal*, novela (1965); *Terra Firme*, romance (1970); *A Solidão e os Anjos*, romance (1976); *É Proibido Perturbar os Pássaros*, contos (1981); *Várzea dos Afogados*, romance (1982); *Quelônios do Carabinani*, crônicas (1984); *Literatura: Novos Horizontes*, ensaio (1984); *Os Agachados*, novela (1985); *Porão das Almas*, romance (1992); *8 Poetas Amazonenses*, ensaio (1992); *Os garis das Alturas*, crônicas (1992). É detentor de vários prêmios atribuídos pelo governo

do Estado, pela Prefeitura de Manaus e pela Superintendência da Zona Franca de Manaus, respectivamente, nos anos de 1968, 1976 e 1984. Era casado com a Sr<sup>a</sup> Ruth de Albuquerque Pinto e deixou cinco filhos: Antísthenes Neto, Wagner, Rita de Cássia, Márcia Cilene e Marcos Evandro. Foi membro proeminente do Clube da Madrugada e da Academia Amazonense de Letras.

### A ANTÍSTHENES PINTO (\*)

*(Sob as luzes de Apolo e o tilintar das taças de Dionísios)*

Numa curva do tempo estás fincado  
como estaca de lúcida matéria

de onde a sombra se exila e, dura e séria,  
a face espelha um tempo fraturado.

Num chão de angústia e signos constelado  
ossificado canto é agora aérea

flauta de galos, ritos à matéria  
celebrando a manhã, o evento, o fado.

Na hora grave em que o carro-luz de Apolo  
cruza os céus e nos queima em fogo e lenda,  
ergues teu copo – e és tu mesmo oferenda  
à sede de hirto cacto a arder no solo.

E eis que em brinde pagão também celebro  
teu canto – e a taça do meu brinde quebro.

*(De Solo do Outono – 2000)*

---

(\*) Entre os textos das notas biobibliográficas e dos respectivos estudos encontrará o Leitor, aqui e ali, a inserção de poemas que dediquei, a alguns, ao longo do tempo, e que aqui se transcrevem a guisa de epígrafes ou simples homenagens.

Ao mesmo tempo em que, em Manaus, se processava uma profunda tomada de consciência e desenvolvia-se todo um processo de renovação nas artes e letras locais, eclodia no Sul do país (eixo Rio-São Paulo) o Concretismo e, simultaneamente, o pré-Concretismo.

Mais definidamente, esses novos *ismos* tinham sua expressão maior, no Rio de Janeiro, no Suplemento Dominical Jornal do Brasil, sob a regência de Mário Faustino, Renard Perez, Reynaldo Jardim e um verdadeiro colégio de líderes em que se destacavam, entre outros, Benedito Nunes, Ferreira Gullar, José Lino Grünewald, Wladimir Dias Pino, enquanto que em São Paulo a correspondente corrente tinha sua bandeira conduzida pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari.

No Rio, o sempre atualizado e aberto Manuel Bandeira prestigiaria o movimento dos jovens de então e mostraria o seu virtuosismo de mestre e sua perfeita compreensão da novidade moldando alguns poemas exemplares, dentro da nova técnica.

Por esse tempo, vivendo no Rio de Janeiro e tendo já publicado o seu primeiro livro (*Sombra e Asfalto*, 1957), Antísthenes Pinto integrara-se àquele movimento – de obrigatória referência na história de poesia brasileira da segunda metade do século – tendo alguns de seus poemas pré-concretistas estampados no referido SDJB.

Essa tendência marcadamente experimental desabrocharia em plenitude em seu segundo livro (*Ossuário*, 1963) e aí também se encerraria, para dar lugar a um outro importante desdobramento no permanente processo de renovação da sua poesia.

Com efeito, no quadro da moderna poesia amazonense, é no autor de *Ossuário* que iremos encontrar o exemplo mais copioso do que se convencionou chamar de pré-concretismo. Isto se explicaria, a par da circunstância de residir, à época, no Rio de Janeiro, pelo fato de não se ter conservado infenso às influências que o cercavam por todos os lados e das quais se deixaria embeber completamente, durante o largo e demorado contato mantido com figuras de proa das correntes experimentais que dominaram toda a poesia brasileira nas décadas de 50 e 60.



Estreando em 1957 com um livro que o situava em plena maré montante das águas refluídas da “Geração de 45” e que já se encapelavam novamente contra uma poesia considerada comportada demais para atender à sede de experiências formais das vanguardas, é, contudo, como já mencionamos, com *Ossuário* que o poeta nos oferece o mosaico definitivo de seus experimentos, de sua alquimia verbal, na urdidura gráfico-visual dos poemas.

É nesse livro que podemos observar melhor alguns aspectos que informam o processo renovador posto em prática, de maneira atenuada, pelo pré-concretismo. E que logo em seguida se exacerbaria, a partir da proposta de destruição/desintegração da palavra (sem mais considerações pelo verso nem também pelo lógico-discursivo), sob color de um grafismo que fosse capaz de comunicar algo mais que o radicalismo do movimento, indo, afinal, depois de passar por dissidências e desdobramentos vários, desembocar no poema-processo, fechando-se aí, com a tácita eliminação da palavra, um ciclo rico de experiências, sofisticações e artificialismos.

Deve notar-se que Antísthenes Pinto não levou tão longe os seus experimentos, sendo fora de dúvida que outros companheiros seus/nossos de geração – notadamente Jorge Tufic – terão ousado muito mais, no que toca propriamente à inclusão de elementos extraverbais no texto poemático. O que salta claro à vista é que sua contribuição, dentro do que se rotulara de pré-concretismo (e que viria a constituir como que um pré-requisito do apuro instrumental exigido pelos cânones do concretismo), é a que oferece melhor campo para o estudo referencial dessas vanguardas nos quadros da poesia amazonense. Tanto em razão da unidade formal (só quebrada na parte final do volume), quanto de um dado característico observável em todo ele e que lhe imprime a marca exterior do movimento: a predominância da palavra como forma significada que se exaure em si mesma, em contraposição a qualquer postulado ou laivo sentimental. Vale dizer: sem que das palavras, ou de suas relações entre si, se projete e propague qualquer sombra ou eco subjetivos, senão apenas a essência objetiva do fenômeno poético.

Vejam, a propósito, nos exemplos, a seguir, o que entendemos por transposição do real: a) *Tateiam os olhos / o som do avião / na clarabóia azul.* b) *A mão / de sombra / constrói o cavalo / dá-lhe nervos e / uma garganta maleável / agora é o / pássaro com / o seu papo / iluminado / que voa na parede / e grita dos / dedos de folha / armada contra / o próprio punho / de fumaça / a mão zoológica / no pano / seca cruza / a ilha de / ossos recomposta.*

O leitor procurará talvez, à primeira leitura, algo mais, além das palavras, quando, em verdade, no exemplo “b”, não haverá senão a descrição (que não exclui um elaborado tratamento poético) de um brinquedo: a mão contra a luz construindo figuras na parede. Não é aí, porém, que se documenta a complexa e forte personalidade poética do autor. Vemos aí uma poesia sem cordão umbilical, que se realiza exteriormente ao poeta e se corporifica como expressão objetivada, visual, do real. Poesia emocionalmente asséptica, resultante de um processo de elaboração em que é mínima a interferência de recursos sensoriais, como se fora captada fotograficamente, por assim dizer.

Será interessante notar a transformação que se processaria, tempos depois, na poesia de Antísthenes Pinto. Dir-se-á que o poeta tendo ido ao fundo do pote, de lá voltou sedento. E que, tendo explorado a gota d’água, acabou optando pelo mar.

Esta a impressão que me assaltou, ao percorrer os originais de *Angústia Numeral*, livro em que o poeta reassume plenamente a posse do verso e serve-se vigorosamente do discurso, como que abrindo, afinal, as comportas do dique interior, para fazer saltar as águas longamente represadas de sua experiência vital não redutível a signos. É aí que se ergue diante do leitor a grande poesia de Antísthenes Pinto.

Nele encontramos quase um outro poeta, tão grande é a diferença entre *Ossuário* e *Angústia Numeral*. Diferença que se patenteia, formal e substancialmente, num corte vigoroso que traz à cena a face oculta do poeta e reinaugura sua fala, como se, de repente, redescobrisse que a poesia não pode comprazer-se jamais em ser um caprichoso jogo verbal, nem tampouco uma inutilidade, por preciosa que seja.

Há momentos em que o supra-realismo de *Angústia Numeral* incorpora o discurso da náusea e se impõe como a recriação de um mundo marcado pelo desconforto do ser que se desencanta diante da irrealdade do mundo de relações e não hesita em derrubar-lhe as portas para mostrá-lo como realmente se apresenta, além das aparências. Mundo do qual parecem ter sido banidos ou revirados e mostrados pelo avesso todos os propósitos edificantes. Livro forte. De desconcertante lucidez. Enfim, o discurso multifacetado do fundo sentimento do ser só no mundo. Sem máscaras . Sem dissimulações.

Por paradoxal que pareça, no entanto, esse livro afigura-se-me, de algum modo, uma solução que, embora pessoal e intransferível, pode, sem embargo, apontar uma saída a muitos poetas brasileiros encurralados dentro do beco e a bracejar no vazio de uma crise de identidade, tanto mais profunda quanto mais ignorada e menos encarada de frente.

Que saída seria essa? Não mais que a volta à fala. Volta que, em suas implicações mais profundas, no caso específico de Antísthenes Pinto, terá significado a redescoberta do eu, o mergulho interior, o reencontro do poeta com sua face.

Advirta-se que esse retorno ao primado do verso – e da fala – nada tem a ver, no entanto, com o fácil (fonte de infindáveis naufrágios) ou com formas sedições de versejar. Por isso mesmo, faz-se oportuno notar que o autor retoma nessa obra a linguagem e o tom dos melhores momentos de seu primeiro livro.

Fundamental para tanto foi aquela opção pelo mar, de preferência à exploração da gota d'água. Isto porque Antísthenes Pinto tinha coisas substanciais a dizer e que vieram a revelar quão fértil é o chão de sua poesia. Seus cinco livros são cinco jorros de uma incontida, consistente e múltipla reinvenção da fala e uma constante busca do essencial. Nada ali é supérfluo. Tudo esplende no chão solar de seus cantos. Ainda que às vezes suas luzes possam arder e ferir os olhos castos.

Deve dizer-se, porém, que os momentos de ternura compen-

sam largamente uma que outra irreverência ou crueza que incidem sobre alguns passos. Como se a inesperada constatação de que “os pássaros cantam” nalgum lugar, quisesse significar, de fato, que os homens ainda podem reaprender a sua linguagem.

## ANTOLOGIA

### *Noturno*

Há um luar azul percorrendo o meu corpo  
Todas as aves brancas construíram ninhos no meu coração  
E seus cânticos são de uma tristeza inenarrável.

Vou absorvendo o orvalho noturno  
Com a mesma quietude da árvore curvada no barranco.  
Meu maior alimento é o silêncio  
E o deslizar do rio comumente tranqüilo.

A outra metade de mim vive no espelho  
Que deforma a minha paz. Tantas ruas  
Cruzam-se em meus pés, tumultuosas, salpicadas de pranto  
E seios de todas as cores e vícios e viços.

As auroras e os crepúsculos das cidades,  
O ar plúmbeo, cinzento das cidades  
Arrancaram todo o humor que eu tinha pelos homens.  
(No entanto o sangue corre nas minhas veias frias).

Ah se a memória se limitasse ao presente,  
Todavia, o passado me inunda a alma

E cicatrizes das mais torpes  
Se espalham nos meus ossos, nos meus nervos,  
Na minha sombra espectral, estática sombra roxa.

Meu maior alimento é o silêncio  
E o deslizar do rio, comumente tranqüilo.  
(De *Sombra e Asfalto* – 1956)

## 16

Dói-me ver a mocidade engelhada e abatida  
Sob um sol coruscante e viril,  
E ainda não está tudo perdido, os pássaros cantam,  
Não sei onde, mas cantam, o céu assoprado pelo vento  
Infla num excesso de azul,  
Os insetos trabalham, o ar traz perfumes  
De um chão de gênese, os telhados brilham  
Escamas de grandes peixes,  
As cabras pastam tranqüilas nos terrenos sáfaros,  
Os dois negrinhos brincam com as crianças louras  
Trocando tapinhas e risos  
E há a sucessão do canto do galo na longevidade do bairro.  
Há pouco pensei que tudo era extemporâneo, mas não.  
Julguei que haveria a velhice total dos homens,  
Das cabras, das aves, da própria primavera,  
Pesei-me na balança que não abandona as minhas mãos  
E senti-me leve como a verdade,  
Doido como a lucidez, e acho que nesse instante faria  
Coisas que Cristo não ousou fazer,  
Mas eis que o céu se empana de roxo, não  
Vejo mais os meninos, as cabras viraram nuvens,

Os postes gritam, os paralelepípedos  
Como um imenso casco de tartaruga voam  
Sob o telúrico fogo do vento.

(De *Angústia Numeral* – 1976)

*J*

Antecipo minhas rugas no espelho.  
A sombra hirta que foi vejo curvada.  
Piso fundo no chão que silencia  
E vou contar estrelas na vidraça.

A ave do desejo pousa em livro.  
(Não há no vácuo acústica às palavras)  
Liberto já do sonho que não tive  
Fujo de mim e só de mim fugindo

Sem dar um passo além do que pensara  
Quando fui velho sem chegar a ser.  
O meu patético olhar engole o longe:

- Escuro limitando com escuro  
E quanto ao perto: cinza no cinzeiro  
E o negro cão do tempo me mordendo.

(De *Sombra e Asfalto* – 1956)

3

**ASTRID CABRAL:  
MEMÓRIA E SANDÁLIAS ANDARILHAS**

Astrid Cabral Felix de Souza nasceu em Manaus, AM, a 25/09/36, onde integrou o movimento renovador Clube da Madrugada, desde as primeiras horas, transferindo-se ainda adolescente para o Rio de Janeiro, onde diplomou-se em Letras Neolatinas, na atual UFRJ e lecionou Línguas e Literatura na Universidade de Brasília, saindo em 1965, em consequência do golpe militar.

Ingressou posteriormente no Itamaraty, onde serviu como Oficial de Chancelaria em Brasília, Beirute, Rio de Janeiro e Chicago. Casada com o poeta Affonso Felix de Sousa, é mãe de cinco filhos: Raul, Pedro, Giles (já falecido), Mariana e Isabela. Detentora de importantes prêmios, participa de numerosas antologias no Brasil e no exterior e de várias instituições de cultura, como o Pen Club do Brasil, etc. Sua obra poética já se estende por cerca de dez títulos, entre os quais se contam: *Alameda* (ficção), 1963; *Ponto de Cruz* (poesia), 1979; *Torna Viagem* (poesia), 1981; *Zé Pirulito* (história infantil), 1982; *Visgo da Terra* (poesia), 1986; *Lição de Alice* (poesia), 1986; *Rês Desgarrada* (poesia), 1994; *De déu em déu* (poesia reunida), 1998; *Intramuros* (poesia), 1998; e *Rasos d'água* (poesia), 2003. É detentora dos seguin-

tes prêmios: *José Décio Filho*, da UBE-GO, 1981; *Olavo Bilac*, da Academia Brasileira de Letras, 1987; *Casa do Escritor*, São Paulo, 1987; *Cine-Vídeo de Porto Alegre / Lei Sarney*, 1987; e *Jorge Fernandes*, da UBE-RJ, 1996.

## A ASTRID CABRAL

Tens na voz algum ninho, um ninho de ouro,  
que lembra, numa chuva de açucenas,  
as manhãs claras, musicais, serenas,  
de um celeste e rosado logradouro.

E ouvir-lhe os sons, ouvir esse tesouro  
de harmonias de mágicas avenas,  
é dar asas à alma e ver-se apenas  
voando à claridade de um céu louro.

Pois, quando surges, luz e canto, em cena,  
voando de tua garganta de açucena,  
os versos, essas aves da idéias,

como que aroma e música espalhando,  
as almas todas vais sonorizando  
a arrebatando as lívidas platéias.

(De *Painéis* – 1952)

Desde a adolescência, Astrid Cabral tem tido destacada participação na vida cultural de Manaus, quer atuando em grêmios literários, como a SAEL (Sociedade amazonense de Estudos Literários, que ela ajudou a fundar e levou a funcionar em sala do Instituto de Educação,



cedida por sua diretora, e avó, Dona Eunice Serrano Telles de Souza), quer em publicações de vanguarda, como o jornal “Nossos Dias”, de Francisco Vasconcellos e João Bosco Evangelista, onde apareceriam os seus primeiros poemas.

Logo em seguida, viria Astrid Cabral a integrar o Clube da Madrugada, onde por largo tempo lhe caberia não só a primazia como a exclusividade da presença feminina com efetiva atuação no movimento, desde as suas primeiras horas.

Ao buscar visualizar, pelas vias da memória, esses primórdios de sua vida fecunda e proveitosa, lembramo-nos de um fato que parece ilustrativo da inquietação e da luta de Astrid Cabral para superar as limitações da província – e que, com a necessária vênua, passamos a narrar. Um dia, quando ia em pleno andamento a segunda caravana que empreendêramos, pelo Sul do país, com Jorge Tufic, Antísthenes Pinto e Guimarães de Paula, este último, que viajaria para São Paulo, desgarrando-se momentaneamente do grupo, levou-nos a acompanhá-lo em visita de cortesia à nossa conterrânea, que se encontrava hospedada num pensionato para estudantes, na Rua da Glória, no Rio de Janeiro, cidade onde ela se diplomaria em letras neolatinas, pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, atual UFRJ. Foi isso em fins de 1953 ou 1954. Acompanhava-nos um terceiro personagem: o Francisco Bessa, mineiro afável, de fala fácil e coração generoso. A certa altura, Astrid volta-se para o Bessa e indaga: “Você também é poeta?” Resposta do amigo, que nos envolveu numa onda de risos, com leves laivos de rubor: “Eu bem que tentei, minha santa, sob a influência dos seus conterrâneos, mas, felizmente, desisti a tempo... Pois estava ficando magro e amarelo e me esquecendo de ganhar dinheiro...”

O noviciado das letras exige, de fato, esforços e sacrifícios ingentes e uma quota suplementar de renúncia às superfluidades. Preço que muitos não se dispõem a pagar.

Vale a anedota para que por aí se veja que Astrid Cabral, mal saída da adolescência, desferiu também o seu vôo solitário, de pássaro e

estrela que passaria a brilhar para sempre nos céus de sua terra, numa constelação de grandes poetas. Sua bela poesia é título bastante para assegurar-lhe esse direito personalíssimo.

Se assim foi o início, o que se seguiu foi o desdobramento lógico de uma vida rica de experiências e resultados notáveis, como escritora, poeta, tradutora e mestra de língua portuguesa e literatura brasileira, na Universidade de Brasília. E ao que se somaria a bela família que construiu com o goiano Afonso Félix de Souza, com quem é casada desde 1959, também poeta, dos maiores deste país, e tradutor de poetas como François Villon, John Donne e Federico Garcia Lorca.

Além do toque de qualidade que a distingue, o que sobleva na obra de Astrid Cabral, como ressaltamos ao prefaciá-la o volume de poemas *Visgo da Terra*, é, sem dúvida, a consciência profissional em que se espelha o seu saber-fazer poético.

Vejamos o que dissemos, então, sobre a autora amazonense e, em especial, aquele seu livro – retalho de um tempo impresso na alma de sua cidade, que jamais morrerá, mesmo quando nós, seus circunstantes, já não andarmos por suas ruas mesopotâmicas. Livro, enfim, que há de ficar como tributo de amor ao coração de sua cidade.

Dizíamos que sua bela obra, que já se estende por cerca de livros de poemas (aí incluídas as suas ficções do mundo vegetal, de *Alameda*, da melhor qualidade), atesta, efetivamente, a presença de uma poderosa força criadora, que se exerce, com total domínio, sobre a palavra, emprestando-lhe à linguagem aquela ressonância, a um tempo próxima e distante, aparentemente estranha e aparentemente familiar, das coisas eternas.

Afirmávamos, ali, também, que até chegar àquele livro, Astrid Cabral fizera uma rica, paciente e longa experiência poética, passando por obras como *Ponto de Cruz*, *Torna-Viagem* e *Lição de Alice*, reveladoras de uma individualidade de grande poeta e de notável criatividade artística.

E acrescentávamos, finalmente, ser *Visgo da Terra* – obra em que celebra a memória dos seres e coisas que povoaram a paisagem do que

fora a Manaus da sua adolescência – aquele, entre os seus livros, em que melhor podemos observar uma das faces mais constantes de sua poesia – a das evocações – e, aí, vê-la, como exímia inventora de tesouros, a explorar os preciosos filões dos sentimentos e a trazer de seus subsolos as gemas mais belas, para maior glória de sua cidade.

Hoje, ao voltarmos a caminhar pelo chão de surpresas de sua poesia, vemos que esse livro reúne todas as qualidades de uma obra-prima. E que é, sem dúvida, a mais consistente prova de amor dada à cidade por um de seus filhos. Amor-memória que viverá com ela enquanto ela existir. E enquanto os seus habitantes tiverem ouvidos de ouvir as fundas vozes que lhe sobem do coração.

Uma das características que lhe documentam a identidade poética e se mostram praticamente em tudo o que Astrid Cabral escreve, desde o seu primeiro livro, é o dom que ela tem de ligar-se umbilicalmente, por assim dizer, àquilo que se faz objeto de sua contemplação criadora: dom de transfundir-se na paisagem e nela transformar-se, a ela integrando-se numa unidade indissociável.

Dito de outro modo, o que se pretende significar é que Astrid Cabral haure a substância da sua poesia do âmago mesmo da natureza das coisas, estabelecendo perfeita correspondência entre o que os seus olhos captam na concretude dos objetos que lhe ferem a sensibilidade, e o seu ser pessoal, diretamente implicado. Assim tem sido, desde *Alameda*. Técnica rica de conotações, que se esmera em transfundir na objetividade da paisagem a subjetividade do ser. Exemplos de variada espécie multiplicam-se por toda a sua obra e encontram persistente ressonância nas suas evocações, quando seres e coisas, banhados em sua própria luz, ressurgem das dobras do passado-memória que os retêm em sua eternidade.

Diríamos que, da mesma forma que em *Torna-viagem* temos o registro de sua vivência pelo Oriente Médio, também em *Rês Desgarrada* – livro que tem a particularidade de reunir a fatura poética da autora, em suas andanças pelos Estados Unidos, vamos encontrar aquele mesmo timbre

peçoal, a conferir-nos a certeza de que toda a obra de Astrid Cabral constitui como que um vasto memorial de seu périplo planetário de cidadã do universo, iniciado nos chãos de sua cidade natal.

Com efeito, é por seus olhos e seus filtros particulares que se vertem em nossa sensibilidade as suas impressões privilegiadas de viajante e de poeta, como a lembrar-nos que foi exatamente para isso que ela, um dia, desferiu o seu vôo de pássaro e estrela e calçou suas sandálias andarilhas.

Cabe-nos porventura acrescentar que, hoje, para felicidade geral e maior prestígio da poesia finissecular, sua obra poética, reunida no volume *De déu em déu*, por louvável e oportuna iniciativa da Fundação Biblioteca Nacional/Livraria Sette Letras/Universidade de Mogi das Cruzes, já pode ser contemplada em sua inteireza pelo leitor de poesia. E esse leitor, por mais exigente que seja, haverá de sair de suas páginas, ou das águas e luzes de seus poemas, como de um banho lustral, levando em si as claridades e ressonâncias de um universo que se revela e a que se tem acesso através do poder demiúrgico e encantatório da palavra.

Astrid Cabral, como todo grande artista, é um processo em contínua superação, isto é, quando mal supúnhamos que o melhor vinho já nos fora servido, eis que ela nos surge com outros sumos e outros néctares de tão boa ou melhor extração.

É o que me parece ocorrer com *Intramuros* e *Rasos d'Água*, livros que vêm de acrescentar-se, a posteriori, à sua obra poética já enfeixada em *De déu em déu* e que nos deixam ver quanta surpresa ainda nos podem reservar as suas secretas minas.

Dir-se-á que, em verdade, este tem sido o seu jeito de ser, ao longo dos caminhos percorridos por suas sandálias andarilhas. Ao que deve acrescentar-se também uma particularidade que não passa despercebida, relativamente a *Rasos d'Água*. Refiro-me à chave que, logo à entrada da obra, ela entrega ao Leitor, como já o fizera em *Visgo da Terra*, e que opera como um foco de luz a mais sobre o caminho, a guiar nossos passos e a iluminar nossos olhos.

## ANTOLOGIA

*Sorveteria*

Dia de verão qualquer  
no labirinto dos shoppings  
os homens tomam sorvete.

Alguns engolem vorazes  
receosos de que o mormaço  
lhes arrebate a porção.

Outros, lentos, não acertam  
com o creme fugaz o ritmo  
da fome. Morrem na fonte.

Poucos os que se deleitam  
fruindo o açúcar e a neve  
sem dúvidas sobre a dádiva.

Existe quem torça a cara  
às iguarias servidas  
imaginando outras raras.

E quem enfeite o bocado  
de caldas extras, perfume  
de licores, nozes finas.

Todos um dia qualquer  
terão suas taças vazias  
lábios imóveis, mãos frias.

(Inédito em livro)

## *Coração couraçado*

Tempestades em oceanos  
ou em corpos d'água  
e não peço a Deus balsas  
barcaças nem praias.  
Só um coração couraçado.  
Desses que no lombo  
Das ondas vão sem tombos  
O convés em festa.  
Iluminado.

(De *Rasos d'água* – 2003)

## *Morte por água*

Da primeira vez  
ninguém se deu conta do perigo.  
Até a mãe sorriu pensando  
como é dramática essa filha  
e reviu-a sob um pé de acácias  
desmaiada fingindo-se de morta.  
Sorte que aos gritos de socorro  
um anjo voou de entre as ramas  
arrebatando-a ao umbigo do rio.  
Da segunda vez  
a muralha do mar desmoronou-se  
mortalha sobre o vulto de sereia.

Mas rolava um tempo de amor cortês  
e gestos de bravura. Sem demora  
dois cavalheiros surgiram da areia  
e cavalgando o dorso das ondas  
venceram o monstro marinho  
em vassalagem à jovem dama.  
Da terceira e última vez  
no peito sacudido por soluços  
os olhos desataram cachoeiras.  
Era a alma que morria embarcando  
no esquife do filho rumo ao barro.  
Dessa vez não escapou ao naufrágio.  
Quando o corpo do fundo do poço  
boiou, era cadáver ambulante  
a alma decepada ao fio da dor.

(De *Rasos d'água* – 2003)

## *Baleia albina*

Pelo úmido azul  
a baleia albina baila  
e assombra  
a sala em penumbra  
barbatanas rêmiges  
a massagear  
volumosa massa d'água  
o trêmulo transparente  
corpo marinho...

Marítima mamífera  
a espraçar  
a cútis de elanca  
Enquanto as gordas vastas ancas  
nadam dançam  
se lançam  
pelos pastos salgados  
de algas e sargaços...  
Será menina  
a baleia albina?  
Será adulta  
a náufraga lua animal?  
Ou centenária  
a submarina cetácea nau?  
Senhora dona do aquático sítio  
supondo-se  
solitária soberana  
desfila tranqüila na líquida passarela  
e revela  
coreografia de estrela  
e solfeja  
cantiga de amor arquiantiga  
e corteja  
sem saber-se a prima-dona  
de um mega espetáculo  
sem pressentir  
a intimidade exposta  
à ribalta de mil olhos  
pelo globo em volta...  
Como o mar tão vasto  
cabe entre sofás?  
como nos toca o mar



se a pele não nos molha?  
À noite os gatos são pardos  
À noite somos jonas e pinóquios  
acomodados na barriga da sala  
essa estranha baleia  
cujas paredes entranhas  
o oceano invade  
e lambe até tarde...  
Somos então outra casta de peixes  
pescados nas malhas  
de eletrônica rede.

(De *Intramuros* - 1998)

## *Bicho - de - sete - cabeças*

À medida que envelheço  
as sete cabeças do bicho  
corto. Enfim o reconheço  
intimo de mim, meu próximo

À medida que envelheço  
conquisto-lhe o segredo.  
Vejo a morte iniciação  
à viagem pelo avesso.

À medida que envelheço  
digo: o bicho é meu amigo.  
Não, não há porque maldar.

envenenando o sossego.  
À medida que envelheço  
sinto-me remanescente  
num deserto onde tropeço  
por entre sombras de ausentes.

À medida que envelheço  
aprendo a perder o medo.  
Todo bicho fica meigo.  
É só colocar no colo.

(De *Intramuros* – 1998)

## *No colo do anjo*

Empoleirado  
na torre do meu sonho  
um anjo resplandece.  
Cílios cintilantes  
estrelas nos olhos  
ele me acena com plumas  
e me abraça com asas.  
Juntos vagamos  
entre rastros de astros  
a cavalgar nuvens  
por planícies etéreas  
até que me sinto serena.  
É como se mudo dissera  
não temas véus ou névoas

qualquer neblina passa.  
Mas eis que então fala:  
Não sejas cega, menina.  
O olhar de Deus tudo abarca.  
Só os homens têm pálpebras.

(Inédito em livro)

4

**ELSON FARIAS:**  
**POETA DAS ÁGUAS**  
**E DA HUMANIDA-**  
**DE RIBEIRINHA**

Elson José Bentes de Farias nasceu em Itacoatiara-AM, em 11.06.1936, filho de Elesbão Pereira de Farias e de D. Maria Secundina Bentes de Farias. Elson Farias iniciou-se cedo no mundo das letras, ainda nas cidades interioranas (Itacoatiara e Parintins), eis que somente aos dezoito anos de idade se transferiria para Manaus e aí desabrocharia em plenitude a sua vocação de poeta e escritor.

Pertence a numerosas instituições culturais, entre as quais o Clube de Poesia de São Paulo e a Academia Amazonense de Letras, onde tem assento à poltrona de Olavo Bilac. É um dos mais fecundos poetas amazonenses, cuja obra (além da literatura de ficção, que compreende três romances) se conta pelos seguintes títulos: *Barro Verde* (1961); *Estações da Várzea* (1963); *Três Episódios do Rio* (1965); *Ciclo das Águas* (1966); *Dez Canções Primitivas* (1969); *Do Amor e da Fábula* (1970); *Um Romanceiro da Criação* (1969); *Imagem* (1976); *Roteiro Lírico de Manaus em 1900* (1977); *Made in Amazonas* (1978); *Palavra Natural* (1980); *Romanceiro* (1985); *Balada de Mira-Anhangá e Outras Aparições* (1995) e *A Destruição Adiada* (2002). Na área do ensaio histórico e biográfico, destacam-

se ainda os livros *Cem Anos de Fé na Floresta* (Centenário da Arquidiocese de Manaus) e *José Lindoso: Semeador de esperança*.

Em Elson Farias o que primeiro notamos é a sua bela organização literária, indicativa de sua incontível vocação de escritor, refletida na clareza, continuidade e cuidadoso asseio da obra que vem construindo. Trata-se, de fato, de uma obra “em construção”, em cuja elaboração percebemos não só um mínimo de planejamento mas o método acionando um vasto esquema: a Amazônia (e não apenas o Amazonas, como parece preferir) mostrada em suas essencialidades. Esquema que vem cumprindo e ampliando a cada livro, a partir de *Barro Verde*, de 1961, e em que EF empreende de modo consciente e intencional, ao levantamento, em gigantescos murais, da vida e do cotidiano essencial do homem planiciário, esse pigmeu (será mesmo pigmeu?) fascinante e caluniado que ora apenas anima a paisagem, mas cujo destino é o de dominar um dia a selva e o rio – e pô-los a seu serviço, vale dizer: a serviço do homem planetário.

Desde a *Cantata do Lago em Agosto*, belo poema que figura em seu primeiro livro, abrindo a sucessão das cenas da vida e morte, amor e lida, riso e dor do homem simples, quase natural, do interior amazonense, a poesia de Elson Farias vem se constituindo numa belíssima e, a esta altura, vitoriosa tarefa, que me parece única em nossa história literária, qual seja a de salvar para o patrimônio da civilização brasileira os acentos líricos de uma humanidade ainda não contaminada nem, por isso mesmo, descaracterizada pelos valores niveladores da robotização humana, que se processa aceleradamente no planeta.

Sob esse aspecto, a obra de Elson Farias está, pelas suas características, destinada a um futuro bem menos imprevisível que o de muitos poetas de maior nomeada, qual seja o de transformar-se um dia em pura lenda, quando outra idade surgir, e o Vale se transformar, e o homem for assimilado pela máquina, e esse homem assimilado buscar as suas raízes... E a obra de Elson Farias excitará então o entendimento desse homem, não como uma abstração, mas como uma lenda cheia de

dignidade.

Por essa dignidade, que perpassa como um sopro vivificador pela poesia desse poeta, é que sua obra há de merecer lugar de justo destaque na poesia sul-americana – para situarmos sua presença apenas nesta parte sofrida do mundo – como representativa, em sua extensão e profundidade, de um *status* social que se perdera na infância dos povos (sem conhecer as infinitas tensões que agrilhoam hoje o homem das cidades), tendo em tudo e por trás de tudo a presença dominadora do rio com sua catadura bifronte imprevisível, comandando a vida e a morte ribeirinhas, nas várzeas e nas terras-firmes, nos lagos e nos estirões.

Além desse aspecto, de interesse para o conhecimento da vida da gente simples do interior amazonense, através da sua mitologia, tradições avoengas, oralidade, crenças, alegrias e tragédias, esperanças e solidões, devemos considerar a segurança e perfeito domínio com que o poeta utiliza o seu instrumental e manipula a palavra, essa poderosa matéria-prima que em suas mãos se converte em obediente argila, com a qual, como o oleiro que trabalha as utilidades, vai ele elaborando as nossas essencialidades, numa tarefa, supomos, de que se ocupará por toda a vida.

De fato, no que respeita propriamente ao trabalho do artesão e sua consciência profissional, há que reconhecer-se em Elson Farias um artista que, por trás da aparente facilidade que resulta da sua mestria, e jamais se confunde com o matraquear do mero versejador, consegue ser sempre claro e exato, e, sem jamais apelar para o grandiloquo ou para o especioso, consegue ser precisamente o que ele é: o mais genuinamente amazônico de todos os poetas que até hoje incursionaram pela temática regional. Pela temática amazônica. De modo globalizante. Não episódico, nem tampouco fragmentário.

Neste ponto, talvez seja necessário abrir um parêntesis para explicar que nada há de polêmico, a nosso ver, quanto à primazia de EF sobre os demais poetas que até aqui intentaram uma interpretação da Amazônia. Poder-se-ia objetá-la com o nome e a obra de Américo

Antony, obra essa que, infelizmente, permanece inédita em sua quase totalidade? Não o cremos. E isto porque nenhum confronto, a não ser por antinomia, se poderá estabelecer entre Elson e Américo. Este é simbolista, místico, ascético, alimentando-se das correntes cósmicas que fecundam o Vale e retornam à circulação universal. Elson, ao contrário, é neo-romântico, telúrico, voz do seu tempo e intérprete do seu povo. Um, surge sob o manto talar do mistagogo – e fala a linguagem dos símbolos. O outro, aparece em cena com a camisa olímpica do rapsodista – e fala a linguagem do pesquisador social.

Fechado o parêntesis, que se fez necessário somente para grifar as posições diametralmente opostas desses dois grandes poetas diante da poesia, gostaríamos de insistir no que há de singular na obra inteiriça que Elson Farias vem realizando. E o que de pronto nos acode é o perfeito conúbio expressional entre a realidade sensível, apreendida, vivida ou visualizada e a realidade projetada, através da simplicidade e da riqueza da língua e da cor local flagrante, na sensibilidade do leitor. Com efeito, como neo-romântico, no que entende com o telurismo e o caráter verdadeiro do nosso povo, a sua linguagem é característica e, mesmo, individualizante, destacando-se soberanamente de certo tipicismo estereotipado dos que ficam apenas na superfície dos espelhos, das águas mansas e das paisagens, incapazes de sondagens mais profundas e mais profícuas na natureza amazônica. Daí porque a linguagem de Elson Farias é sempre expressão viva e nunca recriação simbólica. Guarda o sabor das coisas limpas. E o frescor de uma natureza que permanece virgem. E em que tudo se renova. Perpetuamente. Nos seres e nas coisas. Até mesmo na palavra, que “nasce e morre”. E se transforma. Em canto. Em lenda. E vai com ele. E é ele mesmo. Verbo. Luz. Ordenação do caos.

Imagino aquele homem assimilado de que falamos há pouco, debruçado sobre a poesia de Elson Farias. Fechado o livro (ou desligado o botão correspondente), ele olhará mais uma vez o grande rio, e, lembrando-se de uma leitura mais antiga, se surpreenderá murmurando,

dentro crepúsculo ou da manhã alegre dos aquários:

– No princípio era o rio. E o rio estava em tudo. E o rio era tudo.

Publicado em 1969, conserva-se este texto em sua forma original, praticamente inalterado, por corresponder com exatidão ao que pensávamos e podíamos dizer de definitivo sobre o Autor. É claro que a distância de trinta anos conta muito, contrariamente ou a favor dos que se movimentam na paisagem. Quanto a Elson Farias, o mínimo que se pode afirmar é que o tempo só fez multiplicar-lhe os dons de grande poeta e permitir-lhe o coroamento de uma obra notável e singular. Coroamento, digo-o bem, porquanto uma coroa de louros já lhe cinge a fronte, por imposição dessa obra prima que é o seu “Romanceiro” – livro por si só suficiente para recomendá-lo à posteridade, ainda quando antes ou depois dele nada mais o poeta houvesse escrito. Relewa, porém, observar que a riqueza dessa poesia procede de um filão que parece inesgotável – eis que outros inéditos do autor já se encontrariam prestes a sair, em volume único, sob o título de *O Grande Rio*.

Já quanto ao rio, porém, cremos que nos seria, hoje, de todo impossível imaginar a sua presença num futuro distante, da forma como o fizéramos outrora, visto que o que temos diante dos olhos não nos pode inspirar qualquer antevisão saudável. Pois sobre o rio já paira a sombra da morte da floresta, tendo como corolário a desertificação e o assoreamento dos rios da região.

Mudado o quadro, pode-se então antever, sem muito esforço de imaginação, aquele mesmo homem assimilado a murmurar, diante da paisagem nilótica do que fora o mais extenso e caudaloso rio do planeta:

– No princípio era o rio. E o rio estava em tudo. E o rio era tudo...

A obra poética de Elson Farias, que já se conta por 14 títulos publicados, está longe, por certo, de vir a encerrar-se, a julgar pelo vigor de construção que nos é dado admirar em *A Destruição Adiada*, de 2002,



obra sobre a qual expendemos o seguinte comentário, sob o fascínio em que esse belo livro nos envolve. E que nos cumpre dividir com o Leitor.

Efetivamente, de reconhecimento, alegria e louvor deveriam tecer-se as nossas palavras toda vez que vem à luz, em Manaus, um grande livro, fato que se vem verificando, felizmente, com relativa frequência, na área da poesia, graças ao desempenho e à competência de poetas da importância de Elson Farias, cujo mais recente lançamento – *A Destruição Adiada* – coroa-o, mais uma vez, e, outra vez, assinala na paisagem a presença de uma poesia genuinamente amazônica, que se realiza à distância de quaisquer modismos e exotismos, caracterizando-se, antes, por uma linguagem que privilegia a pureza da expressão e a sua universalidade, a contrapontear harmoniosamente com as fontes originárias da identidade cultural brasileira.

Essa tendência – digamos assim – da poesia amazonense manifesta-se de diferentes formas na obra de pelo menos três outros poetas, que compõem com Elson Farias um quarteto para sempre representativo do continente verde que lhes motiva os cantos. São eles: Américo Antony, Alcides Werk e Max Carphentier. Cada um deles com seu instrumental próprio e suas características personalíssimas.

Américo Antony, já morto, mas senhor de uma obra imortal (ainda quase totalmente inédita, e que clama por ser publicada), será para sempre o guru da poesia amazonense, a transfigurar sua natureza em símbolos e imagens.

Já no que toca a Alcides Werk, seu canto se destaca pelas notas de solidariedade fraterna, que o distinguem e fazem dele uma das vozes mais apreciadas da Planície, com permanência certa entre os seus pósteros.

Enfim, com a poesia de Max Carphentier, ganha o grande Vale, com tudo que nele se contém, como que a sua dimensão espiritual, como se os céus o envolvessem numa atmosfera de bênçãos. Poesia eterna. Que há de ficar como um luzeiro a iluminar o Planeta Verde.

É entre poetas dessa importância que se situa a poesia de Elson Farias, a confirmar-nos aquela “tendência”, antes referida, e a dizer-nos

que a civilização que se desenvolve no vale amazônico aporta, finalmente, em sua maioria, com direito a ser ouvida em sua própria voz.

E Elson Farias é, por excelência, a voz da humanidade ribeirinha que floresceu ao longo dos grandes rios e da qual conserva em seu canto todas as modulações e todos os acentos. Bastaria, para comprová-lo, o seu *Romanceiro*, se para tanto tivéssemos de fazê-lo com um único exemplo. Mas, não. Toda a obra de Elson Farias é um contínuo e amoroso debruçar-se sobre os ritmos que regem o cotidiano da vida e morte dos habitantes do interior. E isso se deve ao fato de ele haver vivido toda a sua infância e adolescência entre as cidades e vilas do Baixo Amazonas, a acompanhar seu pai nos trabalhos do comércio, aurindo aí o seu “saber de experiências feito” e bebendo em fontes incorruptas as águas puríssimas dos seus cantos.

Mas é com *A destruição adiada* que quero ocupar o espaço destas notas. E cumpre-me notar, de início, que não obstante a clareza habitual do autor, este não é um livro que se deixa devassar às primeiras miradas. Mas, que se oferece, sim, de forma recatada, livre e transparente como os fios de água de que é tecido, só exigindo do leitor que não lhe perca o fio da unidade, em meio ao aparente labirinto, onde todos os passos se completam e dirigem para o fim último. A começar pelo aspecto formal.

De fato, o aspecto formal – não apenas escolhido, mas inventado, e que faculta ao poeta maior mobilidade e mais livre respiração do que a forma fixa (o soneto) que lhe é mais próxima – é o que logo se impõe ao leitor de poesia, como indicação de que nada ali deriva do acaso, mas, sim, de coisa querida, buscada e enfim achada. Eis que se trata de uma composição poética de quinze versos, formada por três quadras e um terceto, podendo este localizar-se em qualquer posição em relação àquelas, isto é: no começo, no meio ou no fim. E sem que ocorra a mínima descaída de nível em nenhuma das setenta e cinco peças de que se constitui a obra. Graças, naturalmente, à mestria do poeta.

Isto posto, e embora cada segmento do poema possa ser lido autonomamente, não deve o leitor deixar de ter em vista a seqüência segmentar de sua unidade para maior eficácia da leitura – eis que se trata aqui de uma experiência poética a bem dizer sem precedentes. Ou seja: uma autobiografia sob a forma de poema. Ou ainda, para nos valermos das lúcidas palavras do saudoso L. Ruas (Pe. Luís Augusto de Lima Ruas), seu prefaciador, “uma autobiografia poética. Isto é, uma revisão da vida do poeta não através de uma visão linear ou plena do tempo físico mas através de uma visão intuída pelo tempo psicológico, ou melhor, “no” tempo interior, que é capaz de conferir aos fatos “históricos” uma perpetuidade atual e viva.”

A história de uma vida tem talvez numa viagem o seu mais perfeito símile. A partir mesmo de nossa ancoragem no planeta. E não será por outra razão que Elson Farias denomina de *Porto Provisório* a abertura do seu canto, vindo em seguida outros títulos como: *Outro passo da viagem*, *O rio de outra viagem*, *Geografia*, *O amanhecer sobre o rio*, com a presença dominadora das águas, as ruas, os prédios, os habitantes, os hábitos e, daí por diante, a superestrutura cultural, como que a dialogar através de um harmonioso contraponto com os altos cumes da expressão cultural brasileira. Na prosa artística (Euclides da Cunha e Guimarães Rosa), na poesia (João Cabral de Mello Neto e Jorge de Lima), na música (Pe. José Maurício e Heitor Villa Lobos), nas artes plásticas (Antônio Francisco Lisboa e Cândido Portinari) e, enfim, o protocolo do poeta com a palavra e as diversas linguagens que o relacionam com o universo que o cerca.

Em suma: uma obra que nos leva a admirar ainda mais o poeta e sua navegação em volta de si mesmo, na tarefa de recriar-se em sua arte, no perene polimento de suas peças, até que os objetos em volta – nascidos de suas mãos – se iluminem e vivam do mesmo sentimento inerente ao fim do ofício que os criou. E autor e obra passam a existir na sobrevida do mundo da cultura. Fim último de todas as artes. Porque essa é, em verdade, a ordem que encaminha o périplo planetário do

poeta, desde o seu amanhecer sobre as águas do porto provisório até sua ancoragem no cais definitivo, sobre as águas douradas do crepúsculo.

## ANTOLOGIA

### TRÊS EPISÓDIOS DO RIO

# *Romance da Desaparecida*

#### I

A madrugada chegara  
Molhada nessa manhã,  
Água da noite de véspera  
Escura. Coruja e rã  
O sítio tarde dormia.  
Desabrochava-se a carne.  
De sombra os galhos de sombra  
Feriam de luz mortiça  
A paisagem da manhã.  
Corria o rio sem força

Corria com pouco afã,  
As nuvens sujas pairavam  
Tal quando canta o cauã.  
Fundo cortado insalubre  
Vinha o vento na maçã  
Do rosto já magoado  
Da menina temporã.

## II

Ela descia o caminho  
Que dava da casa ao rio,

A terra estava encharcada

Da noite de chuva e frio,

O mato de folhas moles  
Roçava-lhe fino o fio

Do corpo de raros pêlos  
Ensopados de rocio.

Bocejo de fogo e forma  
Se lhe esboçava esse abio

Duplo, da mulher menina,  
Planta agreste de arrepio.

Cheia de sono e preguiça  
Ia buscar água no rio.

## III

Desde aí dessa manhã  
Nunca mais ela voltou,  
Seus irmãos desesperaram,

Seu pai quase se matou,  
Fez a mãe nove novenas

Mas de nada adiantou,  
Andava de boca em boca

Que foi boto que a roubou,  
As mulheres lamentavam  
A mulher que se apagou,  
Luz de sol maduro e quente  
Que se quer nem se iniciou,  
Flor de carne sem viver se machucou;  
Correram todos pro rio

Mas ninguém a encontrou,  
Rezaram nove novenas  
Mas de nada adiantou,

Seus irmãos desesperaram,  
Seu pai quase se matou,  
Se sua mãe hoje existe  
De chorar se definhou

Os mistérios da menina  
Que em mistérios se acabou.

## *Romance dos Recém-Casados*

Na vila poucos casavam  
E as mulheres esperavam.

Se se amavam se amasiavam,  
Sem isso a vida era em vão,  
Filhavam na mesma casa  
Como a terra em floração.  
No rio os dois se lavavam,

Água barro sol selvagem,  
Os meninos se banhavam  
Nadando de rente à margem.

Eles estavam cansados

Já não iam se casar,  
Ouvira o povo da vila  
De inteiro os termos do altar.

Ouviram mais porque vira  
Da ação se desobrigar

O padre que não chegava  
Para as festas do lugar.

O rio ia ligeiro  
Líquido lerdo a flunar.

\*

Todos da terra acorreram

Feridos dessa impulsão

Própria da pequena e pobre  
Vila de São Sebastião.

De branco plena de branco  
Ela de grinalda e véu,  
Nunca o povo vira tanto  
Debaixo do mesmo céu.

O vestido armado em arcos

Despertava viva unção  
Largos de ternura os olhos  
Nas mulheres em sação.

\*

Conluio sonso as meninas  
Cosiam de mão em mão  
O instinto, desejos verdes,  
Tímido olor de melão.

\*

Desde a capela da vila  
À casa de recepção,  
Menina mulher de safra  
Aspirava pela união,

Suspiro de moça nova,  
Malícia de solteirão.

Queimado corria o rio  
Mais queimado que um botão  
De flor silvestre cortado  
Pelas foices do verão.

\*

Além das linhas da vila  
O sol insano fremia,  
Clara torrente o tranqüilo  
Rio a todos recolhia,



Aos meninos e aos casados  
Nas ondas curtas cruzados.

Possessos dessa alegria  
Davam gritinhos de frio,  
Mergulhava ele no fundo,  
Ele ria, ria e o rio

Possuía-os inteiros  
Feitos peixes no baixio.

Ele a abraçava e ela dava

Todo o corpo a abraçar  
Durante mais de duas horas  
Nesse banho singular.

Eles viviam sem medo  
Essa condição de amar.

Se bem que estavam casados  
Já não iam se casar,  
Ouvira o povo da vila  
De inteiro os termos do altar.

Eles viviam sem medo  
Essa condição de amar.

## *Romance da Moça e o Peixe*

Ela estava sobre a ponte  
 Lavando as roupas do dia,  
 Anáguas alvas e saias  
 Fora as roupas que eu não via,  
 Ela se chamava Eulália  
 E a irmã Rosa Maria,  
 Águas do rio passavam  
 Com manhosa correria,  
 Ela tecia os vestidos  
 Do tecido que a vestia,  
 Riscado bom e algodão,  
 Seda só se fantasia,

Ao sol de chofre na terra

A paisagem se tremia,  
 Ao largo os botos boiavam  
 Com dengosa bizzaria,  
 Na beira os peixes menores  
 Corria corriam na maresia,

Ao lado um campo de cana  
 Brava, verde se estendia,  
 Ela subia da ponte  
 Suas roupas recolhia  
 Na vasta testa gramada  
 Da ribanceira que ardia  
 Ao sol violento que alava

Já perto do meio-dia.  
Ela estava sobre a ponte

Lavando as roupas do dia,  
Anáguas alvas e saias  
Fora as roupas que eu não via,  
Um fino claro vestido  
Que molhado se vestia  
O corpo de vinte anos  
Que todo transparecia,  
As ondas rijas dos seios  
Ela toda inteira eu via,  
A perna esquerda encurvada,  
A direita se estendia  
Descoberta até a coxa  
Que sob o sol reluzia.  
Um grande mapa se sangue

Sobre as tábuas se esvaía,  
Um grito de dor, cortado,  
Pelo vento se partia,

O peixe liso passava  
Rente à ponte que se havia  
Coberto de luz e lágrima  
Que dos olhos dele descia  
— pobre Eulália que era virgem  
e que não mais o seria!

O peixe feriu-lhe o sonho  
No corpo que se perdia.  
Isto aconteceu no rio,  
No verão, num certo dia.

## *Em busca de novas águas*

Novas águas no remo  
Levam-me no rumo  
De um tempo mais farto.

Na tolda os meus trapos  
E as mãos do trabalho,  
Não tenho em tostão.

As águas me levam  
Ao país da fartura,  
Porque tenho os meus braços.

## *Um pássaro no ar*

Pássaro no ar, olhos abertos, canta  
Alto, a canção que o tempo lhe ensinou  
Nas matas da manhã, alegre, quando  
O coração reuniu as coisas todas

Dispersadas na música das folhas,  
No orvalho das estrelas e nas fimbrias  
Da garganta, nos galhos da ingazeira,  
Contidas, meditadas, no seu êxtase.

No céu aberto um canto canta o pássaro  
E assim retimbra a acentuação da música  
Entre as penas almadadas de cor ruiva.

Jamais lágrima amarga que degrada  
O ser participante, mas o pássaro  
Livre e cativo do seu canto sábio.

## *Romance dos bem casados*

– Já te faltou meu carinho?  
– Não, mas eu quero palavras.

Na fria noite de março  
Os corações se queimavam,  
Vinha o calor pelas mãos  
Dos dois que se acarinhavam,  
Se aqueciam com a paz  
Que os abrigava do frio,  
As águas negras fluíam  
Longe deitado no rio,  
A escuridão se vencia  
Com o ardor da lua cheia,  
Encolhidinho na chuva  
O vento mendigo errava,  
Toda a Amazônia molhada  
Sob as nuvens infinita,  
Das folhas tenras as águas  
Emanavam maravilha,  
Baixinho eles conversavam  
Sobre os enganos da vida.

\*

– Já te faltou meu carinho?  
– Não, mas eu quero palavras.

Eu quero saber se a flor

Se faz flor como florava,

Se ainda vibra em teus ouvidos

As canções que eu te cantava,  
Se minhas mãos fazem falta  
Sobre as tuas enlaçadas,  
Eras jovem como um talo  
Verde que se morde e suga,  
Eu era uma rosa clara  
Novinha mas já madura,  
Flor bem plantada entre as flores  
De todas a mais rosada,  
Repetia entre os dentes  
A voz revelando mágoa,  
Não me falta o teu carinho,  
Mas preciso de palavras.

\*

Na fria noite de março  
Asas leves de libélulas,  
Gotas d'água nos beirais  
Quebrados torçais de pérolas,  
Sons de incontida canção  
Brotando dentro das sílabas,  
Já não podendo conter-se

No peito as emoções nítidas  
Aconteceu entre os dois  
O milagre das palavras,  
Borbulhando como a chuva  
Que prepara as boas safras,

Transformando o frio em fogo

Que nas fogueiras arrasa,  
E eles então se entregaram

A sonhar um belo sonho,  
Feito de um rio de leite  
Correndo entre margens largas.

Ela falou-lhe convicta:  
— Agora não falta nada.

*Manaus, Chácara Lili,  
09/03/2004.*

5

**ERNESTO  
PENAFORT:  
AMETÁFORA DO  
AZUL**

Ernesto da Silva Penafort nasceu em Manaus, a 27.03.36, e faleceu no dia 03.06.92. Toda a sua obra poética – metaforizada no azul – está vazada nos quatro livros que publicou: *Azul Geral* (1973), *A Medida do Azul* (1982), *Os Limites do Azul* (1985) e *Do Verbo Azul* (1988), constituindo-se este último não só de inéditos mas também de uma seleta dos livros anteriores, além dos belos textos de poemas em prosa

e de contos, ali agasalhados, e que valorizam o volume. Foi ele sobretudo como que um romântico a demandar um sonho persistente e fugidio na concretude de um mundo em que *é proibido sonhar*.

**A ERNESTO PENAFORT**

Pra além do mar e além do azul  
e alémdos astros e das lúcidas estrelaso  
que há senão de novo o azul e os  
orbesgirantes que em seus vales nos es-  
peram?

Bem sei que o sabes mas é bom  
que ponhasteu sonho para além de todo  
o sonhoe mais alto a esperança e ainda  
mais altoo coração – desarvorada vela sin-  
grando esta onda azul em que  
seguimosfecundando o amanhã com nos-



... e nos atose reinventando em nós todas as coisas para esse azul geral que nós não vemos bem mais real que este fictício azul que nos envolve e em nosso olhar retemos

(De *Território Noturno* – 1982)

Ernesto Penafort é um poeta elegíaco a cantar as ruínas de algo está desmoronando à sua volta. Ou de algo que não chegou talvez a construir-se. O tom terno e triste do seu canto aponta sempre nesta direção, como a agulha imantada de uma bússola. Diria que há, mesmo, um certo acento bíblico, de lamentação, quase imperceptível, sobre a fragilidade do mundo que se esboroa à sua volta. O próprio eterno-feminino perpassa pelos seus livros mais como metáfora imprecisa de um mundo em agonia do que como realidade objetivada: “Ofélia será nuvem? / Ofélia agora é vento?”

É claro que o homem não explica o poeta, e que, ao focalizar-se uma obra, a vida de quem a realizou pouco ou nada tem a ver com o seu substrato. Pelo menos, em termos.

Há vidas, porém, que só podem ser compreendidas, em suas exatas dimensões, à luz clarificadora de seus textos. E é o que parece ocorrer, no caso.

Ao iniciar esta breve notícia sobre o poeta Ernesto Penafort, detenho-me diante de uma arguta observação de Jorge Tufic, sobre o mesmo: “Que força extraordinária sustenta esse jovem que um dia, na casa número 329 da Joaquim Nabuco, bateu-nos à porta e acabou entrando, como um deus, em nossas veias sequiosas de primaveras, de sangue novo? Depois de tantos anos, de tantas andanças e sofrimentos, jamais conseguimos substituir-lhe a imagem de ontem pelas rugas de hoje. É que vemos sôbolas pálpebras do andarilho obstinado, o brilho de um talento que as circunstâncias impediram de atingir, ainda cedo, a plenitude de agora”.

Assim foi, realmente. O esperado canto só viria a cumprir-se tardiamente, como que sob luzes de ocaso. Luzes belas, sem dúvida, ainda que seus brilhos mortiços já lhe prefigurassem a agonia.

Ernesto Penafort viveu toda a turbulenta década dos anos 60 no Rio de Janeiro e dela participou com o ânimo e a aura romântica dos que se entregam abertamente, ou quixotescamente, aos grandes sonhos – quase diria aos grandes sofrimentos, se acaso houvesse distinção possível na alma de um poeta entre os dois termos – ao ver-se incitado a viver a sua hora.

Nascido em Manaus, em 1936, e falecido na mesma cidade, em 1992, Ernesto Penafort, aos vinte anos de idade, ao viajar para o sul do país (indo viver primeiramente em Belo Horizonte), era já senhor do seu instrumental poético e fazia parte do Clube da Madrugada. Mas foi no Rio, ao clima de boêmia intelectual e política que então ali se respirava, que a sua substância lírica se deixou impregnar das tendências libertárias identificáveis, incidentalmente, aqui e ali, no corpo de sua obra. Sem maior ênfase. E sem qualquer propósito de engajamento. Mas também sem aquele tipo de alienação que leva certos intelectuais a fecharem os olhos à impiedosa dívida social do estado injusto e suas elites dementadas, como se vivessem no melhor dos mundos, com plena aceitação do *status quo*.

Por aquela mesma época, vários condiscípulos seus do Colégio Estadual, movidos por estímulos semelhantes, fizeram o mesmo caminho do poeta, a ele reunindo-se no Rio de Janeiro, agregados pelo sentimento gלבário. Encontrei-os ali em diversas ocasiões. Trabalhando, estudando, participando das atividades político-estudantis da UNE, inclusive representando-a no exterior. Eram eles Thomaz Antonio da Silva Meirelles Netto, Theodoro Botinelly, Nobre Leão, Flávio Freire da Costa, Roberto Braule Pinto, Antonio Constantino de Amorim e Mauro Tavares. À exceção dos dois primeiros, que se graduaram em Moscou, em economia e filosofia, respectivamente, todos os demais concluíram curso superior no Rio de Janeiro.

A referência circunstancial aos nomes desses conterrâneos e companheiros, ao evocar o contexto histórico em que decorreram os anos mais agitados (e algo dramáticos) da vida de Ernesto Penafort, deve-se a várias razões. Uma delas é que dois deles – Botinelly e Mauro – integraram também o Clube da Madrugada, com a particularidade de o primeiro ter sido um dos seus fundadores, enquanto Mauro Tavares teve a sua passagem pela entidade assinalada pela publicação de poemas seus no suplemento literário do CM.

Outra razão da referência decorre do desaparecimento, em circunstâncias misteriosas, de Thomaz Meirelles Netto, em 1974, cerca de dois ou três anos após seu regresso da União Soviética – crime que teria ocorrido, segundo versão circulante entre conterrâneos e amigos da vítima, quando Thomazinho se dirigia de ônibus para São Paulo, sendo retirado do veículo à altura de Barra Mansa e levado para Volta Redonda – ponto terminal de um destino trágico e até hoje envolto no mistério urdido por seus algozes.

Vistos, embora de relance, o contexto e a ambiência em que transcorreu parte significativa da vida do poeta, voltemos agora à sua poesia.

Dissemos alhures que Ernesto Penafort fez da poesia o caminho de todos os seus passos, a ela confiando-se, como os Quixotes de todos os tempos, guiado apenas pela persistente e sempre renovada miragem da busca do azul – símbolo e objeto de sua realização e de sua presença na terra dos homens, para usarmos a expressão com que Saint-Exupéry alude ao nosso planeta. Busca, enfim, em que gastou a sua vida, como que a perseguir o velocino de ouro, sem contudo privar-nos do legado de sua obra.

Com efeito, essa obra, sem ser extensa, é consistente, funda-se em valores eternos e honra a sua geração, inclusive em razão daquelas tendências libertárias a que já nos referimos, de passagem, e das quais o poeta se deixara impregnar no plano político-ideológico.

Para sermos exatos, no entanto, cumpre esclarecer que mesmo ao refletir essas tendências, Ernesto Penafort não dissimulava o romântico que era. E de tal forma que a face política de sua poesia, aquela que o vincula à sua hora, mostra-se de maneira quase imperceptível. Como quer que seja, trata-se de um componente presente em sua obra, ainda que de forma extremamente sutil, como se pode apreciar no poema *O Bandoleiro Azul* –

Urdido de muitas penascavalga o pó das estradas. Os cascos de seu cavalosó farejam madrugadas.

O seu chapéu de abas largas – telhado de seu olhar – abriga chuvas e estrelase horizontes por chegar.

Só uma rota o motiva: os caminhos que não de viratravés a redivivaação de sempre partir.

onde, como em outras peças que poderíamos tomar para exemplo, o que refulge mesmo é o poder de encanto da poesia. Poesia essa em que o azul está disseminado como motivação recorrente e roteiro para o inatingível. Ou para a cidadela ideal onde os peregrinos de todas as artes sonham abrigar-se, um dia. Com a diferença de que, no seu caso, Ernesto Penafort já se fizera hóspede e habitante do azul, por direito de berço, e tinha livre trânsito em todas as suas dimensões.

Efetivamente, toda a obra poética de Ernesto Penafort é construída em torno da recorrente metáfora do azul, como que a simbolizar a essência sagrada dos sentimentos que o moviam entre as mais díspares situações; tanto quando se lhe deparasse, em meio do caminho – à semelhança da lenda dantesca – a advertência drummondiana de que “neste país é proibido sonhar”... ou quando se lhe desenhavam no horizonte as doces licenças e as paisagens bandeirianas de Pasárgada.

## ANTOLOGIA

*Soneto*

noutros tempos, Olinda, eras futuro.

Sob sol e silêncio se descia  
ao vale, e o vale fértil pressentia  
a intenção dos abraços, além-muro.

Vieram ventos.choveu do intento puro  
o desejo de ser, no qual se cria:  
pronto a rosa entendida falecia  
sob sol e silêncio no chão duro.

Várias chuvas passaram, hoje banho  
noutras águas a vida, pois, de antanho,  
só a luz do teu rosto é que me ocorre,  
entre silêncio e sol, mas, como tudo,  
se incorpora, no tempo, a um fruto mudo:  
sob sol e silêncio nasce e morre.

(De *Do Verbo Azul* – 1988)

*Quase soneto a ofélia*

mascarei-me de sorrisos  
e nem assim, nos espelhos,  
sempre fiéis às imagens  
pude saber-me feliz.

Ó minh'alma chão pisado.  
ó campo onde a batalha  
há muito tempo travada

não causa olhares ao vento.  
O amanhã se apronta de hoje,  
pois o hoje me abandona  
para vestir-se de ontem.  
O passado dorme ao longe.  
Ofélia, por que baniste  
o vento para tão longe?

(De *Do Verbo Azul* – 1988)

### *Soneto do azul agônico*

A atmosfera do teu leito  
guindou-me para o teu ventre.  
Por isso te quero entre  
esta rosa do peito  
o lastro azul do teu leito  
que agasalha a madrugada,  
seja esta quente ou fria.  
(venho de longe e a cada  
instante sou mais desfeito.)  
não precisa haver mais nada  
pois guardo um sonho perfeito  
toda hora mais presente.  
– caravela tendo em frente  
o mar azul de agonia.

(De *Do Verbo Azul* – 1988)

## *Momento no bar*

A rota azul do teu peito  
Guindou-se para o teu ventre  
Em certa noite de vento.

Abrigo um sonho perfeito,  
Tendo como lastro um leito,  
Que agasalha a noite e o dia.

Nesta hora e em bar ausente  
Eu guardo um sonho desfeito  
Para o milagre da hora,

Cada instante mais presente  
– a caravela tendo em frente  
o mar azul da agonia.

(De *Do Verbo Azul* – 1988)

## *Momento no bar*

A rota azul do teu peito  
guindou-se para o teu ventre  
em certa noite de vento.

Abrigo um sonho perfeito,  
tendo como lastro um leito,  
que agasalha a noite e o dia.

Nesta hora e em bar ausente  
eu guardo um sonho desfeito  
para o milagre da hora,  
cada instante mais presente

– caravela tendo em frente  
o mar azul da agonia.

Enquanto a lua for calada e branca

Enquanto a lua for calada e branca  
eu serei sempre mesmo, este esquisito,  
este invisível vulto, apenas visto  
quando o vento, de leve, açoitada as folhas.

Enquanto a lua for calada e branca  
eu serei sempre o mesmo, apenas visto  
quando um raio de sol morre na lágrima  
que se despede de uma folha verde.

Eu serei sempre assim, apenas sombra,

apenas visto quando a voz de um gesto  
colhe no bosque alguma flor azul.

Apenas visto quando um fundo azul  
voar a garça ( o meu adeus ao mundo?),

enquanto a lua for calada e branca.

(De *Do Verbo Azul* – 1988)

### *Soneto do muro azul*

Na tarde já passada ainda presente  
está o vulto do amor inacabado.

Uma lembrança de asa que presente  
um vôo de garça atravessar, molhado,  
o olhar horizontal do poeta ausente



ao momento em que estava ali ficando.

Era de fato amor, e irreverente,

foi o seu gesto triste e tão lembrado.

Ambos se olharam. Desse olhar cruzado

ergueu-se o muro azul e transparente

que pelos dois jamais fora pensado.

A música é a culpada? e o olhar turvado?

na tarde já passada ainda presente

está o vulto do amor inacabado.

(De *Do Verbo Azul* – 1988)

6

**FARIAS DE  
CARVALHO E O  
PÁSSARO DE CINZA**

Nascido a 08.09.1930, em Manaus-AM, Carlos FARIAS Ouro de CARVALHO faleceu a 25.06.1997, em Niterói, RJ. Jornalista e professor de língua portuguesa e literatura brasileira em Colégio Estadual do Amazonas, Seus últimos anos foram vividos em Brasília – DF, onde exercera várias funções no Senado Federal. Sua obra poética está reunida nos dois livros que publicou:

*Pássaro de Cinza* (1957, com reedição revista e ampliada no ano 2000) e *Cartilha do bem sofrer com lições de bem amar* (1965). Foi um dos fundadores do Clube da Madrugada e um dos poetas mais populares e admirados do seu tempo. Foram seus pais o Sr. Francisco Farias de Carvalho e D. Edla Zeila Ouro de Carvalho.

## A FARIAS DE CARVALHO

(*Com alusões a Dante e a Pessoa*)

Eis que feito o silêncio a madrugada  
tomou-te o braço e caminhou contigo  
rumo ao Oriente e à estrela entressonhada  
pra pendurá-la sobre o teu jazigo.

Assim chegaste ao termo da jornada  
por este belo e provisório abrigo,  
a semear para além da pétrea estrada  
as sementes douradas do bom trigo.

Estou-te a ver chegando a uma outra Terra  
onde a plena visão se nos descerra  
e contemplamos o Infinito Amor.

O Amor que move estrelas e plantas  
e move a mão e o coração dos poetas  
a fingir que é fingida a própria dor.

(*De Solo do Outono – 2000*)

Ao inverter a seta do tempo e voltar, por milagre mnemônico,  
ao cenário onde decorreu a nossa juventude, na Manaus da segunda  
metade dos anos quarenta, temos diante dos olhos, de imediato, a bela  
Praça do Ginásio – ou da Polícia, ou do poeta Heliodoro Balbi – com  
suas sombras refrescantes e seu artístico coreto de puras linhas “art-

nouveau” – praça que sediaria, depois, nas décadas de 50, 60 e 70, sob as frondes de um mulateiro, o mais original dos organismos culturais de que se tem notícia: o Clube da Madrugada.

Foi ali que, já em formação a nossa pequena confraria, viríamos a conhecer Farias de Carvalho (Carlos Farias Ouro de Carvalho). Nascido também em 1930, ia ele pelos 18 ou 19 anos, era versado em inglês e espanhol, falando fluentemente esses idiomas, e destacava-se ainda por uma correta dicção de declamador.

Por essa época, começava ele a conhecer os melhores poetas modernos de língua espanhola, notadamente o chileno Pablo Neruda e o cubano Nicolás Guillén, cujas luzes, entre tantas outras, por longo tempo iluminariam a nossa juventude.

Uma vez chegado entre nós, Farias passaria a freqüentar também o “porão” do Anísio Mello, localizado nas proximidades daquela praça, na Rua Dr. Moreira, e que, em verdade, nada tinha de porão, sendo antes o pavimento térreo de um sobrado, onde dormiam os rapazes mais novos da família Soriano de Mello (Anísio, Pedro e Aristógiton) e onde freqüentemente nos reuníamos, num ambiente deveras polivalente, que era, a um tempo, ateliê de pintura, estúdio de música e oficina gráfica, dotada de pequena impressora (uma “Minerva” manual) e máquina de escrever. Ambiente em tudo propício à coesão e consolidação do grupo, já integrado por Guimarães de Paula, Jorge Tufic, Luiz Bacellar e Antísthenes Pinto. Todos já perdidamente iniciados nos mistérios da poesia.

Com a vinda de Farias de Carvalho, chegavam também àquela nascente confraria os primeiros sons da poesia de Neruda (*Quiero escribir los versos más tristes esta noche...*) e de Guillén (o cubano, tão bom quanto o espanhol): (*Ai, yo tuve una casita/ e una mujer./ La mujer murió de parto./ La casa se me enredó./ [...] Yo negro Simón Caraballo/ yá casi ni sé quién soy.../ La sarna me come en vida/ la reuma me amarra el pié./ Luna fria por la noche,/ madrugada sin café...*) Negro Simón Caraballo, personagem em quem o poeta caribenho encarnava a resistência e a força telúrica de

seu povo (bem antes de Fidel), era uma espécie de assombração e, sem dúvida, uma pedra de tropeços aos pés da tirania.

Em 1951, Farias de Carvalho estaria embarcando (com Antísthenes Pinto, Jorge Tufic e este escriba) em nossa primeira caravana, rumo ao Sul do País, levando nos olhos todos os sonhos da nossa juventude e a certeza de que continuaríamos a conduzir esses sonhos em nossas retinas por toda a vida.

Três anos depois, ocorreria um acontecimento de suma importância para a cultura em nosso estado: era fundado o Clube da Madrugada. E Farias de Carvalho era um dos seus fundadores. No bronze que assinala o evento lê-se esta inscrição: “Pois foi. Jovens se reuniram sob as frondes desta árvore. E aconteceu. Era madrugada. 22 de novembro de 1954. E fez-se.”

O triênio 1956/58 é particularmente significativo para as letras amazonenses, tanto em razão do aparecimento da “Pequena Antologia Madrugada”, organizada por Jorge Tufic e ensejadora da primeira visão de conjunto da nova poesia, quanto pela editoração de cinco outras obras, que romperiam definitivamente as amarras que nos mantinham presos a uma tradição e a tempo que não eram os nossos: *Pássaro de Cinza*, de Farias de Carvalho; *Varanda de Pássaros*, de Jorge Tufic; *Poesia Frequentemente*, de Sebastião Norões; *Sombra e Asfalto*, de Antísthenes Pinto, e *Aparição de Clown*, de L. Ruas.

O livro de estréia de Farias de Carvalho foi, sob vários aspectos, uma revelação e um marco assinalador de uma nova hora, que soava sob nova luz e novos tons. Luz e tons que, por sua vez, e por igual, enchiam de nova claridade e novos sons o vasto território onde toda uma geração de poetas, artistas e escritores chamara a si o desafio de pôr-se em dia com o seu tempo: tempo brasileiro e universal.

Foi de fato a partir daí que se começaram a ouvir as grandes notas da polifonia madrugadense (termo cunhado por Guimarães Rosa, num encontro com o grupo, em Manaus). É, pois, nesse contexto que Farias de Carvalho estrutura o seu canto e firma-se como uma das vo-

zes mais representativas da sua hora: generosa e libertária, de acentuada vinculação social, que desde logo o faz distinguido e amado por seus contemporâneos, mercê de um discurso – claro e direto – que sabe o caminho certo do coração. E nos comove. E nos faz solidários e fraternos.

Com efeito, a poesia de Farias de Carvalho destacou-se desde logo pela sua proximidade das fontes mesmas do cotidiano, das essências do dia-a-dia sofrido das gentes, em contraposição a certo nefelibatismo que caracterizara a fatura poética inicial de alguns de seus/nossos companheiros, movidos ainda pela forte herança romântico-parnasiano-simbolista de uma tradição que já se esgotara, mas que ainda respirava a largos haustos. Em uma palavra, a sua poesia já nascera transpirando vida, cheia das vozes das ruas e dos acentos humanos do coração. Lembro-me das primeiras impressões que seus poemas me suscitaram e que eu lhe comunicara em carta pessoal: era uma poesia boa de se ler: boa como o cheiro de casco de tartaruga chiando nas brasas, nas manhãs ensolaradas dos banquetes amazônicos.

(Nota de 25.06.97. São 22:00 horas. O poeta Farias de Carvalho encontra-se internado há cerca de vinte dias no CTI do Hospital Santa Marta, em Niterói (RJ), acometido de embolia pulmonar e complicações respiratórias, num quadro clínico que já se revela francamente irreversível. Semana passada, já traqueotomizado, ele melhorara sensivelmente e tivera alta do CTI. Foi então que Dadi, sua esposa, informou-me que ele melhorara um pouco e, naquele instante, lúcido, ouvia pelo “viva-voz” a nossa conversa telefônica. Enviei-lhe o meu comovido abraço e disse-lhe que eu e Nair rezávamos pela sua saúde. Agora, é a sua filha Graça quem nos dá suas notícias. Ele voltara ao CTI e os médicos acham que não sobreviverá a esta madrugada. Tive a impressão de que a notícia me ocultava o fato de que o poeta já havia partido. E pedi à Nair que ligasse ao hospital. Isto feito, ela identifica-se como esposa de um irmão do paciente. De um irmão do coração, acrescenta. Perguntam-lhe se está em casa e, só então, a informam de que ele fa-

lecera havia vinte minutos. Conferimos o relógio: eram 22:40. O poeta expirara às 22:20 horas. No dia seguinte, ele seria sepultado no cemitério de Itaipu, em Niterói. Aproveito o parêntese para o registro da Missa de Sétimo Dia, oficiada por sufrágio de sua alma na Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, na Rua da Alfândega, 54, no Rio de Janeiro, dia 02.07.97, às 11:00 horas. Belíssima. E participada por grande número de parentes e amigos. Seu irmão, Renato Augusto, ali presente, informa-me que o poeta deixara copioso material, em prosa e verso, inédito, e convida-me a ajudá-lo na seleção e organização dos originais, com vistas à sua futura reunião em livro).

Em 1967, viria a lume a segunda coletânea de poemas: “Cartilha do Bem Amar com Lições de Bem Sofrer”, com as mesmas apreciáveis qualidades da primeira, cessando aí, inesperadamente, a sua freqüência aos prelos editoriais. O que, aliás, não causa qualquer surpresa, consabidas que são as dificuldades com que se depara, no setor.

A poesia nunca foi para Farias de Carvalho algo desligado daquilo que ele entendia por função social do poema. O fazer poético jamais se lhe constituía em mero passatempo. Ele exercitava o poema como instrumento de ação social. E fazia-o, disse-me um dia, “para não explodir”. No timbre pessoal que o distingue é que realmente reside a importância de sua expressão nos quadros da moderna poesia amazonense.

Podem as gralhas recolher o bico e cofiar as penas, porque, apesar da forte vinculação ao social, Farias de Carvalho não era propriamente um engajado nas lutas políticas de seu tempo. A substância lírica que lhe permeava o tecido poético era de outra natureza e apontava noutra direção. O que não o impedia de erguer o látego, sempre que indispensável, contra o engodo e a vilania dos poderosos.

Não deixa, todavia, de ser curioso como, a partir de certo ponto, fica-se a um passo de um caminho minado, pelo qual é difícil transitar sem correr-se o risco de sair chamuscado, mesmo nestes tempos em que

as ideologias parecem mortas, senão apenas refluídas, e o seu fantasma já não assusta a ninguém... mas sobre o qual ainda se faz verdadeiro cavalo de batalha.

Um poema político há que ser, antes de tudo, um poema. Sempre um poema. Ou não será nem uma coisa nem outra. Farias de Carvalho pensava assim. Acreditava na poesia e no seu poder transfigurador. E mantinha-se eqüidistante e acima das irrelevâncias ideológicas. Em síntese: acreditava no “quanto mais poético, mais verdadeiro”. Amava a poesia. E amava-a sem discriminações nem restrições mentais de quaisquer espécies, desde que se tratasse dela mesma e não de sua contrafação.

Há em Farias de Carvalho um claro predomínio de acentos elegíacos, como algo que ele não consegue ocultar a si mesmo e que já se observa a partir do seu primeiro livro, cujo título – *Pássaro de Cinza* – ajuda-nos, com efeito, a compreender ou vislumbrar largos trechos da sua visão de mundo, notadamente o sofrimento humano, tema recorrente sobre o qual se debruça amiúde a sua sensibilidade, como a dizer-nos que, mais que acidental alusão à fênix mitológica, aquele título funciona como uma metáfora do canto que nunca morre, mas renasce perpetuamente das próprias cinzas. Cinzas do tempo. Cinzas das dores recorrentes no vale de que somos passageiros e que nos cumpre atravessar, iluminando-o, serenamente, com as luzes sacrificiais da nossa esperança.



## ANTOLOGIA

*Prólogo*

Desses mortos ocasos esquecidos  
chega-me agora o pássaro de cinza;  
de ontem são suas asas, de silêncio  
o seu bico pousado sobre a ponte

Entre o vencido vale e o bosque a entrar,  
bica-me o peito onde marés antigas  
jogam restos de mastros e fantasmas  
desses velhos piratas que ficaram

Tatuados na penumbra de olhos idos.  
E sem saber talvez do inútil intento  
ninha o vazio do momento, à espera

Da comida do sonho que ontem davam  
essas mãos que se foram, consumidas  
nesses mortos ocasos esquecidos...

(De *Pássaro de Cinza* – 1957)

*Acorrentado de silêncio velhos*

Acorrentado de silêncios velhos  
meu grito se fez lua, e me passeia  
vestido nas roupagens dessas noites  
onde pastam meus sonhos como ovelhas.

Às vezes, pendurado dessas horas  
que se acendem de faces e de bocas,  
neste ofício de mago e serralheiro  
rompe algumas algemas, e, – quem sabe?

Por um cochilo desses anjos negros  
inventava e monta essas palavras todas  
que me batem no peito como patas.

Essas palavras que me chegam, fiapos  
de lua e sangue e carne do meu grito  
acorrentado de silêncio velhos...

(De *Pássaro de Cinza* – 1957)

## *Soneto primeiro da infância*

Que gosto estranho e triste de alamedas  
de caminhos distantes e infinitos,  
de ecos perdidos, de longínquos gritos  
aos rebanhos do azul, inatingidos.

E que rumor de passos distraídos  
amassando manhãs pelos planaltos;  
e o sonho do pastor armando saltos  
aos rebanhos do azul, inatingidos.

E o menino sentado na amurada:  
toca de estrelas, mãos de madrugada  
pintando mundos nos vagões do cais;

Ah! O menino mastigando o rio,  
sozinho, nu, ah! O meu menino frio  
que não me alcança nunca, nunca mais!

## *Baú velho*

No baú velho do inconsciente  
mexendo papéis antigos  
achei um mapa de sonhos.

Pedi emprestado ao tempo  
as minhas mãos de menino,  
sentei num chão de memórias  
cruzei as pernas cansadas  
abri a caixa de armar  
falei de novo com o tempo  
pedi as pedras esparsas  
juntei o quebra-cabeça  
bati o pó e a saudade  
e comecei a jogar.

Num balet de simetria  
as minhas mãos de menino  
foram reconstruindo  
em sonho, mapa e distância  
a geografia física da infância:

Ladeira do Mercado, pedras soltas,  
o mundo todo girando, rodando e rebolando  
dentro da meia rasgada;  
quebrando vidraças, subindo as calças,

amassado, sacudido  
debaixo dos pés do time.

Trapiche antigo, molecada nua,  
dos Bares, da Miranda, dos Andradas,  
até os moleques que moravam mesmo  
num batente qualquer – de qualquer rua.

Saltos ligeiros, corpos gotejando  
pingos de rio e pingos de desejos:  
fúria que vinha inconsciente e pura  
nas estranhas e novas sensações  
das primeiras nervosas ereções.

Quintal cheio de sol  
linha zero esticada  
mão ligeira melada  
espalhando cerol.

Banda de asa no ar,  
braços fortes colhendo.  
Rabo e linha, quedooo!  
bota outro medroso...

Velha praça da Igreja dos Remédios  
do Monsenhor Oliveira e do Mane Sacristão;  
missa chata aos domingos, logo de madrugada,  
– as beatas rezando sempre a mesma oração.

Mane doido mascando  
Monsenhor celebrando

os moleques roubando  
o vinho e o sagrado pão.

Mas, estão faltando pedras,  
como é que eu vou trabalhas?

As mãos tristes do menino  
estão querendo parar  
— cansadas de tentativas  
cansadas de jogo inútil.

Acho que o quebra-cabeça  
vai ficar mesmo incompleto.  
Sempre um espaço a sobrar,  
sempre uma pedra a faltar.  
As mãos gastas do menino  
já não podem continuar.

Estão paradas no tempo  
cheias de pedras lisas,  
de pedras feitas de nada  
que não servem para jogar.

Estão paradas no tempo!

Ah! Tempo, tempo malvado,  
tempo, você me enganou:

Pedi o jogo emprestado  
pedi as mãos de menino  
mas juro que não sabia  
que você empresta sempre  
cobrando um juro tão alto!

Vou fechar meu baú velho.  
Carregue as caixas de armar.  
— Leve as ruas, leve os dados,  
leve as pontes, leve as bolas,  
leve as torres dos castelos,  
leve tudo, tempo, leve.  
Só quero que você deixe,  
impressas aqui neste mapa  
de sonhos e de lembranças  
as mãos gastas do menino  
que já estão ficando longe  
sujas de ocasos de infância  
sujas de você também.

Mas não me cobre este juro,  
você sabe muito bem  
que eu já não sei mais chorar!

(De *Pássaro de Cinza* – 1957)

7

**GUIMARÃES DE  
PAULA E OS  
REBANHOS DA  
FUGA**

Raimundo Gilberto GUI-  
MARÃES DE PAULA nasceu em  
Manacapuru, AM, a 3.11.32, e faleceu  
a 27.07.96, em Manaus. Era filho de  
Raimundo Nazaré de Paula e D. Palmira  
Guimarães de Paula. Foi poeta a vida  
inteira, sem chegar, contudo, a ver im-  
presso seu único e excelente livro “*Os  
Rebanhos da Fuga*”, fato para o qual, se-  
gundo penso, não há explicação razoável  
senão aquela de ir-se adiando indefini-  
damente para depois o que se poderia  
fazer em seu devido tempo. Como quer  
que seja, o que importa, em verdade, é  
que o seu belo livro está circulando e  
cumprindo, assim, sua destinação no  
mundo da cultura. Guimarães de Paula  
pertenceu ao Clube da Madrugada, des-  
de as primeiras horas, e foi funcionário  
da Petrobras – empresa a que dedicou  
praticamente toda a sua vida, até apo-  
sentar-se. Deixou viúva a Sr<sup>a</sup>. Marlene  
Guimarães de Paula e os filhos Gilberto  
Luis e Mônica Guimarães de Paula.

## A GUIMARÃES DE PAULA

Os Rebanhos da Fuga estão voltando  
ao secreto redil de que partiram.

Os seus velos dourados se curtiram  
ao sol dos dias: glória de onde e quando

o sereno pastor os foi tocando  
ao som da flauta – e então se dividiram  
por grupos ordenados e sumiram  
por longo tempo – e agora estão voltando.

Voltam harmonizados pela luz  
do ocaso e pela avena que os conduz  
junto aos pés e ao cajado do pastor.

Voltam transfigurados e mais belos,  
sob a luz que lhes doura os áureos velos,  
sob o céu elegíaco do amor.

(De *Solo do Outono* – 2000)

Dir-se-ia que nos conhecíamos desde sempre, de antes mesmo de iniciar-se a nossa amizade, nos idos de 1945, no velho Ginásio Amazonense D. Pedro II, ao identificarmos o nosso nascente interesse pela poesia. Daí por diante, e por toda a vida, foi sempre como se fôssemos irmãos – e o éramos realmente, em espírito e verdade, na fraterna estima que nos unia. Logo outros irmãos ampliariam o círculo de nossa amizade: Anísio Mello, Jorge Tufic, Antísthenes Pinto, Farias de Carvalho, Luiz Bacellar. E outros e outros companheiros que, ao depois, emprenderiam conosco as fascinantes aventuras do espírito. E fundá-



vamos grêmios. E partíamos em caravanas. E ampliávamos os nossos horizontes. E fundávamos o Clube da Madrugada – a partir do qual começou a correr um novo tempo. E em todos esses eventos Guimarães de Paula era presença constante. E houve tempo em que, depois de praticar o jornalismo no Rio e em São Paulo, conduziu ele, sozinho, por Belém e São Luís, a bandeira da renovação cultural que então em Manaus se vivia.

Como os demais integrantes do nosso pequeno grupo – autodidatas que desde cedo nos aplicáramos ao desbaste e polimento de nossas arestas – também Guimarães de Paula (30.11.32 – 27.7.96) teve de travar a sua luta pessoal com a palavra, no duro embate a que nos resolvêramos lançar, como personagens saídos das páginas de um Dumas Filho, e do qual ostentariamos depois as cicatrizes e as insígnias, a par da aptidão jamais esmorecida para os torneios trabalhosos das letras. Embora já distanciados do comportamento romântico que nos orientara os primeiros passos, mas ainda animados da mesma flama para os novos tempos e suas também novas asperezas, na reafirmação de uma profissão de fé que sempre incluiu, em grau pleno, a consciência de que ser poeta “é duro / e dura e consome toda uma existência”, como o adverte sabiamente o poeta maranhense e nosso amigo Nauro Machado.

Antes de situarmos a presença de Guimarães de Paula na cena aberta da nova poesia amazonense e o lugar que aí lhe corresponde, será necessário acrescentar alguns dados, eis que o objeto de nosso estudo não é só a obra, em suas características essenciais, mas também o homem e sua circunstância. Dados que nos ajudarão a avaliar o que foi a luta de sua geração, e a sua, em particular, para superar-se, superando as limitações do meio, e pôr-se em dia com as novas técnicas e os novos horizontes da arte poética de seu tempo.

Isso não foi feito senão através de muita pertinácia e alguns lances decisivos como os que culminaram nas duas caravanas, postas em andamento em 1951 e 1953, em que o nosso pequeno grupo, expondo-se conscientemente a todos os azares, resolvera sair como que em

demanda do velo-de-ouro, ou seja, de ver, no Sul, o que os nossos irmãos faziam e, em seguida, desenvolver esforços para a eles nos equiparmos em qualidade.

Acrescente-se, enfim, que Guimarães de Paula, tendo participado apenas da segunda caravana, foi dos que mais se demoraram pelo Sul e pelo Norte (Belém e São Luís), a intercambiar experiências e informações com as vanguardas artísticas e literárias dessas duas cidades.

Já não cabem neste texto maiores informações sobre as atividades profissionais que, a partir de 1956, o prenderiam à Petrobrás, por cerca de trinta anos. Evoquemos, antes, e por mais consentânea, a figura do lidador e do poeta que sempre manteve alta e bela a sua devoção à Poesia, ainda quando contingências as mais diversas o levaram a velá-la aos olhos da publicidade. E eis que se esbarra então na questão aberta de saber-se, em face da ausência de profissionalismo no setor, até mesmo quando e a que hora se deve publicar o primeiro livro.

Com efeito, mais de uma vez nos temos questionado hamletianamente sobre esse assunto. Publicar ou não publicar, eis a questão. Penso, a propósito, que, se Guimarães de Paula tivesse dado à estampa *Os Rebanhos da Fuga*, ao tempo em que o deu por concluído (e com ele obteve o Segundo Prêmio Prefeitura de Manaus-1976), dificilmente sua obra poética ficaria restrita a esse único livro. Outros, por certo, seguir-se-iam. É, pelo menos, o que me parece, diante de exemplos colhidos ao longo da vida e entre os quais se destaca, emblemático, o de Américo Antony, poeta de altos méritos, cuja obra, se não perdida, permanece desconhecida e, já agora, deslocada no tempo e do contexto em que se inseria. E o que há de gritante, no caso, é saber-se, com absoluta certeza, que o melhor de Américo Antony, ou seja, o que tem substância e marca de perenidade, permanece inédito em livro. Melancolicamente, o bom juízo nos diz que nada há a fazer para que se modifique esse triste estado de coisas. Tentar sensibilizar autoridades governamentais? Dotar-se o país de leis capazes de fomentar a cultura?

Esse devia ser o papel das academias. E o que dizer dos concursos? E das premiações que não contemplam a editoração das obras, ou traem vícios insanáveis de origem? O mais, como diria Fernando Pessoa, “é esperar por D. Sebastião,/ quer venha ou não”.

Esperar com a esperança de que na seqüência dos dias surja o dia em que as comunidades despertem, enfim, para as realidades maiores do espírito e para o inventário e a preservação do seu patrimônio cultural. Em suma: se vejo com extrema reserva as medidas governamentais, creio, no entanto, na iniciativa pessoal daqueles que se sentem verdadeiramente chamados a fazer alguma coisa – e efetivamente fazem com que ela aconteça.

Voltemos, porém, a Guimarães de Paula e sua poesia. Bela, impressionante e fluida, a um tempo.

Como os demais integrantes do seu grupo, marcados inicialmente pela forte herança romântico-parnasiano-simbolista, Guimarães de Paula iniciou-se pela rima e pelo metro. E teve de reformular-se totalmente para, já em 1958, aparecer dominando novas técnicas, novas formas de expressão poética e, enfim, uma linguagem capaz de ser entendida em todos os tempos e todos os lugares, como se vê dos nove poemas com que ele comparece na *Pequena Antologia Madrugada*, de Jorge Tufic.

Revendo o que eu escrevera, ao prenunciar-se a publicação de *Os Rebanhos da Fuga* – já lá se vão cerca de vinte anos –, vejo que os conceitos então emitidos permanecem válidos e atuais, reclamando, porventura, apenas, maior amplitude e complementação. Entre outros assertos, dizíamos ali que o Autor, pela depuração da essência do poema e a riqueza dos sons e das cores, associava-se aos poetas-pintores de todos os tempos. E assim é, realmente. Hoje, vemos que a vertente dominante do seu lirismo estrutura-se e mergulha fundamente na filosofia e no mistério do ser, vale dizer: na busca de entender e encantar-se com o espetáculo do existir.

Surpreender e captar e, mais ainda, capturar o instante-relâmpago da iluminação do poema e fixá-lo para a eternidade, parece-me ser a suprema virtude do poeta. E aquilo que o distingue do mero fazedor de versos. E isso ocorre com freqüência no fazer poético de Guimarães de Paula. Veja-se, por exemplo, o poema “Eternidade”:

*Os girassóis continuam girando depois de mortos.*

Tem este poema a concisão, a profundidade e a transfiguração de um haicai. Van Gogh, num campo de girassóis, depois de morto, deveria encantar-se diante deste achado. Seu grande poder de ternura é responsável por algumas páginas do mais suave lirismo que tenho lido e que ele deixa escorrer, com senso de medida e sobriedade, numa linguagem que, quanto mais contida, mais apta se revela na conciliação daquelas duas virtudes, antes apontadas, que nem sempre andam juntas: a depuração da essência do poema e a riqueza dos sons e das cores. Vejamos ainda estas duas amostras, colhidas na mesma fonte. *PÁSSARO MORTO* — *Na asa morta / o limite do céu. / Agora / só o canto adormecido / o ramo verde / e a intocada e tentadora semente.* *NATUREZA MORTA* — *Igual a um tapete / na velhice do solar / o limo cresce. / E — coração aberto — / sobre ele / uma rosa vermelha / adormece*

O tempo em seu perpétuo fluir sobre os seres e as coisas é que constitui a essência dessa poesia, substância de que se serve o poeta, como de uma matéria prima, um filão inesgotável de que tem extraído o melhor de sua produção. Ele reveste, na poesia de GP, como que as formas de uma personagem quase palpável, presente em tudo, circulando entre tudo, como agente que comanda as ações e em tudo imprime os sinais de sua passagem.

Guimarães de Paula não foi um artesão do verso à maneira de Bilac; foi antes um versifabro, um versilibrista consumado, cuja mestria transparece, em plenitude, quer nos *Poemas menores*, quer nas *Elegias* que fecham o volume. Tenho, aliás, diante dos olhos uma delas — a *Terceira* — que transcrevo, na íntegra, para que o Leitor perceba um fragmento do mundo de beleza e da dicção do Poeta:

*Porque não pude mais esconder o rosto  
choro a tragédia irremediável  
de ter sido máscara quando todos me julgavam face.*

*Agora é esperar as flores que meu morno abandono  
– em meio aos homens barulhentos e alegres –  
me ofertará em solidão, sal e renúncia.*

*Mas eu tive meu riso. Foi há muito tempo...*

*Só que hoje não distingo bem:*

*Meu riso e barba de meu avô se confundem.*

*Tudo é muito antigo e estranho: o aras cores, os sons... Só os cabelos do  
menino fluem, fluem, fluem se derramam como sol. E eu durmosolto, leve, sob  
um ar vermelhoquanto um cavalo verde relincha e bate os casco na super-  
fície de um lago gelado.*

*Tenho a impressão de que todas as portas estão fechadas.*

*Como se alguém acordasse manhã clara em meu corpo  
desejo antigo se insinua e oculto me leva inconsciente  
para as mãos do tempo, do intocado tempo,  
das promissões, das invenções e dos primeiros sexos.*

*(Oh! o menino louro... a beleza do mundo quase o cega!)E eu abro os  
braços no gesto convidativodos que ainda crêem no mundo e querem abraçá-  
lo, agora e amanhãsem começo e sem fim edepois no apósfebre, ardor, amor, não-  
pecado, não-pudor,ciclo, recicloem marés de orgasmo sob chuva de sêmen, pasto  
e repasto em chão de sementes ejectadasà espera do húmus que as  
transformaráem novas flores e frutos no êxtase final.*

*E, então, mais tarde, extenuadamente, como um sol de recomeço em  
rescaldo – a paz da carne oculta sob a lassidão do gozoprepara a rediviva  
Phoenix*

*que assegura a imortalidade do amor e a continuação  
[da espéciee se transmuta no som que reverbera  
e ecoa nas grutas do Tempo:*

*Ad aeternum reflorescerás, ó maravilhoso espetáculo  
[da Vida!]*

Com a vinda a lume de “Os Rebanhos da Fuga”, cumpre-se agora a destinação maior dos frutos do labor poético do autor, que é, em última análise, a de acrescentar-se ao patrimônio espiritual da sua comunidade. E isso vem de ocorrer, como que à semelhança de uma ressurreição, no momento mesmo em que o poeta encerra a sua caminhada existencial pelo planeta azul, onde sua voz continuará tocando os rebanhos em fuga para Deus.

Em 1981, ao escrever o prefácio a *Os Rebanhos da Fuga*, que só viria a ser publicado quinze anos depois, Jorge Tufic nos faz ver que a poesia de Guimarães de Pula estava a merecer um estudo mais longo e mais detalhado, em razão, esclarecia, dos elementos fortes e determinantes que ela continha no conjunto de sua saga.

Graças, porém, à pena atenta de Tenório Telles, o próprio livro que Jorge Tufic prefaciara – e que só seria editado em 1996 – já portava, ao sair, em seu posfácio, o estudo competente que se estava a reclamar para bem situar a obra do poeta dentro das amplas coordenadas do seu universalismo, vale dizer, das correntes estéticas de sua predileção ou de suas afinidades, como é o caso dos poemas dedicados a Van Gogh (Guimarães de Paula também era pintor), James Joyce, Holderlin, Frederico Nietzsche e Fernando Pessoa, em que evoca, respectivamente o crepúsculo de Arles, as rosas verdes de Estevam Dedalus, o mais divino presente que os deuses enviam aos homens, a consciência de existir da Eternidade e por fim o enigma dos heterônimos.

Trata-se, porém, de um livro-símbolo que Guimarães nos legou como que para dar testemunho de seu alto espírito e da atmosfera em que se comprazia a sua sensibilidade de escol. E por mais que sobre ele se escreva, sempre se encontrarão motivos para apreciá-lo sob novas luzes – eis que tudo nesse livro é relevante, ou seja, nele não se encontrará senão o que nos eleva e nos projeta aos planos superiores do espírito, como que abrindo-nos as portas da iniciação.

## ANTOLOGIA

## POEMAS DEDICADOS

*Crepúsculo em Arles**Para VanGogh*

De ouro, carvão e azul  
faz-se a imagem  
da vida desterrada de algum mundo  
sem humanos gestos  
e vontade.

É tarde porque é tarde  
e o sol não morre,  
sol saído de mãos  
sol de pincel  
(mais real e verdadeiro.)

Sob o céu lilás  
(indefinível)  
a tua face esquerda descoberta  
Arles  
— refúgio e musa,  
beijo e fogo –  
serena  
espera  
a longa noite que não vem.

(De *Os Rebanhos da Fuga* – 1996)

## *Para James Joyce*

*Ao Antísthenes Pinto*

O Poeta tem direito de dizer  
que possui uma rosa verde.

Quem pode negar que Estevam Dedalus  
cultivou uma, duas, três ou mil e tantas  
rosas verdes?

O poeta sabe fazer jardins  
E inventar rosas!

(De *Os Rebanhos da Fuga* – 1996)

## *Para Holderlin*

Vem com a noite  
nas asas da noite  
o mais divino presente  
que os deuses enviam aos homens:

Quando cessa a luta  
e o delicioso cansaço  
sucede o trabalho incompleto  
e o esforço vão  
a paz dá ópio ao sono  
e nasce o sonho  
em forma de anjo de estrela e de flor.

(De *Os Rebanhos da Fuga* – 1996)



## *Para Frederico Nietzsche*

Ao José da Costa Lima

Da certeza de que há sempre  
Auroras e pores-de-sol  
É que nasce a consciência  
De existires,  
Eternidade!  
Eu te amo,  
Eternidade!

(De *Os Rebanhos da Fuga* - 1996)

## *Para Fernando Pessoa*

Foste vários poetas  
Mas eles sempre foram tu, Fernando:  
Ricardo – o clássico,  
o Literário Campos,  
outros mais que nos amplos  
Paraísos da tua criação  
Nos mantêm te amando,  
Pois, chorando ou sorrindo  
(quer de verdade ou fingindo)  
Não sabemos se és tu ou os outros  
Que neste poema estás ou estão!

(De *Os Rebanhos da Fuga* – 1996)

8

**JORGE TUFIC:**  
**AS TENDAS DO**  
**CAMINHO**

Jorge Tufic Alaúzo nasceu em Sena Madureira, AC, a 13.08.30, filho de Tufic Jorge Alaúzo e de D. Faride Abrahim Alaúzo. É autor de vasta obra em prosa e verso, que já se conta por cerca de quarenta títulos, e detentor de vários prêmios literários e numerosas honrarias, atribuídos não só pelo Amazonas, mas também por diversas outras unidades da federação. É ainda autor do hino do Estado do Amazonas.

Pertence ao Clube da Madrugada, desde as primeiras horas, e a várias instituições culturais como as academias Amazonense e Acreana de Letras. Ao longo do estudo que se segue encontrará o Leitor o rol das obras do poeta e do escritor, pelo menos em parte, eis que vários títulos, como o seu *Curso de Arte Poética* (de 2002), não estão ali mencionados. É casado com a senhora Isabel Alencar Alaúzo e pai de dois filhos: Eliana e Jorge Tufic Filho.

## A JORGE TUFIC

As pontes já ruíram mas teu verso  
inda as sustém erguidas no ar de seu sonho  
em que celebras tua presença abstrata  
num chão que se transmuta a cada passo.  
As pontes já ruíram mas as águas  
que as banham são as mesmas em que um dia  
pendeu Narciso a face para a morte.  
As pontes já ruíram mas o sopro  
longínquo de uma flauta inda apascenta  
o habitante das tardes transitórias.  
As pontes já ruíram mas teu verso  
inda as perpassa num galope – e à face  
das rosas em suas bodas abismadas  
passa o clarão veloz das madrugadas.

(De *Território Noturno* – 1982)

### Parte I

## NOVA VISÃO DA POESIA DE JORGE TUFIC

Não compreendo poeta que não o seja por toda a vida: que tenha apenas passado pela poesia e pendurado a lira para sempre. Esses, em verdade, quase nunca me convencem, mas é claro que há exceções – poucas, por certo, mas as há – a exemplo dos que sorvem de um só trago a taça misteriosa da poesia, como os nossos melhores românticos Castro Alves e Álvares de Azevedo – gênios de morreram cedo, como dizia Edgar Cavalheiro, “para que a glória não viesse tarde”. Isso, porém, é tão raro como o surgimento de um Arthur Rimbaud.

Não é, todavia, de nenhum desses que me ocuparei agora, e, sim, de um poeta da vida inteira, cuja obra se faz objeto desta revisitação e cujo protocolo com as musas, firmado desde a sua juventude, mantém-se operoso e fecundo.

Trata-se de Jorge Tufic, poeta de ascendência libanesa, nascido no Acre, embalado, a partir da adolescência, pelas águas que banham Manaus, viajante experimentado de uma dúzia de brasis e, por fim, cidadão cearense por opção e consenso dos melhores da terra.

Conheço-o desde a juventude e partilhamos com outros companheiros da ânfora da aventura e, juntos, como diz Farias de Carvalho, colhemos a primeira tâmara do primeiro oásis, na rota das caravanas em que demandamos os reinos ocultos da poesia. Éramos cinco, então; somos os dois, agora. E nada, pois, me parece mais impositivo nem mais apropriado do que, mesmo de longe em longe, visitar a tenda oriental do poeta e contemplar-lhe os tesouros trazidos do reino. Para tanto, eis-nos à porta da tenda e à sombra das tamareiras, diante do areal sem fim.

Enfileirados ou suspensos no ar, estão os troféus colhidos nas batalhas e, logo à vista, o primeiro que ele inventou para os nossos olhos, castigados de sol e cansados de ver o já visto: uma “Varanda de Pássaros”, que inaugura um instante novo na poesia amazonense. “Na varanda de pássaros, o vulto/ acontece com rosas (...)”

Era o ano de 1956 – de grande significação, acrescente-se, para os destinos das letras em nosso Estado, mercê das valorosas publicações que a partir de então se fizeram e que não deixariam mais dúvidas de que um novo tempo começara.

Parece-me cabível abrir parênteses para louvar a prática dos que emitem juízos sobre poetas e poesia e, sempre que possível, buscam sustentar com exemplo o que afirmam, eis que, assim o fazendo, ensejam, pelo menos, ao Leitor, um contato mais substantivo, ou direto, com a obra focalizada, isto é: mostrando-a concretamente e não apenas em abstrato.

Isto posto, fica assente que nos socorreremos dos textos mais representativos de cada livro do autor, sempre que isso se revelar de proveito ao Leitor e à iluminação do texto.

## II

Ao publicar aquele seu primeiro livro, andava Jorge Tufic pelos seus vinte e cinco anos e era já nome conhecido nos círculos intelectuais de Manaus, inclusive como um dos líderes do Movimento Madrugada, entidade que a partir de 1954, conduziria o processo de renovação dos padrões artísticos e literários na capital amazonense.

Com efeito, já dois anos depois (1958) de sua estréia em livro, volta o poeta a brindar-nos com uma súpula de real importância da nova poesia amazonense, consubstanciada na “*Pequena Antologia Madrugada*”, onde, pela primeira vez, se elevam na paisagem, com suas novas vozes, seus novos timbres e novos tons, as notas que a partir de então assinalariam, ali, a presença de uma poesia absolutamente em dia com o que de melhor se fazia no Brasil e um pouco por toda parte.

Aos que vêm acompanhando o labor poético de Jorge Tufic, não terá passado despercebida a multiplicidade de ângulos pelos quais pode ser contemplada e / ou analisada a sua poesia e o quanto vem ela contribuindo para a presença – alta e bela – do gênero em nosso idioma, para não dizer em nosso meio.

Quando ousei enfrentar a esfinge e dei ao breve ensaio de então o título de “Jorge Tufic: Um itinerário do signo à linguagem”, notei desde logo estar diante de uma poesia que não se desvelava às primeiras miradas, não propriamente por ser esfíngica ou enigmática, mas, antes, por requerer ao Leitor algo mais do que uma leitura mecanicista, como a que se faz comumente do verso-só-verso com seu matraquear que a nada leva e do qual, em verdade, nada se pode esperar, por absoluta ausência da Poesia – essa deusa exigente a cujos reinos só têm acesso os chamados e escolhidos.

Pois bem. Desde aqueles primórdios, vem o Poeta construindo e diversificando os seus caminhos, percorrendo e iluminando as suas sendas e cumprindo, enfim, o itinerário que se traçara ao adentrar as terras-do-sem-fim da poesia, para ali tornar-se um dos celebrantes da divindade, como um dos cisnes de Apolo que, num momento ainda vivo, ergueram seus cantos sob os céus de Manaus, como sob os céus da Hélade magnífica, e honraram à divindade criando com seus cantos novo dia, para celebrar-lhe os feitos, propagando-lhe a grandeza e fazendo-se oráculos e ecos de sua voz.

E eis que um dia, sobre as águas negras, desatou-se-lhes o canto e, vindos de fontes e distâncias diversas, reuniram-se. E reconheceram-se entre si. E, juntos, cantaram. E tinham os nomes de Farias de Carvalho e Antísthenes Pinto. De Guimarães de Paula e L. Ruas. De Sebastião Norões. De Ernesto Penafort e Alexandre Otto. De Astrid Cabral e Elson Farias. De Jorge Tufic e Luiz Bacellar. De Max Carphentier e Alcides Werk. E outros. E ainda outros, cujos cantos se ergueram de entre os bosques e ecoaram pelos céus da Planície. Como Aníbal Beça e Thiago de Mello. E outros mais, aos quais, a seu tempo, ter-me-ei referido. Ou ainda o farei.

Agora, porém, é a vez de falar de um cisne que se encantou no reino da boiúna e hoje perlustra os seus meandros e percorre-lhe os rios com suas naus de assombração.

### III

Voltemos, pois, ao Poeta. Dizíamos que, enfileirados ou suspensos no ar da tenda, estão ali, à vista, os tesouros trazidos do reino. E são muitos. E valiosíssimos. E ele não cessa de os garimpar e trazer à luz, numa atividade que adentra o novo século, ainda operosa e radiante. Vejamo-los, ao correr dos olhos.

Além da boa prosa, em que se incluem contos, crônicas, ensaios, memórias e história, o poeta já nos brindou, desde a estréia vitoriosa, de

1956, com cerca de uma vintena de livros de poesia. Para os fins específicos destas notas, todavia, cumpre-me notar que me referirei apenas a uns poucos – e dos mais recentes – a fim de não me afastar, senão de passagem, do assunto que dá título a este estudo e em que se pretende focalizar uma nova visão da poesia tuficquiana.

Sirva-nos para exemplo a breve referência que a seguir farei sobre os quinze sonetos de *Retrato de Mãe*, que me parecem, pela temática, dos mais felizes da lírica universal, para não ficarmos apenas no nosso “rude e doloroso idioma” – eis que é todo constituído daquele “algo mais” que só se encontra ou só se nos revela nas verdadeiras obras-primas. Com ele, conseguiu o poeta plasmar em quinze sonetos o mais belo, tenso e límpido cântico de amor filial de quantos hei conhecido. Tive o privilégio da graça de conhecer Dona Faride – este o seu nome – mas, não obstante, é certo que também os que não tiveram tal dita não deixarão de sair da leitura e da atmosfera do poema um pouco assim como se também fossem seus filhos, ou seja, como se o Poeta houvesse resgatado para cada um de nós todas as palavras que não foram ditas. E é tal o poder de comoção que se escapa dessas páginas e são tais a ternura e pureza da expressão com que glorifica a pessoa simples e generosa que foi Mãe Faride, que passamos também a ter em seu filho um nosso irmão. Verdadeiro e querido irmão. Desses que tornam melhor a família humana.

Emme, como Jorge a chamava, deixara, ao partir, por assim dizer, um espólio singularíssimo, constituído só de gestos e lembranças gentis a iluminar-lhe o semblante e o suave sorriso oriental. E mais pungente não poderia ser o inventário feito pelo filho (no soneto X):

*“Que restara de ti, dos teus pertences?  
Um vestido de linho desbotado,  
um sapato comum, chinelo torto,  
e nada mais, ó nuvem, se restara.  
Tudo posto num saco humilde e roto.*

*Eu quis então medir esse legado,  
mas limites não vi para a tristeza.  
Davas a sensação de que o tesouro  
se enterrara contigo. E era tão leve  
quanto um sopro lilás, cantiga doce,  
mansidão perdulária, água de fonte.  
Como dizer-te verdadeiramente  
numa sílaba só? Que eternidade  
pode igualar-se à voz desta saudade?*

Vejamo-la agora numa cena do cotidiano familiar, de que tantas vezes fomos partícipes (Soneto XI):

*“Lentilha, azeite doce, o acebolado  
chia na frigideira de alumínio;  
a casa está repleta de convites  
para a janta frugal e acolhedora.  
Nos arredores brinca o vento: a cerca  
divisória, talvez, nada separa.  
Vizinhando quintais vozes fraternas  
cantam, mandam recados de ternura.  
Assim te vejo, mãe, rosto suado  
na lida da cozinha ou pondo a mesa.  
Terrinas de coalhada, o pão redondo  
a recender de ti, mais que do trigo.  
Calendário sem datas, chão de outrora,  
como tudo passou se tudo é agora?”*

#### IV

Creio que foi a partir de *Sagapanema* (1981) – e a prolongar-se por outros títulos, como *Cordelim de Alfarrábios* (I) – que se estabeleceu



uma dupla face no universo poético de Jorge Tufic, separando-se assim, com definitiva nitidez, os dois hemisférios ou as duas faces do vasto território coberto pela sua poesia. Diria, pois, que, enquanto uma das faces se caracteriza difusamente pelo universal ou pela ausência de cor-local, a outra se identifica precisamente por este último atributo, isto é: pela importância que o imaginário amazônico viria a representar na obra do Poeta.

É aí, nesses dois livros, que começa a erguer-se e tomar corpo a vertente ameríndia. E é aí, também, que o Poeta procede, por assim dizer, aos trabalhos de prospecção dos grandes rios da região, leitos da mãe-d'água e da boiúna, em discursos onde história e lenda caminham lado a lado, como águas que não se misturam.

É aí, finalmente, que mergulham, em definitivo, as raízes daquela vertente, até corporificar-se na tetralogia que tem suas partes iniciais – *Boléka*, a *Onça Invisível do Universo* e *A Dança do Arco-Íris* – reunidas em *Quando as Noites Voavam* (1999), vindo a completar-se com *Contam contam*.

Nas quase duas décadas que medeiam entre *Sagapanema* e *Quando as Noites Voavam*, a oficina do poeta continuou, pois, operosa e brilhante, como já tivéramos oportunidade de constatá-lo, quando nos advertimos – pobres de nós – da urgência de saudar o aparecimento do precioso volume a que nos estamos reportando e no qual Jorge Tufic nos reintroduz no universo mágico dos mitos e lendas amazônicas.

Com efeito, por ocasião do lançamento, em Manaus, e estando eu ali presente, impôs-se-me imperiosamente a necessidade de expressar, de público, ao Poeta a nossa alegria pelo tanto que significa, dentro de sua obra, o aparecimento de *Quando as Noites Voavam* – livro nascido para ficar na poesia brasileira como límpida expressão do lendário amazônico – e que nos é por ele apresentado como se fora uma simples fagulha desprendida de um enorme clarão. De uma imensa coivara.

E deu-se então que, sem restringir-me à significação do evento, colhi também o instante para atualizar minhas anotações sobre a varia-

da e extensa obra do autor. Obra essa que viera de ser acrescida, naqueles últimos meses de três novos títulos: *Sinos de Papel*, *A Insônia dos Grilos* e *Poema-Coral das Abelhas*, em torno dos quais nos permitimos desenvolver uma breve meditação, antes de penetrarmos o território mágico dos mitos amazônicos.

Trata-se, em verdade, de três livros que se incorporam ao patrimônio lírico da nossa língua e que, sobre testemunharem, mais uma vez, os altos dons do Poeta, têm como denominador comum, a distingui-los, no corpo da obra, de um lado, a economia verbal, refletida no trabalho do miniaturista, e que esplende nos cinquenta haicais de *Sinos de Papel*, e, de outro lado, o estado de permanente vigília em que o Poeta se mostra mergulhado, de modo a ampliar-lhe a capacidade de captação do que ocorre à nossa volta, como à volta do mundo, de um girassol ou de uma estrela.

Essa busca de salvar o instante para a eternidade do poema constitui, de fato, uma das marcas que vêm timbrando a sua poesia, desde *Varanda de Pássaros*. Nem tudo, porém, nessa busca, são fragmentações ou lascas que se desprendem, por assim dizer, da proa veloz ou do bojo incorpóreo do tempo, em sua passagem diante dos nossos olhos. Há, também, a contemplação e o discurso das coisas que não passam, desde sempre fixadas nas retinas humanas e nos labirintos por onde se perdem e se reencontram nossos pés e nossos passos, em seu vagaroso ou célere caminhar. É aí que vamos encontrar o filósofo que há em todo grande poeta. É aí que Jorge Tufic dá expansão à sua visão do mundo, em vastos jorros de sabedoria ou, se preferirem, de sábia poesia, notadamente nas “Odes ao que não passa”, última parte de *A Insônia dos Grilos*. São dez odes de grande expressividade, a começar por aquela em que celebra a sua própria presença no mundo, desde o mistério que confronta com as origens do próprio nome – “*Meu nome é o que sou / Avenas por trás de Babel, / Elasar, / Alauzo, / manto almiscarado, / paradas obrigatórias entre o sabor das tâmaras / e a curva dos lírios*”. E, em seguida, a soberba “Ode ao Bar”, em que restaura em nós as suas/nossas

multivivências e evocações do bar, desde a “*Sétima tenda de Omar Kayyám*” ao bar de cada semana ou de cada cidade (Manaus, Rio, Lisboa), com suas atmosferas e suas personagens. Ora, é o “Alex”, em Manaus, onde encontra “a inscrição da eternidade neste verso de Alexandre Otto: *Um pássaro tornou mais ampla a tarde*”. Ou no “Avenida”, onde instala com os companheiros a oficina literária do Clube da Madrugada. Ora, é no “Miramar”, no Rio, onde Ramayana de Chevalier “Sumiu na distância marinha, / voltando para nós entre sombras douradas”. Ora, ainda, é um boteco qualquer de sua cidade, onde deixa gravada sobre o mármore gasto uma sextilha que, diz, “ficou sendo o tûmulo dos néscios”: *O bar / é o lar / da vida / A vida / é o lar / da morte*. Ora, por fim, é o “Martinho”, em Portugal, onde estão Fernando Pessoa e Sá Carneiro...

Na foto (de agosto de 2002), os poetas Alencar e Silva e Max Carpentier à mesa cativa de Fernando Pessoa, no “Martinho das Arca-das”, em Lisboa, reverenciam o poeta de “Tabacaria” e tantos outros poemas ali escritos.

Refira-se, ainda, a bela “Ode à Tarde” e a “Ode aos Rejeitos do Canto”, em cuja última estrofe voltamos a encontrar a luminosidade e o assombro dos olhos de um poeta: “*O poeta sente medo dos homens. / Todos os poetas, aliás, têm medo dos homens. / Procuram esconder-se nas ruas do poema. / Incorporam-se à dor e ao sangue, / protestam e somem, cantam e morrem. / silenciosamente. Anonimamente. / Como José Alves da Cunha, / poeta do Bairro da Raiz, na obscura Manaus / dos anos cinquenta.*”

Pois bem. Não admira que com esse belo livro tenha Jorge Tufic conquistado o prêmio Ascenso Ferreira de Poesia do Nordeste, que acaba de ser-lhe atribuído pela Prefeitura dos Palmares e Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco, em comemoração do 104.º aniversário de nascimento do poeta Ascenso Ferreira, decorrido em maio deste ano.

O que há de admirável, no caso, é constatar-se que, na aridez e tumulto destes tempos, sobrevivem ainda instituições sérias voltadas para o reconhecimento e estímulo das manifestações superiores da criação literária e empenhadas em não deixar que elas desapareçam.

Quanto ao *Poema-Coral das Abelhas*, cuja dedicatória nos honra e comove, o tom que nele predomina é dado também pelos micropoemas – como os haicais e outros de inextinguível brevidade – onde o poder de síntese do poeta corre ao lado de outros de mais largo fôlego, como os sonetos autobiográficos com que abre e encerra a coletânea.

A essa altura, quando o renome do poeta já se estende por todo o território pátrio, em razão da genuinidade e significação de sua obra, justo é que o saudemos como um dos paladinos da renovação aqui operada a partir dos anos cinquenta, mediante a postulação de uma nova mentalidade e de novo modo de ver e viver do fenômeno da criação poética.

Efetivamente com ele e seu modo de transfigurar a realidade, um novo horizonte mental se descortinou entre nós e passou a exigir novos olhos para a sua captação, como quando a realidade poética em suas relações com a palavra faz com que esta transcenda, às vezes, o próprio significado e passe a existir no espaço do poema como lâmpada a iluminá-lo.

Sem descontinuar estas meditações, forçoso é notar que desde que Jorge Tufic deixou Manaus o meio poético local parece ter-se ressentido de sua ausência, da mesma forma que – coincidentemente ou não – ganhou mais vida e mais movimento aquele para o qual se transferiu: Fortaleza, terra que reúne hoje algumas das máximas expressões da poesia brasileira. E é dali que ele nos vem brindando sucessivamente com uma poesia que há de ficar como das mais importantes do nosso continente e do nosso século, notadamente no que entende com o imaginário amazônico, e se espraia pela identidade dos povos da América do Sul. Bendito, pois, o remo mágico que o levou a escapar-se das matas e rios longínquos para, em outros pagos, exaltar ainda mais os dons do verde e das águas e dos seres que os habitam.

É aí também que o encontramos solando em tom maior e sulcando os chãos da lenda, nos largos horizontes e na amplidão das paisagens por onde penetram, céleres, as patas do puro-sangue de sua inspi-

ração, habituadas aos grandes espaços, sejam os das areias sem fim, por onde andaram os pés dos seus antepassados, sejam os dos verdes infinitos, onde seus olhos se abriram para a vida.

Com o livro que hoje nos entrega – universo mágico que se revela a cada um de nós – Jorge Tufic atinge o mais alto estágio da criação poética: aquele, de total despojamento, em que a simplicidade – límpida e cristalina – remove-nos dos olhos todas as travas e nos faz ver como nos primeiros dias da criação.

Queremos, no entanto, por agora, apenas testemunhar a Jorge Tufic, pelo muito que este livro acrescenta a glória da poesia, o regozijo da taba agradecida, cingindo-lhe simbolicamente a fronte augusta com a coroa de louros dos campeadores e com o cocar ritual dos velhos chefes que nos fazem ver o invisível.

Aqui, porém, já começa outra meditação.

## V

Termináramos assim a saudação ao Autor de *Quando as Noites Voavam*, isto é, deixando subentendido que a partir daquele ponto outras cogitações já se agitavam em nosso espírito, como a pedir que não fossem esquecidas. E eis que agora as retomo para breves considerações sobre o poema “Que será de ti, Amazônia?”, que ali se assinala à semelhança de um obelisco de imperecível significação, como se fora um monólito coberto de inscrições, plantado no chão verde do Grande Vale, a chamar-nos a atenção para as ameaças que pesam sobre a região. E que já não podemos ignorar sem nos tornarmos cúmplices, por omissão, do que venha a ocorrer com a Amazônia, quaisquer que sejam os eufemismos sob os quais procurem mascarar a sua subtração à soberania nacional.

Nada nos parece, portanto, mais indicado nem mais oportuno do que ler o Poeta e meditar sobre as suas interrogações. Daí que, por sua indisputável importância, ocupamos o espaço final destas conside-

rações com a transcrição integral do poema, objetivando, obviamente, a que mais pessoas o leiam e assim se cumpra uma de suas finalidades – qual seja a de assinalar-se no tempo como luzeiro e apanágio da consciência humana, em sua caminhada sobre o Planeta.

Eis o texto do poema *QUE SERÁ DE TI, AMAZÔNIA?*:

Que será de ti, Amazônia,  
enquanto o homem que te desfruta  
considerar-te perene, imortal  
como se imagina um duende?

Que será de ti, Amazônia,  
enquanto se pensa no teu destino  
sem nunca separar-te dos interesses  
daquele que te golpeia,  
te reduz e te maltrata?

Que será de ti, Amazônia,  
enquanto se teima em desconhecer  
que teu reino se acaba  
onde a tua imensa vegetação termina?

Que será de ti, Amazônia,  
enquanto os cegos herdeiros  
do Lêmure implacável,  
buscam fórmulas vazias  
para explorar-te racionalmente,  
quando se sabe que os fins econômicos  
já são, por si mesmos,  
irracionais?

Que será de ti, Amazônia,  
enquanto não forem avaliadas tuas perdas

e teu desgaste  
em quatrocentos anos de falsa  
prosperidade para o homem;  
e de lenta,  
lentíssima agonia  
para os sonhos e as riquezas  
que te habitam?

Que será de ti, Amazônia,  
enquanto o índio que te protege  
e guarda os teus mistérios,  
continuar sendo reduzido  
e transformado em caboclo?

Que será de ti, Amazônia,  
enquanto o revolvimento de teu solo,  
à cata de minérios,  
envenenar os teus rios;  
e as toras de madeira submersas  
desabarem sobre ti  
numa queda insalubre e frenética  
de chuvas ácidas?

Que será de ti, Amazônia,  
enquanto o desmatamento e as queimadas  
transferem para os teus ares o sezão  
dos pântanos  
e a temperatura dos infernos?

Que será de ti, Amazônia,  
quando tuas lendas não tiverem mais  
onde pousar; e a doce flauta

do uirapuru  
quebrar-se numa profunda elegia  
sobre os rios que minguem  
e os areais que avançam?

Que será de ti, Amazônia,  
última página do Gênesis,  
quando os seres  
que fazem a tua escrita  
enigmática,  
mergulharem na usura  
que te rebaixa  
aos olhos do mundo?

Que será de ti, Amazônia,  
se continuas espoliada e sujeita  
ao voto  
que elege os teus algozes?

Que será de ti, Amazônia,  
cujo tamanho incomoda pela ausência  
de amor,  
e cuja perda nem mesmo um rio  
de lágrimas  
há-de chorar-te com justiça?

Que será de ti, Amazônia,  
navegável piscosa hidra mesopotâmica  
resistência dos fracos  
buzina dos ermos  
igaçaba de fogos-fátuos  
agora que teus peixes,



de há muito impedidos de crescer  
e desovar corretamente  
já não saciam a fome dos que  
nada fizeram  
para ver o futuro?

Que será de ti, Amazônia,  
grandeza física que,  
no entanto,  
pode caber dentro de um ninho qualquer,  
desde que ele tenha a leveza  
de tuas palhas  
e a úmida ternura  
dos ventos que te embalam?

Que será de ti, Amazônia,  
enquanto as crianças do globo  
não souberem te amar em plenitude,  
ou seja,  
do bicho mais rasteiro  
às frondes mais altas de teus bosques  
e teus igapós?

Que será de ti, Amazônia,  
se as fronteiras que te abraçam  
numa ciranda geográfica de isolamento  
e fraternidade,  
não aprenderem também a sentir  
o pulsar de teus mares sepultos  
e a beber, em tuas águas,  
a música das sombras?

Que será de ti, Amazônia,  
paraíso da natividade cósmica  
porto de lenha  
sertão de especiarias  
inferno verde  
berço do progresso  
refúgio de degredados  
sorvedouro de talentos  
remate dos vencedores,  
quando és, praticamente,  
a última baliza do verde  
com as terras-do-sem-fim?

Que será de ti, Amazônia,  
esfinge dos néscios  
apetite dos glutões  
motivo de inspiração e de escárnio  
natureza morta  
peixe colorido de estrelas importadas  
autofagia mítica  
cipoal de batalhas demiúrgicas  
aleijão vegetativo  
sementeira de aeronaves,  
agora que meia dúzia de sábios  
te colocam no banco dos réus e  
e te julgam  
em nome da ecologia?

Que será de ti, Amazônia,  
quando a própria ecologia,  
no sentido global e verdadeiro,  
deve partir da humanização urbana?

Não é fácil acreditar nas palavras  
de quem se declara a favor  
da natureza  
se cultiva a poluição  
e contribui para a miséria.

Que será de ti, Amazônia?  
Os tukanos pedem socorro.  
Ao fugirem das queimadas,  
eles invadem as cidades em busca  
de comida. Primeiro foi o homem  
das margens e terras firmes  
que se evadiu para sempre.  
Agora são as aves de tuas matas  
que se desfazem na escuridão.

Os nichos sagrados estão em chamas.  
Teu coração também se revolta  
e sangra, Amazônia.  
Fetos de carbono  
imitam pajés enforcados  
nas enviras do luar.

É este, a rigor, como o diz Sérgio Luiz Pereira, nas abas da capa  
do livro, “um dos mais sentidos e comoventes poemas já escritos sobre o  
planeta verde”.

Haverá esperança para a dor sem nome em que já se contorce a  
Amazônia? Será que as indagações do Poeta deverão multiplicar-se ao  
infinito, até que o próprio verde amareleça de vergonha? E os rios mor-  
ram e apodreçam? E uma raça infeliz se alimente de dejetos?

Urge lembrar que a Terra é obra de Deus e que ninguém ficará  
impune da ofensa que se lhe faça.

## Parte II

### O INTINERÁRIO EM RETROSPECTIVA

Volvamos agora os olhos, em retrospectiva, ao itinerário cumprido pelo poeta, desde os anos cinqüenta. Já faz, com efeito, largo tempo que vimos assentando as peças do mosaico do que se pretende ser um memorial da moderna poesia amazonense, em que se focalizam, além das obras, as circunstâncias históricas, ou factuais, que cercaram a vida de cada uma de suas figuras e serviram de fundo ao seu aparecimento na paisagem, no terceiro quartel do século XX, de modo a reconstituir, através de um variado mosaico, a ambiência em que os fatos relatados se desenrolaram. Não será excessivo frisar que se trata, neste passo, de matéria de memória – esforço de trazer à luz informações que, de outro modo, por serem únicas, ficariam perdidas para sempre. Este, realmente, o motor da ação.

Ao deter-me ante a figura de Jorge Tufic, ocorre-me de pronto que nos conhecemos sem que ninguém nos apresentasse um ao outro. Isto se deu na Biblioteca do Estado. Devíamos andar pelos nossos 18 ou 19 anos de idade e freqüentávamos aquela sala de leitura pelas horas da tarde. De posse do livro desejado, afundava-me numa das poltronas, sob as janelas que olham para a rua Henrique Martins, e dali só me afastava ao cair da tarde, quando o grande salão começava a tocar-se de penumbras. Era quando eu suspendia a leitura e passeava os olhos em redor. Despertara-me a atenção a quantidade de livros consultados de ordinário pelo ocupante habitual de uma das mesas próximas – jovem de ampla fronte e traços levantinos, que ao retirar-se deixava sobre a mesa grossos volumes. Um dia fui ver que obras eram aquelas. Tratava-se de livros de filósofos e poetas gregos, em sua maioria: Platão, Homero, Anacreonte e do *Childe Harold*, de Byron. Noutro dia, dei-me a conhecer. Disse-lhe já haver lido alguns daqueles livros e de minha inclinação para a poesia, do grêmio literário de que participava e das reuniões no

polivalente “porão” do Anísio Mello. Por seu turno, disse-me ele ser poeta e jornalista e co-proprietário de um pequeno jornal – O Tempo – de formato tablóide e frequência mais ou menos regular. Para sintetizar: em breve, ele passava a frequentar o “porão” e fazia o seu ingresso na SAEL – Sociedade Amazonense de Estudos Literários, criada a partir de uma cisão no Grêmio Cultural Álvares de Azevedo, um dos tantos em que se reunia a mocidade estudiosa de Manaus, aos ares benfazejos da sonhada democratização do país e numa hora de intensa inquietação, prenunciadora das transformações por que se ansiava e para cujo advento – como agentes ativos – os jovens de então se preparavam. Ao ser-lhe dada à palavra, para dizer a que vinha, o poeta levanta-se e diz, com voz cava: “Senhor Presidente, declino da honra de falar-vos, pois levaram-me a lira”... A lira a que o poeta aludia era, em verdade, um volumoso calhamaço de poemas, que um dos colegas, por pândega, escondera...

Foi, pois, num tal quadro que Jorge Tufic viu-se integrado à mais jovem intelectualidade da capital amazonense, onde chegara por volta dos doze anos de idade, vindo de Sena Madureira, Acre, cidade em que nascera e para a qual os seus ascendentes libaneses haviam emigrado na primeira década do século. O poeta já morava, com os pais e o irmão, na Avenida Joaquim Nabuco, 329, casa acolhedora em que passamos também a reunir-nos e que, depois, seria por ele reconstituída e fixada nas páginas do volume de memórias *A Casa do Tempo*. (Como não evocar aqui a figura gentil e generosa de sua veneranda Emme – dona Faride – a desdobrar-se em providências para obsequiar-nos o paladar com os milagres que brotavam de suas mãos? Jamais comi quibes mais saborosos nem feijões como os seus).

Há algo mais a referir, antes de ocuparmo-nos da obra realizada pelo poeta de *Varanda de Pássaros* em quase meio século de beneditino labor, de indesviável entrega ao seu ofício, e que se desdobra por variados e harmoniosos caminhos de poesia. De fato, cada livro seu é uma estação diferente no itinerário bordado de signos em que vem caminhando e iluminando o seu tempo.

Houve tempo, naqueles idos, em que acreditei que os que vinham de longe para um país jovem como o nosso eram sempre portadores de algo novo e tinham por certo algum ceutil a acrescentar à herança dos séculos. Foi o que me ocorreu dizer um dia – vai longe – ao Jorge, ao discretearmos sobre as então reduzidas possibilidades do nosso grupo.

Dizíamos então ao sutil babilônio, como se nos fosse dado devassar os véus do futuro, ser ele, entre nós, em razão da herança genética e da longa tradição cultural que lhe servira de berço, o que mais provavelmente viria a acrescentar aquele ceutil ao patrimônio espiritual da nossa comunidade, ainda quando outros mais o fizessem, como tributo da nossa geração.

Vemos hoje que aquele vaticínio não se situava longe da verdade, então apenas intuída e que o tempo se encarregaria de confirmar.

Jorge Tufic trouxe, efetivamente, para o meio cultural em que foi transplantado uma contribuição genuína de semente caída em terra fértil.

Essa lhe foi, por certo, a circunstância decisiva. Não houvesse uma espécie de determinismo cósmico que, somado ao estado de ebulição e inquietação da juventude, move as gerações contra as estratificações e a ordem estabelecida, fazendo-as avançar sempre mais – é certo que esse estado de coisas se prolongaria e, no caso, o poeta ficaria a ver navios... Mas, não. No primeiro a passar ele embarcou. Como bom fenício. Como bom marinheiro. Como descobridor de novas terras.

Foi assim também que, movido pela sede de desconhecido, ele empreendeu as suas primeiras viagens de adulto – eis que, quando infante, já viajara pelo Acre e rios da região e experimentara, de algum modo, o pânico e os dissabores de um naufrágio em que a família perdera tudo.

Foi em 1951 e 1953 que se realizaram aquelas viagens – ou *caravanas*, como as denomináramos – em que demandamos os brasis sulinos, no afã de superar as angustiosas contingências locais, que a

ausência de universidade superlativara, encurralando a juventude entre a debandada e a aceitação pacífica do *status quo*.

Num texto antigo, do qual não guardo talvez senão o título (*Jorge Tufic: um itinerário do signo à linguagem*), dizíamos que o poeta de *Chão sem Mácula* era senhor de uma poesia que não se entregava facilmente ao Leitor nem se lhe desnudava ao primeiro olhar, em decorrência do que há de contido na sua expressão, jamais lhe permitindo qualquer transbordamento.

Efetivamente, quantos lhe têm estudado a obra são acordes em reconhecer-lhe não só as excelências da linguagem, a densidade do verso e a mestria da técnica, mas, ainda, aquele *mais* que, de repente, na instantaneidade de um relâmpago, nos põe diante dos olhos o mestre consumado que sola em todos os tons e pulsa com todas as notas do espírito e do coração.

Isso patenteia-se, uma vez mais, e definitivamente, no desempenho perfeito alcançado em sua mais recente obra (*Agendário de Sombras*), publicada em separatas do jornal “O Pão”, de Fortaleza, números de março e agosto/96 e abril/97.

São sessenta e um sonetos lapidares, em que o poeta evoca e celebra os eventos do cotidiano da infância, da juventude e da maturidade e as sombras iluminadas dos vultos que com ele cruzaram pelos caminhos da vida ou que o acompanharam de algum modo ao longo do itinerário poético. Dir-se-á que às virtudes já proclamadas veio somar-se a mais excelente entre todas: a simplicidade.

Dizíamos que seu saber-fazer se desdobra por variados e harmoniosos caminhos de poesia. Isso vem desde a auspiciosa estréia com *Varanda de Pássaros* (1956), passando por *Chão sem Mácula* (1966), *Faturação do Ócio* (1974), *Cordelim de Alfarrábios* (1979), *Os Mitos da Criação e Outros Poemas* (1980), *Sagapanema* (1981), *Oficina de Textos* (1982) e *Poesia Reunida* (1987), até chegar a *Boléka, a Onça Invisível do Universo* (1995) e ao *Agendário de Sombras*.

Autor também de numerosa e boa prosa (conto, crônica, memória e ensaio), Jorge Tufic está hoje com o seu barco fenício fundeado em Fortaleza, território sagrado onde armou a sua tenda para unir seu canto aos dos melhores da terra, numa hora de intenso brilho da poesia cearense (da mais alta que se pratica e cultua no país) e na qual, só para mencionar uns poucos, além de um Gerardo Mello Mourão, destacam-se figuras do porte de José Alcides Pinto, Francisco Carvalho, Luciano Maia e Virgílio Maia e toda uma brilhante coorte de poetas empenhados no resgate da dignidade da Poesia, neste fim de século. E bom é sabê-lo integrado ao tom e ao som do que se faz, ali, de melhor. Sempre a acrescentar-se. E a abrir novos caminhos e novas frentes no dilatado panorama de sua obra poética.

Com efeito, ao revisitar os mitos da criação e trazê-los para a intimidade da sua poesia, já vinha Jorge Tufic, de há muito, perlustrando as terras do sem-fim e integrando em seu universo poético o riquíssimo lendário amazônico. No caso, porém, de *Boléka* – que o guinda a uma posição de eminência na abordagem desse mundo mítico –, o próprio poema foi incitá-lo dentro de um sonho. Isto mesmo: o poema ou seu arquétipo, sob a figura de um índio, foi falar-lhe em sonho (ao sonhar, o poeta, que lia os textos de Barbosa Rodrigues e Brandão de Amorim) e transmitir-lhe a força “para uma terceira versão do mistério”.

Concebida desta forma e na mesma fonte em que Raul Bopp bebera e plasmara *Cobra Norato* (só que servida agora de águas mais abundantes e provindas da região do Rio Negro), é dentro dessa ordem de idéias que o autor nos revela a gênese de *Boléka, a Onça Invisível do Universo*. Esse livro, de grande beleza plástica, ao retomar os caminhos abertos pela boiúna antropomórfica do mestre Bopp, incorpora-se (como continuação) e entra a fazer parte da tradição boppiana, à qual, de fato, só têm acesso verdadeiros continuadores.

Que nos resta dizer? Em verdade, bem mais, sobre as muitas faces da sua poesia, a começar por alguns aspectos formais da sua experiência concretista e sua concepção da Poesia de Muro. Na área do



concretismo, por exemplo, depois de levar seus experimentos aos limites extremos da palavra, “pintando”, por assim dizer, uma paisagem bucólica com apenas três vocábulos –

Odecampobode.

Jorge Tufic leva tais experimentos ainda mais longe, mediante a inclusão de elementos extraverbaís no texto poemático.

E no que toca à Poesia de Muro, experiência de que participaram também outros poetas do Clube da Madrugada, foi ele figura de primeira plana, pela primazia que lhe coube no desbravamento do terreno, como seu primeiro teórico e praticante. (Mas essa é outra história. Melhor contada noutra capítulo.)

Por agora, e para compensar a pobreza do nosso texto, já que deixamos de iluminá-lo e enriquecê-lo com as inumeráveis pedras de toque que se disseminam por seus livros, nada mais nos resta senão encaminhar o leitor, sem mais tardança, aos textos do poeta, a seguir transcritos, a fim de que por si mesmo possa constatar os seus altos méritos, ao ficar frente a frente com a beleza da palavra escrita: aquela que, ao mostrar-se aos nossos olhos e soar aos nossos ouvidos, fulgura e ressoa com o prestígio da lenda e a reminiscência de tempos imemoriais.

E aqui se fecha o círculo iniciado a partir daquelas tendas que o Poeta vem erguendo pelos caminhos. E onde, enfileiradas ou suspensas no ar, esplendem as preciosidades trazidas do reino.

ANTOLOGIA

*Ode amarga ao espelho*

Que me respondes, amigo  
do quanto em mim desposso,  
de quanto mordo, de quanto  
meu ser desfruta e não vê?

Que te impede, superfície  
de aço polido, coberta  
por algas virgens e noite  
de me fales falando?

Deixo rolar, cristalino  
maduro fruto de pranto  
sobre teu peito – e te quebras  
com certo estranho fragor.

(Junto do chão teus pedaços  
como quem junta a si mesmo  
junto vigílias, e o tempo  
de que faço meus olhos.)

E ainda agora não falas.  
Mas dessa extinta couraça  
geras a esfinge perfeita  
que um ar de espelhos devolve.

## *Na varanda de pássaros*

Na varanda de pássaros, o vulto  
acontece com rosas, e o perfume  
longe, preso na aurora que lhe brota  
em sangue da manhã que fora um dia

vigília. Os jarros enchem-se de cores  
lábio após lábio as pétalas recendem  
a convite. Por dentro as fontes descem  
relva e cristais sonhados em miragem.

Por momentos o vulto lava o mundo  
derramando das mãos estrelas vivas  
sobre ruas mendigas de esperança.

Por momentos o vulto encerra o mundo  
e anda por toda a casa se buscando  
quando a noite lhe nega a cor dos olhos.

(De *Varanda de Pássaros* – 1956)

*Possível soneto à Dalva*

Dalva, o seu nome. O resto, uma cidade  
e nela o meu orgulho. Uma janela  
e Dalva no ar de sonho que flutuava  
sobre tudo; um vapor, uma agonia!

Deu-se então, como às vezes acontece,  
o inevitável: mágoa? Alumbramento?  
Foram ver-me no quarto. E que tristeza  
havia que eu não via em meu semblante?

(Que balões de mil cores pela noite  
pintados pela febre!) O doutor veio  
e disse: muito doente. Atrás do vidro

a imagem redourada de uma lua  
— igual a um forno — e nele o fogo brando  
como Dalva em meu peito, a consumia.

(De *Varanda de Pássaros* – 1956)

9

**LUIZ BACELLAR:  
UM ARTÍFICIE  
AUXILIAR DA  
CRIAÇÃO**

*L*uiz Franco de Sá Bacellar nasceu em Manaus, AM, a 04.09.1928, filho de Francisco H. Bacellar e D. Maria de Lourdes Franco de Sá Bacellar. Tem exercido numerosas atividades intelectuais, tais como professor de história da música e de literatura de língua portuguesa. Foi fundador do CM e da UBE-AM e pertence a várias instituições culturais. Seu livro de estréia – *FRAUTA DE BARRO* – que obteve o Prêmio “Olavo Bilac”, da Prefeitura do Distrito Federal, de 1959, foi publicado em 1963, pela livraria S. José, Rio de Janeiro. Seu segundo livro – *SOL DE FEIRA* – distinguido com o Prêmio Governo do Estado do Amazonas, de 1968, foi editado em Manaus, 1973, pela Ed. Umberto Calderaro. Toda a sua obra, que, além dos livros acima citados, inclui, ainda, *PÉTALAS DO CRISÂNTEMO* (haicais) e *QUARTETO* (antes publicado com o título de *Quatro Movimentos*), e vários inéditos – está hoje (desde 1998) reunida em volume único intitulado *QUARTETO*. Volume esse que, em suma, só pode ser descrito como um dos mais belos e altos instantes da poesia brasileira. Da mesma forma que *Sol de Feira*, pelo seu labor, associaria o poeta como que à corporação dos artífices auxiliares da Criação.

A LUIZ BACELLAR

Pelas horas mortas  
 Ao luar baço do teu passo  
 Vais por ruas tortas.

(De *Crepuscularium*)

Com Luiz Bacellar, remontamos em alguns instantes às origens clássicas do nosso mais puro lirismo, assim tomado o termo em suas grandes coordenadas universais: aquelas que o fazem atravessar como um rio os momentos mais altos da história da língua luso-brasileira, provindo de suas fontes plasmadoras mais remotas, até desembocar com as suas mesmas características no plano tumultuário de uma poesia que, pelo seu caráter multifacetado, de certo não dispensa o laboratório experimental.

Por essas características que a tornam inconfundível e através das quais podemos sentir como que as mutações que se vêm operando ao longo dos séculos na dinâmica do nosso belíssimo idioma, é que identificamos em Luiz Bacellar um clássico, ou seja, um artista que, conhecendo todos os segredos do seu ofício, a ele se entrega tranqüila e proficientemente, consumando-o com aquela atenção a que não escapa o mínimo detalhe.

Não é esta a primeira vez que intentamos uma abordagem da poesia de Luiz Bacellar. Nem sabemos se será a última. Tanto pelos ângulos que ela nos oferece como pelo bem mesmo que nos fazem as visitas aos seus altiplanos, ao seu mar-alto, às suas fontes, às suas grandes e pequenas construções, aos seus recantos citadinos e periféricos, pelos quais tantas vezes teremos passado, em nosso passo distraído, sem os ver e sem sentir o secreto apelo que nos dirige em seus assomos inesperados.

É que, em sua companhia, estaremos invariavelmente imersos numa densa atmosfera poética e num clima de magia verbal. Dentro da multiplicidade dos tons e subtons de que ele se serve para a regência de suas grandes páginas.

Efetivamente, por onde quer que avancemos na leitura de *Fruta de Barro* – obra laureada com o Prêmio Olavo Bilac – 1959, da Prefeitura do Distrito Federal, mas só publicada em 1963 – iremos penetrando um universo em que a riqueza das formas e dos ritmos como que harmoniza os cenários e os diferentes planos sobre os quais o poeta opera o seu poder criador.

Cumpre notar, que essa multiplicidade de tons e de planos constitui, na verdade, um dos traços característicos do autor: aquele que o revela como um incansável freqüentador de formas e fórmulas. Não no sentido do que ele ainda não achara, mas, no do requinte mesmo a que só se pode entregar o dosador consumado, apto a propor novas soluções. Aquele que experimenta. Que cria. Que faz. Que recria. Que pode caminhar longamente numa só direção, mas pode igualmente dividir-se e multiplicar-se por muitos rumos.

Ele é, por excelência, o poeta de sua cidade, mas é fora de dúvida, que é também um dos mais admiráveis cantores do mar e dos seres e coisas que o habitam. E é igualmente um consumado intérprete da natureza – seja como paisagista, a transmutar em canto as estações, seja como miniaturista, ao nos comunicar as essências e sabores, formas e cores e sugestões musicais das frutas brasileiras, com elas compondo, pela originalidade e alto labor, um dos mais belos momentos da poesia brasileira.

Passemos em revista, pois, ainda que a largos passos, alguns desses domínios.

Como poeta de sua cidade, Luiz Bacellar atinge o seu ponto culminante com a *Balada da Rua da Conceição*, poema que é a um só tempo crônica urbana e memória da infância, ao sabor das evocações à maneira de Casimiro (*Meus Oito Anos*) e de Bandeira (*Última Canção*

do Beco). Trata-se da biografia de uma rua, apanhada na hora dramática de sua demolição.

*Vão demolir vinte casa na Rua da Conceição...*

Rua de que nos fazemos instantaneamente moradores e que se fixa impressivamente em nossa memória, numa espécie de simbiose em que as dimensões de tempo e espaço se fundem numa só postura eterna, animada pelo sopro mágico do poeta, que nos toca e nos devolve a um tempo-espaço-infância, onde tudo se transfigura sob o foco de poderosa luz. E faz-se, por um instante, recorte de eternidade, residência daquela nossa porção que nunca morre. Ou que luta por não morrer.

Toda a primeira parte de *Fruta de Barro* está impregnada da presença da cidade. De suas ressonâncias. De sua história. De suas histórias. De sua humanidade.

Já nas *Quatro Epístolas*, que constituem, em si mesmas, pela sua amplitude e inteireza, um livro à parte dentro desse precioso volume, mostra-nos o poeta o seu largo fôlego, a sua capacidade para a execução dos mais severos esquemas e o seu sentido de ordem, refletido na planificação do trabalho a executar. Trata-se de um poema subdividido em sua primeira feição em quatro blocos de 4+10+4+10 sonetos (*Das Estações, Carta Pastoral, Noturna e Carta Náutica*), dentre os quais muitos podem disputar a primazia com os mais primorosos e mais altos da língua. Vinte e oito peças antológicas. (Na segunda edição, são eles trinta e três. Número em que se conservariam ao se destacarem (em 1975) do livro-casulo para constituir volume independente, sob o título de *Quatro Movimentos* – sonata em si bemol menor para quarteto de sopro, com partituras do maestro Nivaldo Santiago, e agora subdividido em blocos de 4+13+4+12 sonetos, correspondentes, respectivamente, à *Carta das Estações (allegro)*, *Carta Pastoral (andante)*, *Carta Lunar (adágio)* e *Carta Náutica (largo)*).

É aí que nos encontramos com o paisagista, o pintor do mar e da natureza que é Luiz Bacellar. É aí que o encontramos compondo em tom maior e a reger os seus poemas sinfônicos. É aí que podemos obser-



var o virtuose, o artista na plena posse do seu instrumento e da sua expressão. E é aí, finalmente, que poderíamos colher os elementos necessários à sua filiação, por assim dizer, às melhores tendências da chamada “Geração de 45”. Isto se quiséssemos forçar uma conceituação naturalmente dispensável, visto não se tratar de uma escola, mas de uma reunião de tendências, nem sempre concordantes entre si, embora tocadas pelo caminho de um refúgio comum: o verso, novamente. O verso e a ressurreição de uma de suas mais populares e também mais cultas estruturas: o soneto. Fato que terá levado Mário Faustino (ele próprio um sonetista admirável) a forçar a expressão e considerar a célebre geração “meia dúzia de bons sonetos” e nada mais.

Se já nas *Quatro Epístolas* (agora, *Quatro Movimentos*), com as quais, como um grande portal mágico, se fecha o volume, a técnica do artista vai a alturas poucas vezes alcançadas na poesia brasileira, esse mesmo apuro técnico e essa mesma competência instrumental ressurgiriam, depois, e se confirmariam, plenamente, em *Sol de Feira* (1973), outra obra-prima saída de sua oficina.

Nesse poema, que está destinado a um lugar à parte nos quadros da poesia brasileira, o que logo salta à vista é a arte do miniaturista, da qual, em verdade, já nos dera competente amostra na série dos (10) *Sonetos de Bolso*. Trata-se, como no-lo informa o próprio autor, de uma “obra escrita com intenção de servir de texto para uma suíte de danças brasileiras”, com motivos “tirados do folclore alimentar da região amazônica”, em que as nossas frutas experimentam uma transposição magistral para o plano da poesia. E esplendem em toda a força de suas sugestões e do mistério que as fecunda e lhes dá forma e sabor, aroma e cor. Mistério, afinal, que não é outro senão o mesmo que nos envolve e responde pela vida do planeta. E que o poeta celebra e traduz na mais bela oferenda jamais feita ao Sol, farol de Deus cujo foco rege o nosso destino.

A esse poema, de claras intenções musicais, atribui o autor implicações numerológicas que lhe adensariam o mistério, sem, no entan-

to, torná-lo hermético. Podemos, não obstante, ler-lhe os 48 rondéis, de que se compõe, sem cuidados excessivos. Linearmente, inclusive, pois, ele basta-se a si mesmo, na eficiência e nas sugestões que saltam do próprio texto. Eficiência e sugestões que são lições de equilíbrio e nos fazem meditar sobre quão variadas são as posições que se podem assumir diante da poesia e o que pode esta representar para o homem.

Isto, porém, não é tudo. Seria, antes, o mínimo que se poderia dizer desse poema, ao tentar situá-lo em suas reais dimensões. Em sua real significação – que outra não é senão a mesma que se escancara aos nossos olhos e que nem sempre sabemos ver. Quero dizer que este é um dos que costumo chamar de poemas de Deus, que andam disseminados na Natureza, como a dizer-nos amorosamente que estão aqui porque nos são úteis e atendem à realização final das mais caras intenções da Divindade a nosso respeito. Ou seja: aquilo que a suprema sabedoria tudo dispõe de modo a que venha a ocorrer em seu devido tempo, segundo as suas mesmas disposições e leis que regem o nosso Planeta como parte de um Universo que se nos vai tornando mais e mais familiar. Diria pois, para ficarmos apenas no chão em que pisamos, que é simplesmente inabarcável por nossos sentidos a vastidão da beleza que nele se contém e que, para referi-la e exaltá-la, fora mister o concurso de muitos e muitos cérebros privilegiados de artistas, poetas e cientistas. Ou seja: de pessoas capazes de ver, entender e explicar o quanto de belo, de bom e de verdadeiro há diante de nossos olhos sem que quase nunca o vejamos, entendamos o expliquemos, senão como se fossem obras do acaso, quando o são, em verdade, nascidas das mãos da Mãe Terra e do princípio criador que a tudo preside neste mundo de Deus.

Estas considerações me ocorrem no momento mesmo em que faço uma releitura do livro *Sol de Feira*, de Luiz Bacellar – livro que guarda em suas páginas, como em precioso escrínio, toda uma coleção de jóias poéticas que honra e engrandece a poesia brasileira.

Com efeito, por mais importante que seja o que já se escreveu e se fez – inclusive na esfera musical – para celebrar esse livro do poeta

amazonense, penso que ainda assim se estará em débito para com o autor, visto que *Sol de Feira* inscreve-se, com especial relevo, na categoria das obras de arte voltadas e votadas à celebração – este é bem o termo – das maravilhas do pomulário brasileiro e amazônico, nas linhas melódicas de um poema.

Não é esta a primeira vez que me ocupo deste livro de Luiz Bacellar, mas será, sem dúvida, aquela em que o faço como quem se aproxima de um receptáculo de partículas sagradas, que é, de fato, com o que ele mais se assemelha.

Neste livro, o poeta elegeu as frutas de sua terra para objeto do seu canto e tema de uma infinita partitura musical. E descreve-as e retrata-as com a perícia dos poetas pintores que sabem mostrá-las em suas formas e cores, aromas e sabores, servindo-se unicamente da palavra – matéria-prima que em suas mãos ganha o poder de presentificar e dar vida às coisas de que trata – um pouco assim como se estivesse ele presente ao ato de sua criação, sob a forma de energia solar, como um dos artistas executores da palavra – do *faça-se* inicial – e aos quais tem estado cometida a função superna de artífices auxiliares da Providência.

Convido o Leitor a tomar em suas mãos os frutos celebrados e ver a perfeição de cada um deles. Que esmero! Que elaboração, há, por exemplo numa banana. Desde a arquitetura e engenharia do cacho e a distribuição das palmas, até, por assim dizer, ao acabamento final do produto: o invólucro da casca que a agasalha e protege. Impossível imaginar *embalagem* mais perfeita nem mais prática. E o mesmo ocorre, *mutatis mutandis*, com as demais variedades do pomulário universal, postas diante dos nossos olhos, como que para sinalizar o chão por que passamos em direção à Fonte de todas as fontes, à Origem de todas as origens, até, talvez, que cada um de nós, a seu devido tempo, intua ou descubra aquela secreta ou escancarada intenção da Divindade de nos revelar, por todas as formas de suas manifestações, o mistério maior de Seu estar-entre-nós. Desde quando tudo começou. Desde que todas as coisas foram feitas.

Em síntese, Luiz Bacellar compôs um daqueles poemas de Deus disseminados na Natureza. E aí conservados como resquícios do Paraíso.

## ANTOLOGIA

A Lua é um touro oculto atrás das nuvensdeixando ver os áureos cornos fora:os ventos são seus fôlegos e a aurora faustoso holocausto desse touroque governa as marés e o catamêniodas virgens (que poder tens sobre mim?)Cobri a meus olhos tão funesto agouro,ó fofas nuvens! Bem depressa! Assim...Isis, Istar, de Artêmis arco ebúrneo,foice argêntea de Ceres, suave nádegailuminada de uma ninfa nua:tudo isto podes ser. Pra mim agoraés um touro irreal que me acomete,ó pluriforme e poderosa lua!

(De Quatro Movimentos)

Três Noturnos Municipais

### *Noturno da praça da saudade*

Os mortos dançam, sobre o soalho escampo  
Travestidos – ali bebe um chinês;  
E um cruzado, que sua sob o arnês,  
Valsa co'a dama antiga em suave arranco.

Vão pelo tabuleiro preto e branco  
Sem rainha, torre ou bispo, pois, em vez  
Das clássicas figuras do xadrez,  
É arlequim, colombina e o pierrô manco.

O Cemitério da Saudade a cada  
Um dos defuntos que ali se enterrou  
Acorda na funérea mascarada.

Mas tornam – luz! Som! Flor que revigou!  
Ao mofo, ao pó, à névoa fria, ao nada,  
Quando os galos clarinam madrugada...

### *Noturno do bairro dos tocos*

Há tanta angústia antiga em cada prédio!  
Em cada pedra nua e gasta. E agora  
Em necessário pranto que demora  
O amargo verso vem como remédio

Pelos sonhos frustrados em cada hora  
Da ingaia infância. Madurando o tédio  
Nos becos turvos, porque exige e pede-o  
Inquieta a solidão que assiste e mora

Em cada tronco e raiz, calçada e muro:  
Chora-Vintém, O-Pau-Não-Cessa. \* Impuro  
Se derrama um palor de lua morta

Nas crinas tristes, no anguloso flanco:  
Memória e angústia fundem-se num branco  
Cavalo manco numa rua torta.

---

\* Nomes de beco.

## *Noturno da rampa do mercado*

As luzes das barcaças sonham ventos  
 Quando em águas propícias e serenas  
 No cansado ancorar brilham pequenas  
 Em almos lucilares cismarentos...

O rio e a noite expandem seus lamentos  
 E os mastros tristes são candeias plenas  
 De oleosas saudade e de penas  
 Sirgando macilentos barlaventos...

As águas encrespadas pela brisa  
 Gravam na praia úmida do pranto  
 Das órfãs de afogados o seu canto.

Gregoriano canto, que, em precisa  
 Cadência, vai ecoando em cada peito:  
 Deixai-nos descansar: tudo está feito.

(De Fruta de Barro – 1963)

Rondel I ou da pitanga

gracioso arbustode folhas brevestodo adornadode frutos  
 levescomo as caboclasdo meu torrãoe as notas loucasdo meu violãorubras  
 miçangasrubis talhadosde viva corsois vós pitangascristalizadosbeijos de  
 amor.

## Rondel III ou da graviola

graviola, posto que viola grave, de aroma e gosto de arpejo suave; em vindo agosto que a chuva laveteu verde rostopra bicos de ave; pevides brevesna polpa, nevesde arminhos reais, são semibrevesdesses teus levelessons palatais.

## Rondel X ou do abacaxi

com teu cocarde verdes plumasferoz te aprumaspara lutar:feres a mãoque corta as cruasdouradas puasdo teu gibão abacaxi, topázio agreste, cristal-farol: cada rodelada tua polparevela o sol.

## Rondel XXVI ou do cupuaçu

Cupuaçu  
 és soberanos  
 do pomulário  
 americano  
 num cofre pardo  
 guardas com ciúmes  
 raros sabores  
 vivos perfumes

urna selvagem,  
 ubre silvestre,  
 moreno seio,  
 tanta delícia

tua curva crosta  
retém no meio

Rondel XXVII ou do figo

a que mistérios  
tu, figo, aludes?  
teus hemisférios  
dois alaúdes —  
música e formas  
plástica e cor  
em que transformas  
o teu sabor:

teu mel que abelhas  
vão coletar

(ruivas centelhas  
bailando no ar)  
é grato acorde  
a quem te morde



10

**L. RUAS:  
UM CÂNTICO  
MAESTOSO**

*L.* Ruas (Pe. Luis Augusto de Lima Ruas) nasceu a 28.11.1931 em Manaus e faleceu na mesma casa em que vivera toda sua vida. (Av. Joaquim Nabuco, 1638). Eram seus pais o Sr. Horizontino Ruas e D. Emília de Lima Ruas. Seu currículo escolar revela um estudioso em toda a linha, tendo desde os 12 anos formado seu espírito nos seminários de Manaus, de Fortaleza e do Rio de Janeiro, onde desenvolveu intensa atividade intelectual, notadamente como presidente do Centro Acadêmico São Tomaz de Aquino, seminário do Rio Comprido (RJ). Ordenou-se sacerdote em Manaus, em 31.10.1954, em cujas instituições de ensino lecionou numerosas disciplinas, como Teologia Dogmática, Francês, Iniciação Artística e Psicologia. Foi vigário de numerosas paróquias. Em 1964, já integrado a linha de frente do Clube da Madrugada, como um dos seus mais brilhantes animadores, é preso por 40 dias, sob acusação de subversão, tempo em que, não obstante o sofrimento causado pela usurpação da liberdade, realizou a tradução de *Une Saison en Enfer*, de Arthur Rimbaud, que sua mãe lhe fizera chegar às mãos. Sua obra literária, além do livro de estréia – e que estréia! – *Aparição de*

*Clow*, poesia (1958), inclui crônicas e ensaios: *Linha D'água* (1969), e *Os Graus do poético* (1979), e, novamente, poesia: *Poemeu* (1965).

A primeira amostra da poesia de L. Ruas (Pe. Luiz Augusto de Lima Ruas) foi-nos dada em 1958, ano de grande significação para a poesia amazonense, com o aparecimento da *Pequena Antologia MADRUGADA*, em que o poeta Jorge Tufic, seu organizador, nos oferece, nos sete poetas ali reunidos, a primeira visão de conjunto dos novos quadros da poesia amazonense, ou, como se lê em sua apresentação, “uma nítida visão do que tem sido o trabalho deste grupo que, há cerca de três anos, se organiza sob a égide do Clube da Madrugada”.

L. Ruas está ali representado por quatro poemas – *Versos à margem de um poema de Rainer Maria Rilke*, *Sinos*, *Possível Noturno em Lá Menor* e *Evocação da França* – aos quais retornei, muitos anos depois, para com brilho nos olhos, constatar quão pura, quão autêntica e definitiva me parece essa pequena amostra de sua poesia! Poesia que conserva inalterado o mesmo primitivo frescor e o mesmo sopro de eternidade que lhe infundem os valores que informam todo o labor intelectual de seu autor.

L. Ruas forma na linha de frente do modernismo amazonense, já em razão da participação no *movimento madrugada*, desde as primeiras horas, já pela notável contribuição expressa em sua poesia.

Como ocorre com todos os verdadeiros artistas, poetas e escritores, L. Ruas deixa impresso, definitivamente, em toda a sua experiência convertida em expressão artística, o selo pessoal da identidade própria, chancela sem a qual ninguém pode aspirar à cidadania universal que as letras e as artes conferem a seus representantes.

Quer isto significar que estamos, efetivamente, diante de um grande poeta e escritor. Diante de um dos temperamentos intelectuais mais notáveis e mais completos/complexos já surgidos entre nós.

Sua linhagem espiritual, tanto quanto nos é possível vislumbrar através de exame fragmentário de suas obras, é a que vem dos grandes pensadores e artistas cristãos, desde o maravilhoso Vidente de Patmos

até aos mais próximos de nós, como um Léon Bloy, um Charles Foucauld e um Jacques Maritain, um Claudel e um Exupéry, um Tristão de Athayde e um Antônio Carlos Villaça, um Jorge Lima e (sob um outro aspecto) um Carlos Drummond de Andrade – que são, os dois últimos, entre os poetas brasileiros, os que, segundo penso, terão exercido, por assim dizer, sobre a sua poesia as influências (se de influências se trata) mais salutares, a eles vinculando-se o poeta amazonense por aquela espécie de parentesco ou afinidade eletiva que aproxima determinados espíritos e os faz falar o mesmo idioma.

Difícil é resumir em poucas linhas a multiplicidade de traços que lhe compõem a personalidade. Difícil e, ao mesmo tempo, providencialmente desnecessário, posto que ele mesmo, em tudo o que escreve, se encarrega de revelar-se por inteiro ao leitor, como síntese acabada do tremendo e solitário combate em que se esculpem e se estruturam as personalidades humanas definitivas. O homem e sua face verdadeira. O homem e seu mistério irreduzível. O homem e seu caminhar pela floresta dos signos. E, enfim, o seu espetáculo. Único. Porque inconfundivelmente único.

Também de 1958 é o livro de estréia de L. Ruas: *Aparição de Clow*, poema cristão – ou crístico – dos mais belos que já se escreveram e que o autor quer que seja “um ato de adoração ao Cristo quando Herodes o chamar de louco”. Poema que considero o seu *magnum opus* e de cujo foco luminoso ousou aproximar-me agora, dezessete anos depois, e não sem uma ponta de temor. Não de que se possa trair em exagero e superestima a admiração que voto ao extraordinário texto, mas, sim, de que a tarefa esteja além do meu alcance, dada a realidade estonteante e quase inabarcável desse poema verdadeiramente belo e *maestoso*, e de brilho arrebatador.

Disse que se trata de um poema crístico. Mas ficou implícito, também, que não se trata de um poema fácil, que logo se entregue à nossa fruição. Ao contrário. Diria mesmo ser este um texto tremendamente difícil e labiríntico em seu maravilhoso hermetismo, visto que os

seus vários segmentos luminosos podem, com efeito, confundir-nos (numa leitura menos atenta) e fazer-nos caminhar por seus desvios, afastando-nos, conseqüentemente, de seu núcleo, de seu tema fundamental, de sua significação humana e divina, assim como se em vez da estrada real tomássemos por atalhos que apenas nos deixassem perceber, ao longe, o rumor e as luzes da festa...

E é este o grande desafio que o poema nos propõe. Ou lhe identificamos os símbolos, ou sua chuva não nos molhará.

Começa pela circunstância de que por ele perpassa inominadamente o espírito do Cristo, que é a um tempo sua respiração e seu mistério fundamental.

Como identificá-lo, se seu nome não é uma só vez modulado? Na alusão dos signos? Nos símbolos? Na atmosfera prestigiosa do poema? Certamente que sim. Inclusive porque uma tal forma de mostrar-se – a um tempo incógnita e inconfundível – era/é, porventura, a mais consentânea com o feitio e a doce índole do Mestre. Não foi assim, porventura, na antemanhã da ressurreição? E assim também na estrada de Emaús? E no caminho de Roma? E no episódio da pesca milagrosa (*E nenhum dos discípulos ousava perguntar: Quem és? sabendo que era o Senhor.* [João, XXI, 12])? Tenho para mim que é assim também que ele perpassa pelo poema. E que podemos adivinhá-lo na figura do pássaro ferido, *vagando antes que surja a madrugada*. Na hora em que não é dia nem é noite. No lusco-fusco crepuscular. Na hora da luz azul.

É bom que se tenha presente, no entanto, que a Poesia é também um pássaro, estrela ou fonte. E que o poema é também um hino à Poesia. Da mesma forma que é um ato de adoração ao Cristo.

Temos, aí, portanto, as duas intenções, os dois segmentos ou impulsos básicos do poema – pólos cuja distinção se impõe à atenção e sensibilidade do leitor interessado na compreensão plena do texto, porquanto uma leitura meramente hedonística, além de ser chuva que não molha, poderá, com efeito, fazer-nos tomar, equivocadamente, aquelas duas realidades por uma só.

Dir-se-á que para isso concorrerá a própria complexidade do poema. Sem dúvida. Mas deve-se ver que, no caso, a complexidade e seu teor de mistério são positivamente elementos consubstanciais ao poema, à falta dos quais este não se consumaria, da mesma forma que a impossibilidade do perfume frustraria a perfeição da rosa.

É claro que um poema é o que é, e até o que não é; nunca, porém, o que poderia ser. Assim, no primeiro caso, o poema é (o que é): o que a compreensão plena do seu texto nos revela. No segundo, ele é (o que não é): o que o mistério da leitura nos sugere. No terceiro, ele não é (o que poderia ser): o que não está expresso nem sugerido no seu texto. Ou, ainda: No primeiro caso, teremos mergulhado em sua realidade. No segundo, apenas vivido a ilusão do mergulho. No terceiro, porém, teremos ficado completamente por fora da realidade do poema, circulando-lhe à volta, longe da possibilidade ou da ilusão do mergulho, a tentar impossivelmente captar-lhe uma realidade que não é a sua.

Donde se infere que somente uma leitura eficiente nos possibilitará a compreensão verdadeira do poema de L. Ruas, seguidas as indicações subliminares que ele mesmo nos fornece. Será preciso, por exemplo, atentarmos duplamente para a advertência do poeta, num dos pontos culminante do poema: *“lê de novo o poema. desce. vai ao fundo. / (...) não te afadigues. / o ritmo do meu nome é longo. maestoso. / quando souberes quantas rosas floriram / na paisagem perdida e de novo descobrires / o sonho inquieto e a aurora prateada / alegre-te então. pois caminhas certo / rumo ao mistério inexprimível do meu nome.”*

Quem fala assim é ainda a Poesia, por cujos pés misteriosos (*de fauno grego ou de arcanjo bizantino*) o espírito humano movimenta-se no ritmo apolíneo ou na dança dionisíaca.

Nesses dois mistérios, o da Poesia e o do Cristo, estarão os pólos do poema de L. Ruas. E é por ambos que nos virá a salvação: pela condição de cativos do pássaro ferido (*ser livre em essência é ser cativo*) ou pelo incessante modelar daquela chama que nos queima a alma e as mãos, sem deixar que se perca uma só de suas fagulhas:

“pois uma delas pode ser a luzque salvará tua face passageiraquando raiar o sempiterno dia.”

A salvação – eis o sentido profundo da aventura do espírito. Eis o supremo anelo da condição humana. Eis o substrato do poema de L. Ruas.

Creio que muito se há de escrever sobre esse grande e torturante poema, cuja extraordinária plasticidade, aliás, não faria senão a fortuna do artista que se decidisse a transpô-la para a linguagem das tintas. Ou recriá-la em seus traços.

A obra de L. Ruas, longe de esgotar-se nesse poema, estende-se pelo ensaio, gênero em que já nos deu os volumes *Linha d'água* e *Os Graus do Poético*, e prossegue com *Poemeu*, coletânea de poemas em que nos reencontramos com a sua grande poesia e de cuja apresentação fomos o privilegiado subscritor e cujo texto transcrevemos a seguir, por refletir com precisão o nosso pensamento a cerca do Autor – pássaro de altos remígios silenciado quando ia em pleno vôo. Ei-lo, em sua integra.

Não será necessário, evidentemente, esperar-se que a atividade crítica propriamente dita se detenha no estudo da poesia amazonense pós -54, para que só então se proclamem as excelências da poesia de L. Ruas. Parece-nos, antes, que devemos fazê-lo desde já, por imposição de sua própria e poderosa realidade.

Com efeito, o livro que temos a alegria de saudar, neste pórtico, seria por si só suficiente para projetar o Autor entre os grandes poetas de sua geração, não tivessem já, outros livros, de há muito, firmado em definitivo a sua presença entre a plêiade em que splende o seu talento.

Não. Não se trata de confete sobre a fantasia, mas de vera constatação. É questão, só, de o leitor o conferir.

Laureado há cerca de três lustros com o Prêmio Governo do Estado do Amazonas, da antiga Fundação Cultural, poderia, sem dúvida, este livro ter cumprido, desde então, sua destinação no contexto cultural em que se insere e contribuído positivamente para a maior glória da poesia.

No entanto, e não por acaso, podemos aí observar o modo de ser de L. Ruas, a par com o que há de episódico na atividade editorial local: enquanto muitos se expõem, não raro por tão pouco, até mesmo aos fiascos da aventura editorial, soube ele esperar que tempos menos hostis à inteligência trouxessem de volta ao nosso povo a alegria criativa. E, de novo, o canto, as vozes dos nossos poetas preparando o cenário da eterna ressurreição da esperança. E reunindo outra vez a nação em torno de sua luz sagrada.

Importante, agora, é que o livro esteja em nossas mãos e a poesia de L. Ruas possa transfundir-se para a nossa sensibilidade. E cumprir-se.

Desvelá-la ou revelá-la em sua totalidade não é tarefa evidentemente para prefácios ou meras apresentações. Não podemos, no entanto, deixar de mostrar ao leitor uma das pedras de toque dessa poesia. Escolhemos precisamente a que nos parece mais indicada para deflagrar no leitor um dos insights com que os textos do poeta se iluminam constantemente e o mostram em toda a sua humanidade. "Vigília" é um exemplo. E tem, em seus três versos, a densidade, a concisão e a leveza de um haicai:

*"Quando escuto passos no caminho  
Sei que não vens...  
Mas, te espero."*

Iluminemo-nos com a grande e bela poesia de L. Ruas

ANTOLOGIA

*Canto matinal*

Há sempre sóis miliágonos  
Nessas manhãs furta-cores.  
Desejo imenso: ser chão  
Germinando malmequeres.  
Relincham éguas no cio  
E o sol cravou-se nos olhos  
Do cão que brinca entre flores.

Ah! Dália desodoradas!  
Estou livre! Uma pantera  
Devorou minha certeza.  
E esta luz, semente-luz,  
Mal se esconde: comprimida  
Na carapaça de argila.  
Este desejo me enrija.

Um canto milhões de pássaros  
Se estilhaça em diamantes.  
Polidos, puros, brilhantes.  
Ó lucilância de estradas!  
São todos os vegetais  
Incestos e luz e cor:  
Rubi, topázio, esmeralda.

Nesta manhã furtacor  
Multicor, infindador,  
Quisera ser urzes bravas



Desses prados orvalhados  
Que esperam fecundação.

Nesta manhã toda luz  
Somente sou luz-manhã.

Há tanta vida no chão,  
Há tanta vida no azul.  
Em clorofila me banho  
E me torno vegetal.  
No lugar do coração  
Girando está loucamente  
Rosavento um girassol.

A voz animal me comove.

Já não sou mais relação  
De paralelas eternas.  
Neste mundo natural  
Tenho raízes — subsolo  
Tenho tronco e fronde — solo  
Sou deus fecundo de mundos.

Sei que não vou mais poder  
Suportar a compreensão  
De tantos mundo querendo  
Libertar-se delirantes  
De tão pouca ontologia.  
Como um fogo de artifício  
Vai romper-se todo o ser.  
E vou morrer de viver.

SONETOS AUTOBIOGRÁFICOS

*A égua caminhava a passos largos* (III)

A égua caminhava a passos largos  
Por entre a lama espessa, mal cheirosa,  
A égua que nasceu de barro e sopro,  
Pesada e, ao mesmo tempo, vaporosa.

A égua percorreu todo o passado:  
É lenda, é mito, é sombra luminosa;  
Galopa semeando vida e morte,  
É frágil como a flor e belicosa.

Tem alma muito embora no seu ventre  
Aninhe fauna imunda e tenebrosa  
De serpes e batráquios peçonhentos.

A égua chega sempre. Chora, às vezes.  
Às vezes, come fezes. Eu a vi  
Comendo, em céu de estrelas, uma rosa.

(De *Poemeu* – 1985)

*Às noites dos assombros se  
gravaram (VI)*

Às noites dos assombros se gravaram  
Nos olhos do menino, para sempre.  
Cravou a rude fera suas ventosas  
No plasma nuclear do qual rebenta

A vida. Não na crosta... Mas bem no âmago.  
Na zona claro-escura onde se fundem  
Os nervos, as artérias, alma e sangue;  
Ns zonas onde a carne faz-se espírito,

Nas linhas onde o barro se faz homem.  
Ah! Noites de fadigas e de prantos!  
Ó luares dissolvidos no vapor!

Ó pássaros de assombros! Muito embora  
Eu lute, cante, chore, não consigo  
Tanger-vos dos meus olhos de menino!

(De *Poemeu* – 1985)

*O cais está deserto. A noite é vasta  
(VIII)*

O cais está deserto. A noite é vasta.  
O vento sopra fino. As águas negras  
Paradas se repousam das fadigas  
De naves que partiram soluçantes.

As luzes tremeluzem cochilantes  
 Dos negros postes magros penduradas.  
 Do guarda, os passos lerdos, sonolentos,  
 Acordam surdos ecos nas distâncias.  
 E a sombra do seu corpo se projeta  
 No longo tombadilho do silêncio  
 Escura e densa como ponte armada

Do cais para o silêncio da água negra,  
 Do fim para o começo de outro dia  
 Do pranto de quem fica ao de quem parte.

(De *Poemeu* – 1985)

*Estas aves vêm sempre, ao fim da  
 tarde (X)*

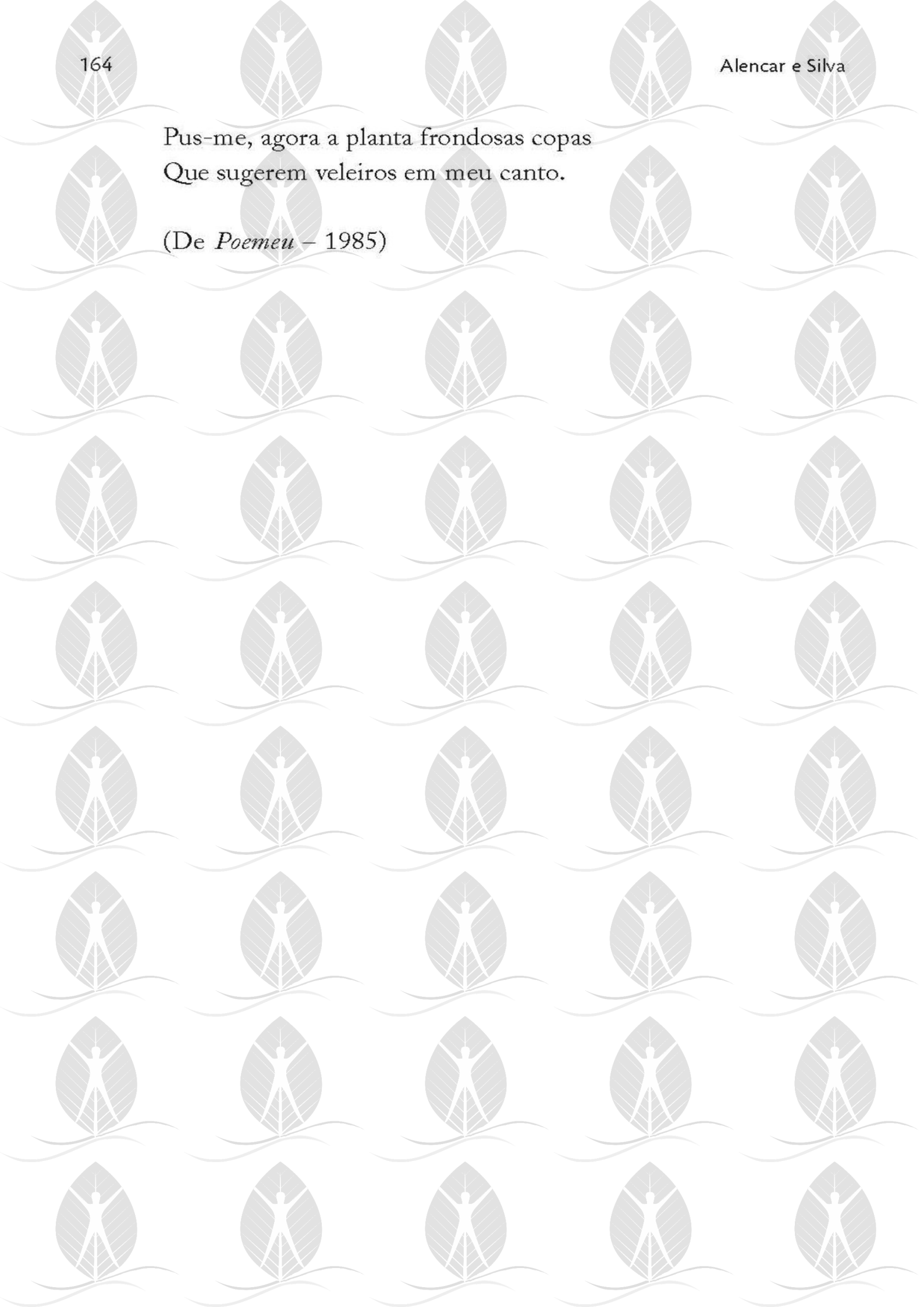
Estas aves vêm sempre, ao fim da tarde,  
 Descansar seus remígios agoirentos  
 No pomar de onde colho doces frutos  
 Com que faço meus vinhos suculentos.

Elas vêm de bem longe. Me olham sempre  
 Com desdém. E nas asas trazem ventos  
 Que uma vez, já faz tempo, naufragaram  
 Minha nave que nautas desatentos

Dirigiam. E estas aves que me espiam  
 Lá de cima das árvores crescidas  
 No pomar irrigado com águas verdes  
 Bem conhecem meu fim. Vencido nauta

Pus-me, agora a planta frondosas copas  
Que sugerem veleiros em meu canto.

(De *Poemeu* – 1985)



11

MAX

CARPHENTIER:

A SACRALIDADE  
DO VERDE DE UM  
CONSTRUTOR DE  
CATEDRAIS

*M*ax carphentier Luiz da Costa nasceu em Manaus, AM, a 29.04.1945, filho de Oswaldo Luís da Costa e de D. Adamaziles da Costa. Advogado e funcionário aposentado do B. do Brasil. Entre outras instituições culturais, integra o Clube da Madrugada, o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e a Academia Amazonense de Letra, sob cuja presidência voltou a circular, em primorosas edições, a Revista da Academia. De 1975 a esta parte, publicou os seguintes livros: *Quarta Esfera* (poesia); *Vitrais da Busca* (contos); *O Sermão da Selva* (poesia); *Orfeu do Nazareno* (poesia); *Fragments de Luz* (Discursos, Ensaios e Conferências); *Tiara do Verde Amor* (Tríplice coroa de Sonetos); *Nosso Senhor das Águas* (O Cristo dos Igapós), novela; *Nossa Senhora de Manaus* (Orações e Salmos); *Teresa de Ávila*, *O Êxtase da Muralha* (poesia); *Celebração da Vida / Missa Planetária* (poesia). Max Carphentier traz a poesia de berço: é poeta e neto de poeta, tendo sido o seu avô, Hemetério Cabrinha, autor de vários livros, como *Vereda Iluminada* e *Frontões* e dos poemas *Satã*, *Caim* e *O Cristo do Corcovado*. Lembro-lhe o avô porque sei da estima que os unia, a ponto de, em seu discurso de posse na AAL,

ter apresentado suas credenciais com estas palavras: *Venho de Hemetério Cabrinha.*

### A MAX CARPHENTHIER

Tu bem sabes, Poeta, que magia  
sobre nós de teus versos se derrama.  
Como nos banha essa divina chama  
e nos envolve em cálida harmonia.

Em ti há um som de avenas que nos chama.  
E és pastor que de perto nos vigia  
e nos prepara para o grande dia  
do que sempre está vindo e que nos ama.

Cantor de Cristo, a quem Orfeu cedera  
a lira de ouro e os sons da primavera  
pra entoar-lhe as antífonas mais belas,  
eis que o chamaste a perlustrar a selva  
e a descansar sobre orvalhada relva  
os seus pés de andarilho das estrelas.

(De *Solo do Outono* – 2000)

Max Carphentier representa, sem dúvida, um dos pontos culminantes entre os seus pares do Clube da Madrugada e os que vieram depois da primeira hora do movimento. Sua formação não sofreu as vicissitudes que tiveram de ser arrostadas e vencidas pelos companheiros que imediatamente o precedem no cenário da restauração da poesia,

no tempo e no espaço amazônicos. Já abriu os olhos para o mistério poético dentro de um novo contexto, ouvindo novos sons, percebendo novos espaços, uns e outros dispondo-o à liberdade dos vãos, de preferência ao aprendizado para aquela espécie de salto acrobático-ornamental que fizera as delícias de um tempo que não era o nosso mas que por este se prolongara, defasado e sem brilho.

Seria, porém, absolutamente errôneo imaginar-se o poeta a entrar suavemente por um caminho já aplanado por outros pés. Duplamente errôneo. Primeiro, porque ele – e mais ninguém – construiu o seu próprio caminho. Segundo, porque, apesar de não ter de enfrentar as hostilidades que tiveram de ser vencidas pelos que o precederam, sua luta, ainda assim, não foi fácil.

E não o foi, a meu ver, principalmente, pela circunstância particularíssima de ser neto de um poeta admirável, sob muitos aspectos: Hemetério Cabrinha. Poeta e orador de raça que trabalhava o verso com zelo de estatuário e tinha a palavra inflamada sempre pronta a se erguer em defesa dos pobres e dos oprimidos – coisa que já não se vê, por este mundo de Deus, ou por falta de espírito público dos cidadãos ou porque já não há pobres nem oprimidos entre nós. Poeta, enfim, cuja influência, ao que penso, até mesmo por consequência hereditária, ter-se-á exercido poderosamente sobre o neto talentoso, de alta voltagem poética e grande iluminação interior. Pode-se, pois, imaginar o que terá sido a luta de Max Carpentier para – sem desdouro da poesia do avô, mas, ao contrário, com reverência e amor (não é, porventura, dedicado a Hemetério Cabrinha o seu livro de estréia?) – desvencilhar-se das influências ou condicionamento de ordem formal e equipar-se de instrumental próprio, mercê do qual entra em cena como um dos poetas mais importantes de sua geração.

É tempo de passarmos ao exame sumário, ou meramente informativo, das características básicas de sua poesia.

*QUARTA ESFERA* é o livro com que, em 1975, aos vinte e nove anos de idade, Max Carpentier assinala a sua presença no pano-



rama da nova poesia amazonense, nele reunidos oitenta e um poemas (vinte e um a mais, portanto, ofertados ao Leitor, já que a apresentação da obra menciona apenas sessenta).

Estruturalmente, esse livro está organizado em duas partes, a última das quais – *Transisfera* – como que lhe desce um corte longitudinal, dividindo, simbólica e plasticamente, o território poético até então perlustrado pelo Autor.

Vejamos, de relance, cada uma dessas partes.

Na primeira, compreendendo as sessenta peças iniciais, agrupadas nos subtítulos “Do hemisfério inútil”, “Equador Promíscuo” e “Do hemisfério ardente”, e que constituem em si mesmas um livro independente, temos um longo e belo canto em que o Poeta nos leva a penetrar, por uma porta sem porta, os círculos mágicos da esfera. Dizemos assim para significar que o texto e o contexto em que se inserem essas peças iniciais não são, de modo algum, de fácil abordagem. Ao contrário. Essa esfera, sendo em si mesma, em essência, o mundo interior do poeta, nela se reelaboram ou plasmam as zonas de sombra e luz, de cumes e de abismos, em que se desenrola a sua aventura existencial. Mundo em que – cumpre dizê-lo – através daquelas miríades de sustentações simbólicas e riquezas metafóricas (a que alude Antísthenes Pinto, nas orelhas do livro), vemos recompor-se, sob os véus do mistério, o corpo da mulher amada, com suas regiões abissais, suas enseadas tranqüilas, seus jardins, suas fontes, seus desertos: território sempre/nunca o mesmo através do qual só os poetas realmente singulares têm o condão de incursionar sem resvalar para os lugares-comuns ou as aparentes facilidades que o tema sem dúvida sugere os menos avisados.

É sempre uma tentação, nunca assaz satisfeita, essa que nos leva a procurar traduzir o intraduzível. Como se nos fora possível, diante de uma obra de arte, dizer mais do que o que ela mesma nos diz. Como se, em tal caso, não nos fora possível expressar senão a nossa versão particular.

É isto, de fato, que experimentamos, ante a impossibilidade de desnudamento desse poema, ao sermos levados a estabelecer certas

aproximações, para melhor entendê-lo. E a que primeiro se nos impõe – e que tomaríamos como o seu mais ilustre congênere – é o “Cântico dos Cânticos” de Salomão, assim pelo tema central (quantos não terão chegado a conclusões ditas definitivas, as mais díspares, sobre ele?) e o tratamento que lhe foi dado pelo Poeta-Rei, como pelas já referidas “sustentações simbólicas”, responsáveis, num e noutro caso, pelas “dificuldades” que ambos os textos oferecem a quem lhes queira captar linearmente, à luz de um entendimento meramente lógico-discursivo, a totalidade de sua significação.

Num e noutro, o que conta é a beleza do canto, sob cujos véus adivinhamos mais do que percebemos a amada impossível ou a amada esperada, para quem todas as coisas se fizeram e que, por seu turno, em si mesma as resume. Em conclusão, acrescentaríamos que se, porventura, num, os símbolos concorrem para velar o corpo da amada, tão flagrante e esplendorosamente cantado no poema, noutro, dá-se precisamente o inverso: os símbolos concorrem para desvelá-lo, através de um processo de reinvenção e apreensão, pelos sentidos e pelos dons superiores da inteligência, do mundo de formas em que existimos.

Se a primeira parte de *Quarta Esfera* surge-nos como que penetrada de um certo esoterismo, a expressão verbal da segunda devolve de repente o leitor ao leito suave do coloquial, assumindo aí o poeta o instrumental do lírico consumado, a trabalhar com grande mestria as formas tradicionais do verso, nomeadamente o soneto, honrando, assim, as melhores tradições do lirismo de expressão luso-brasileira.

Veja-se esta jóia de soneto, que é *Presépio*, e ter-se-á uma amostra definitiva do plano em que se situa a grande poesia de Max Carphentier:

... E Te revejo límpido de infânciana estalagem sonhada pela estrela: os Magos e pastores, mirra e palhatremeluzem, se elevam no ar de prece.

Harpas em salmo, sobre o teto frágil, são presságios de amor ao luar dessaúnica noite que não morre, e brilhamo coração eterno dos humildes.

Na vigília serena de Teu berço, um jegue ganha dimensão de arcanjo e o rosto da Mulher se transfigura.

Pelos caminhos, cândidas ovelhas se aconchegam na relva, e a paz da luacobre a face vencida dos abismos...

Isso, porém, foi em seu primeiro livro. De lá a esta parte, o poeta só fez crescer e acrescentar-se em brilho, sendo hoje, de toda justiça, em razão da obra realizada, considerado uma das mais brilhantes organizações poéticas já surgidas entre nós.

Autor cuja obra se conta por vários títulos, em prosa e verso, e em que, além da poesia, se incluem o conto e a crônica, gêneros que frequenta com igual brilho, Max Carphentier reúne em torno de seu nome uma fortuna crítica que o destaca e consagra, instantaneamente, ante quantos lhe percorram os livros, mercê da expressão consumada que os autentica. Não terá sido outra a razão que levou o escritor Paulo Rónai a dizer: “É acontecimento raro a gente cruzar com um poeta autêntico”. E a acrescentar: “Pois foi o que se deu comigo, ao ler *Tiara do Verde Amor*, de Max Carphentier. (...) coleção de poemas de inspiração profunda. (...) Seu livro, repertório palpitante dos tesouros ameaçados da Amazônia, merece leitura, meditação e divulgação em todo o Brasil”. E com o que, afinal, terá o leitor da poesia amazonense finissecular a visão particularizada de um mundo onde a humanidade corre o risco de perder outra vez o paraíso e onde a obra de Max Carphentier se ergue e fulgura como luzeiro, a iluminar o vasto território sagrado.

Publicou o poeta, até agora, além de *Quarta Esfera*, os volumes de poemas *Orfeu do Nazareno*, *Sermão da Selva* e *Tiara do Verde Amor – Tríplice coroa de sonetos*.

Este último livro é, sem dúvida, a obra magna do poeta. E nela não se sabe, a rigor, o que mais admirar: se a construção, em si, formada pelos blocos arquitetônicos das duas coroas perdulárias e daquela dita de zimbório, ou se os seus interiores, revestidos de murais e afrescos magníficos, a reproduzirem na vasta nave florestal a sacralidade do ver-

de, de forma semelhante à dos que revestem a Capela Sistina e reproduzem a “teologia do corpo humano”, para valermos-nos da definição de João Paulo II.

L. Ruas, ao subscrever a apresentação de *Tiara do Verde Amor*, já nos chamava a atenção para essa arquitetura poética do livro de Max Carphentier: “Como as grandes catedrais góticas, construído pedra por pedra, palavra por palavra”.

E de pedra em pedra, como outra vez diria o mesmo L. Ruas, acerca dos monumentos que Max Carphentier vem constituindo, com os instrumentos de que Deus o dotou – continua, efetivamente, o poeta de *Tiara do Verde Amor* a assentar as pedras de suas construções, numa sucessão de feitos que tem seus exemplos mais recentes em *Teresa de Ávila, o Êxtase da Muralha e Celebração da Vida – Missa Planetária*, obras que fazem dele uma das expressões mais altas da Poesia em nosso tempo. Tempo amazônico. Tempo brasileiro. E tempo universal. Por isso que se trata de obras que se assinalam com a marca do gênio.

Eis aí o que de fato pretendêramos significar numa das abas da capa de *Celebração da vida*, cujo honroso espaço o Autor generosamente nos reservara. Dizíamos, ali, que, entre as vozes da Poesia que se alteiam em Manaus e se projetam além-fronteiras, ergue-se, com o timbre inconfundível de sua unicidade, a de Max Carphentier, a proclamar a sacralidade do Verde a verter sobre o Vale a taça peregrina da fé.

Sua obra poética – que já vai por cerca de dez títulos de alta qualidade e entre os quais se incluem *O Sermão da Selva, Tiara do Verde Amor (Tríplice coroa de sonetos), Teresa de Ávila, o Êxtase da Muralha e Celebração da Vida / Missa Planetária* – situa-se num patamar só frequentado, em verdade, por poucos dos muitos que são chamados.

E eis que agora, nestes dias de tantas dores, a atmosfera espiritual do Planeta é enriquecida de um cântico de infinita beleza, em que Max Carphentier, revestido dos dons de verdadeiro sacerdote, leva-nos a comungar no altar da Poesia do mistério da fé.

Trata-se, realmente, de uma celebração da vida. Uma missa planetária. Única no gênero. Quer pela monumentalidade de sua completude, quer pela riqueza sinfônica dos ritmos e das formas com que foi concebida e oficiada. Nela as vozes do Céu e as vozes da Terra convergem para uma união perfeita e mutuamente se matizam e interpenetram, como se fossem uma só as que descem aos homens no sopro do Espírito e as que sobem a Deus nas asas da Poesia. E é tal o encantamento que perpassa por todas as páginas deste livro, que dele saímos com os lábios dessedentados pelo sabor da água viva e os olhos iluminados pela visão de outros céus e outra terra. Pacificados pela paz de Cristo.

## ANTOLOGIA

### I

*Chegas, Amada, e és toda a alegria*  
da selva e do alto amor. Como em cortejo,  
presos teus véus no bico e nos adejos,  
em sete jurutis segue-te o dia.  
Sonora e santa, a vida dessa mata  
tão órfã te esperara, e tão sentida,  
que canta e pra teus olhos se desata  
em mágoas de canoa e ave perdida.  
Vens plena como a luz vem para auxílio  
das sementes de Deus. E no teu rosto,  
mais belo do que o sol na orquídea posto,  
ama-se a paz no sânscrito dos cílios.  
Porque o que a fé sonha o amor alcança,  
*e chega a salvação, morta a esperança.*

De Tiara do Verde Amor.

II

*E chega a salvação, morta a esperança,*  
proclamo aos ventos da primeira nau  
que as águas revelando, vai a vai,  
na mata harmonizou a cruz e a lança.  
E desde então a selva tem no fundo  
dos olhos-d'água a água da certeza  
de ser mundo de paz, sendo do mundo  
o céu mais verde e a última beleza.

Assim, alta na luz, vens nos salvar,  
que eu e a selva somos um: nós temos  
nos rios do peito a igarité de amar  
batendo forte como batem os remos.  
Eis que o poeta e a selva esperam e fazem  
*ressuscitar das pétalas que jazem*

De Tiara do Verde Amor.

III

*Ressuscitar das pétalas que jazem,*  
é da selva o destino, que se doa  
no cardume e na asa, e que perdoa  
o mal da foice que de longe trazem.  
Tal é assim meu coração: paneiro  
de ouriços farto, mitigara a fome

das luzes, das corujas do Cruzeiro,  
sem nada lhes pedir que a unção de um nome.  
De cálice e de rocha sendo a hora  
de cantar para morrer, quero iludir-me  
abraçado com a selva, e então cair-me,  
verso ferido e pássaro que chora.  
Porque a selva sou eu e eu sou a selva,  
*e ambos somos no amor folhas da relva.*

De Tiara do Verde Amor.

#### IV

*E ambos somos no amor folhas da relva*  
– se reduzir-se a selva a folhas tristes –  
mas o verde é mais forte, e porque existes  
quero-me em fruto e fonte como a selva.  
Porém é grave a hora contra os frutos  
e as fontes de chorar secam quais rios  
estancados no fel dos óleos brutos.  
Como entender no amor seios vazios?  
Restabelece então primeiramente  
essa força da água, que ora é lago  
com seus peixes em paz, e ora é afago  
do coração na face descontente.  
Eis que a selva e o amor querem somente  
*lágrimas livres, peixes na corrente.*

De Tiara do Verde Amor.

## *Santa teresa em sevilha*

Max Carpentier

Santa Teresa reza... A Andaluzia,  
como estrela que sobe de uma cela,  
aos céus se eleva pela noite fria,  
nas asas santas da vigília dela.

Por um Cristo que sangra nas madeiras,  
os pombos de suas mãos, do alto da cruz,  
soluçam às velas – pálidas lareiras –  
brancos de prece, trêmulos de luz.

Santa Teresa, não te aquece um manto.  
Nem uma flauta límpida nos breus  
soluça à lua do amoroso pranto...

Não te assistem os homens, nem os lírios.  
E ninguém vê que a lágrima de Deus  
nos teus olhos flutua ao luar dos círios...  
(Inédito)



12

## SEBASTIÃO NORÕES E A AMA- DA CONSTANTE

Sebastião Norões nasceu em Humaitá-AM, a 07.03.1913 e faleceu em Manaus a 27.04.1971. Foi membro do Clube da Madrugada, da Academia Amazonense de Letras e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Publicou apenas um livro: *Poesia Frequentemente (1956)*, edições Planície. Reeditado em 1998 pela Valer. Além de poemas publicados em periódicos locais, o poeta teria deixado outros inéditos, segundo parece indicá-lo a apresentação da obra, eis que esse livro teria sido fruto de uma seleção feita por amigos, entre numerosos outros textos do autor. O que se conta como certo, no entanto, e que faz parte, assim, da lenda pessoal do poeta, e que, ao falecer, todos os seus papéis e livros teriam sido lançados às águas Igarapé de Manaus (ou da Primeira Ponte).

Já se disse ter sido Sebastião Norões um exemplo de fidelidade à Poesia, no sentido de que a ela dedicara o melhor de sua existência, elegendo-a amada constante e ofertando-lhe o coração de companheiro.

Restaria apenas saber-se que poesia era essa: quais os traços fisionômicos da amada do poeta, suas virtudes e significação no quadro da moderna poesia amazonense.

Para tanto, teremos de recuar no tempo para além dos anos 50, marco inicial do modernismo amazonense, que é lá que iremos encontrá-lo, praticamente só, em meio à paisagem, a trabalhar em silêncio e reconhecimento a sua poesia. Uma poesia, diga-se logo, surpreendentemente nova e em dia com o que se fazia, à época (década de 40), no Sul.

Então, por que em silêncio e recolhimento? Primeiramente, porque, nem mais nem menos, não era levada a sério: o meio literário, academicista, por excelência, e sempre aferrado a Coelho Neto e aos parnasianos, simplesmente opunha-se-lhe de maneira incontrastável. Depois, porque essa poesia tinha bastante encantos para preencher a solidão de solteirão do Autor, ciosa de seus merecimentos e da certeza de que, mais para frente, soaria a sua hora e ela sairia à luz, sem constrangimentos nem apupos, mas, ao contrário, festejada e reconhecida por uma geração de intelectuais que, não sendo cronologicamente a do poeta, logo o incorporaria às suas hostes.

Será interessante notar, no tocante ao relacionamento do poeta com sua arte, que Norões era desses espécimes que se permitem fazer de sua arte um ato essencial, com ela estabelecendo permanente e suave convívio. Por toda a vida. Até transpor com ela os umbrais da Academia Amazonense de Letras.

De um certo modo, no quadro em exame, o papel de Sebastião Norões teve algo de semelhante ao de Manuel Bandeira, no quadro maior do Modernismo brasileiro, logo identificado pelos rapazes de 22 como uma espécie de São João Batista, no sentido de que a poesia de Bandeira, desde antes da eclosão do movimento rebelde, era já prenúncio e anúncio de toda uma nova era para as artes e as letras nacionais.

Coube, pois, a Sebastião Norões (guardadas as proporções) papel semelhante. Ao chegar à hora de toda uma geração de artistas, poetas e escritores sacudir o ambiente e empreender a derrubada dos velhos padrões, já o encontrou como que pronto para ministrar-lhe o batismo e ligar-se-lhe para sempre.

Cronológica e substancialmente – não tanto pelo rigor formal quanto pelo sopro lírico, de serena elegância, que perpassa pela sua poesia – Sebastião Norões pode ser considerado um representante do que se convencionou rotular de “Geração de 45”.

Nele, com efeito, não se encontrarão as ousadias formais, características do que viria, depois, com o Concretismo, que ele olhava com reservas e sem maiores comprometimentos, numa posição de resto semelhante à de todos os integrantes, em geral, daquela tendência tradicionalista da poesia brasileira, tendência ainda longe de ter-se esgotado, e que, mais adiante, enriquecida pelo que resultar de permanente do processo experimental do Concretismo e suas variantes, poderá voltar à cena, revestida de novo vigor.

Falecido aos cinquenta e seis anos de idade (em 1971), deixou ele apenas um livro publicado: “*Poesia Freqüentemente*”, aparecido em 1956, num lançamento das Edições Planície e que parece constituir uma recolta dos livros *Acre Marinha*, *Manhã Sem Pássaros* e *Rosa do Mundo*, conforme no-lo indicam seus editores, na apresentação da obra: “Foram amigos aqueles que selecionaram e trouxeram estes versos para uma estréia.”(...) “Arrumamos em três períodos distintos os três livros que freqüentam este volume”.

Esses três períodos distintos constituem, de fato, três momentos claramente diferentes da poesia de Sebastião Norões. Vejamo-los, rapidamente, pela ordem.

Em *Acre Marinha* estão reunidos os temas marinheiros, que são, aliás, uma constante em toda a obra, onde o elemento líquido reponta, aqui e ali, como recorrência ou fixação imemorial. No poema *Quilha* (escolhido para transcrição por ser, inclusive, um dos mais breves) temos um bom exemplo da melhor poesia enfeixada nesta parte do volume: “Na manhã sem memória / o ferro e a água / se conjugam normalmente./ Abrem-se em rosa / que o peso esmaga / incontidamente./ E o rumo avança / lúcido e perfeito / no desgaste azul.”

Já em *Manhã Sem Pássaros* o tônus característico é dado pelo intimismo, pelo tom de solo em surdina, através do qual o poeta nos conduz aos *escaninhos do passado*, lá onde ficara *a estrada boa e suave*. É aí que vamos encontrar a alma elegíaca do poeta.” Principalmente nos dois poemas iniciais: *Maura se chamava...*, de grande beleza plástica e evocativa, e *Santuário*, um dos melhores do livro, assim como, também, em *O olhar do Rex*, em que transluz a sua fina arte, ao mesmo tempo em que dá a medida de sua sensibilidade”.

É em *Rosa do Mundo*, por seu turno, que podemos contemplar a atitude do poeta diante do mundo e do seu tempo, inclusive ontológica e axiologicamente. Pois é aí que ele nos deixa entrever o seu espetáculo existencial. E que, em suma, dá largas, se assim podemos referir, à sua reação ante um mundo empolgado pela violência e ante o esmagamento, em conseqüência, dos ideais e valores para os quais se inclinavam suas antenas: “Onde a tua pregação, Neruda? / Onde o teu verbo, Maritain? / Onde ficou tua vontade de paz na terra, Roosevelt? / Gaitan está estendido nas ruas da cidade, esperando...”

É aí também que, entre o rumor surdo, às vezes áspero, do verso marcado pela agonia de um mundo em desagregação, o poeta faz a sua profissão de fé no futuro: “Eu olho para o futuro / como quem olha para um fruto de sazão”, (pág. 75).

Homem sintonizado com o seu tempo, com o que ia pela sua cidade e pelo mundo, não se há de estranhar, antes pelo contrário, o leve sopro sartreano, existencialista, que oxigeniza a poesia de Sebastião Norões, ainda que momentaneamente, como no poema *Conselho* (pág. 69).

Restar-nos-ia acrescentar que o seu exemplo de fidelidade à Poesia expressa-se, de fato, na medida do quanto ele foi capaz de honrá-la, infundindo-lhe vida e encaminhando-a livre de peias para o futuro

## ANTOLOGIA

*Santuário*

Velho santuário da casa de meus avós. Santuário da casa da infância plantada numa rua estreita da cidade do Crato. Santuário onde se arrumavam os santos protetores da família. Relíquia que presenciou os passos do menino. Que ouviu todos os dias os seus pensamentos todos. A minha súplica e o arrependimento. Santuário guardado na alcova. A minha veneração. Um dia hei de voltar à casa de meus parentes longe. Cresci. Sou homem. Santuário continua a receber no fundo do quarto no Crato oração dos meus. Andei por aí. A cabeça mudou. Mas hei de voltar, porque quero sentir, de repente, lábios em balbucio.

– Aquele olhar manso e ingênuo. – Aquela inabalável fé. – Aquela dor do arrependimento. — A voz melodiosa que embalou meus dias melhores.

Que tudo perdi! ...

Que ele nunca desapareça do quarto porque, escutai bem, parentes: se um dia se acabar a relíquia sagrada, desaparecerá com ela a porção boa da vida

Nossa Senhora do Carmo Santo Antônio São Sebastião São José Santa Teresinha o pedido, eu sei, não poderá ser entendido. Quanta vontade de tirar de vossos braços, com respeito, o pedaço de mim. Infância singela e confiante.

Quero aquele olhar tão manso pousado em Vós. Fé tão forte na vitória.

Quero a voz pura daquela que criou os meus passos, olhos fitos em Vós na esperança do menino feliz.

## *O olhar do Rex*

Uma perfeita humanidade desabotoa translúcidos olhos do Rex. Termômetro do amoré a caudae através a luminosidade do olhar correto chispas de docilidade avançam.

A atitude maior de lamber os meus pés. A linguagem suprema de dizer tudo com alma!

(E a alma dos que vivem hoje atribulados com o sentido do ódio?)

A pele suave escorrendo nos meus dedos. A súplica de um afeto. Fixa e penetrável humanidade dentro dos olhos do Rex.

13

## THIAGO DE MELLO E OS ESTATUTOS DO HOMEM

Amadeu THIAGO DE MELLO é natural de Barreirinha – AM, onde nasceu a 20.03.1926, e cidadão do mundo. Filho de Pedro Thiago de Mello e D. Maria Mitozo de Mello. O poeta é autor de uma obra que se vem cumprindo desde 1951, com a publicação de “Silêncio e Palavra” – saudado por Álvaro Lins em estudo consagrador – e ao qual se acrescentaram mais de uma dezena de outros, em prosa e verso, e entre os quais se destacam *Narciso Cego*, *Faz Escuro Mas Eu Canto*, *Poesia Comprometida Com a Minha e a Tua Vida*, *Canção do Amor Armado*, *Manaus Amor e Memória*, *Mormaço na Floresta*, etc., devendo mencionar-se que *Os Estatutos do Homem* foram editados em cerca de trinta idiomas pela UNESCO. Pertence a Academia Amazonense de Letras desde 1954, onde tem assento à cadeira de número 29, de Castro Alves.

Amadeu THIAGO DE MELLO, nascido em 1926, na cidade de Barreirinha (Baixo Amazonas), é formalmente incluído pelos historiadores literários na chamada “Lírica de 45”, na medida em que uma obra de características dinâmicas possa conter-se em departamentos estanques, necessários, sem dúvida, para efeito de catalogação, ainda que precariamente rotulados. É ele, en-

tre os poetas amazonenses da atualidade, o que conquistou maior renome e admiração, inclusive internacional, graças em parte ao seu engajamento político (que muitos não compreendem, mas começam a lhe dar razão), ao colocar o seu engenho poético a serviço dos direitos do homem e das questões sociais de um tempo, brasileiro e universal, que permanece atual.

Foi no Rio de Janeiro, no início dos anos 50, que viemos a conhecer o poeta Thiago de Mello, que para ali se deslocara, anos antes, quando ia ainda pelos seus vinte anos de idade, em busca de tudo o que a Manaus de então não podia oferecer à sua mocidade, como o curso de medicina e a sintonia com o espírito do seu tempo. Aquele, por inexistente, e esta, por obstruída. O certo é que quando o encontramos, no Rio, já fizera ele a grande opção de sua vida: abandonara o curso de medicina, prestes a formar-se, a abraçara a sua vocação maior de poeta e escritor.

Foi na antiga redação de “O Globo”, no velho prédio (hoje desaparecido) localizado entre a Avenida Rio Branco e o Largo da Carioca, que nos avistamos pela primeira vez, ao ser levado à sua presença por meu primo Roberto Jansen, que também praticava o jornalismo na então capital federal.

Thiago de Mello já havia, àquela altura, publicado o seu primeiro livro de poemas, “*Silêncio e Palavra*”, e assinava uma crônica diária no referido jornal. Já estava ele, portanto, integrado no seu elemento e começava a granjear o renome que faria dele, segundo o crítico Otto Maria Carpeaux, ao assinar-lhe a apresentação de “*Faz Escuro Mas Eu Canto*”, o primeiro grande poeta que o Amazonas deu ao Brasil.

Depois daquele encontro, em verdade, só de longe em longe nos temos avistado, ora em Manaus, ora no Rio. Não obstante, tanto quanto possível, e sempre com vivo interesse, temos acompanhado a sua trajetória pelos caminhos da poesia e o seu périplo existencial pelos caminhos do mundo.

Recentemente, estivemos reunidos num almoço, na casa do poeta Aníbal Beça, onde lhe lemos um breve texto que preparáramos acerca



da sua significação na história da moderna poesia amazonense. Esse texto, originalmente programado para figurar na parte preambular da obra respectiva, ora em finalização, é o mesmo que se está lendo, só que agora restituído ao seu espaço própria e à sua integral autonomia.

Como tantos outros que o êxodo anual da mocidade amazonense tocara para fora do Estado, também Thiago de Mello construiria parte de seu destino e de sua obra distante das inquietações da sua província natal. Insulada, modorrando ao abandono dos poderes centrais, mergulhada em crises, a viver da lembrança do que fora, nos “áureos tempos da borracha”, quando carregara o Brasil nos ombros, a Manaus dos anos 40, apesar do lirismo que ainda a embalava, era, de fato, a imagem prenunciadora da desolação que vinha a caminho e que só os mais velhos não viam ou preferiam acreditar que se tratava de crise passageira e que logo a produção da hévea voltaria a crescer...

Foi de um tal quadro, em tudo propício à debandada, que Thiago de Mello, assim como Almino Affonso, Anísio Mello e tantos outros, também rumou para o Sul do País. Porque, de fato, assim se impunha. Para o seu bem pessoal. Ou para o bem maior do seu povo. Ao fim de tudo, o que importa é que o autor de *“Narciso Cego”* manteve verde o seu coração. De companheiro e de amoroso de sua terra.

O que há mesmo de fundamental é que Thiago de Mello foi à luta e nos trouxe, ao voltar, as suas insígnias de guerreiro: *“Os Estatutos do Homem”*, *“Faz Escuro Mas Eu Canto”*, *“Canção do Amor Armado”*, *“Poesia Comprometida Com a Minha e a Tua Vida”*, obras que fazem dele uma importante voz da poesia brasileira, pelos seus acentos de extremo humanismo, exemplar generosidade e fraterno encanto.

Voltou como voltam os velhos chefes: para viver entre os seus e, em torno do fogo, contar aos mais novos os seus feitos. E Thiago tem muito o que contar. De si mesmo e daqueles com quem se relacionou: Neruda, Guillén, Bandeira, Drummond e tantos outros sobre os quais haverá sempre algo de único que só a ele caiba referir.

Thiago de Mello constituiu sempre, em Manaus e em toda parte, uma referência mais ou menos constante, embora nem sempre pacífica, dado o referencial ideológico, o claro engajamento da sua poesia na luta de libertação do povo brasileiro da miséria, das condições infra-humanas das relações de trabalho vigentes nos campos e nas cidades. Engajamento esse que acentuou em sua poesia as notas de esperança e fé na redenção das grandes massas espoliadas pela voracidade da acumulação capitalista, que jamais se sacia nem sabe para onde vai.

Com efeito, esse fundo, diante do qual se desenvolvem e se alteiam os aspectos predominantes da poesia de Thiago de Mello, ao mesmo tempo em que sinaliza a atuação do poeta no panorama tumultuário das lutas políticas do terceiro quartel do século, identifica, igualmente, a tendência das vozes que aqui e ali se ergueram contra ele. Tudo bem. Ninguém vai à chuva se não quiser se molhar, pois chuva que não molha não é chuva. Isto é válido para a generalidade dos que se lançam às luzes da publicidade, dos que ousam mostrar-se como são, dos que se alteiam sobre a chatura da mesmice e galgam os altiplanos do espírito pela força do talento.

Thiago de Mello, efetivamente, pertence à estirpe rara dos que fazem de si mesmos a sua bandeira e a carregam por toda a vida. Ele assim se conduz desde quando, por volta dos seus vinte anos de idade, arribou de Manaus para o Rio de Janeiro e, prestes a formar-se em medicina, fez aquela grande opção de sua vida e de seu destino: entre receber o diploma de médico, para atuar num país de doentes, preferiu assumir a sua vocação de poeta e exercer o seu ofício de escritor num país de analfabetos. Dito de outra forma: à caminhada tranqüila, pelos caminhos planos do consultório e dos hospitais, preferiu os caminhos escarpados, o vôo solitário e a roda incerta da fortuna. E ei-lo poeta do seu povo. Ei-lo, com a sua cabocidade e o seu modo de ser, amazônico e universal, cantor do seu povo.

Os seus caminhos terão sido ásperos como os de todos os que constroem o futuro com as próprias mãos.

Imagino que hoje, quando já se lhe embranquecem os cabelos, sinta-se Thiago de Mello cansado, em meio à mornidão da floresta, e que freqüentemente adormeça, como qualquer mortal, à hora da sesta, quebrantado pelo mormaço, vendo à distância o fluir impassível do seu rio. Como qualquer mortal. Como qualquer caboclo. Não será, todavia, como qualquer um que, a cada despertar, como a cada retomada do labor, sentirá ele, ao de leve, um breve roçar de asas em sua fronte e a certeza de que, a cada dia, as Musas tecem-lhe coroas de louros para a fronte augusta, onde lhe caem bem, também, uns breves ramos de narcisos.

Ao deitar estas palavras, repassadas de verdade e não-isentas de emoção, queremos significar ao poeta, de uma vez por todas, o louvor que lhe cabe pelo exemplo de que foi capaz. Exemplo de toda uma vida votada à poesia e ao engrandecimento da pessoa humana. Exemplo que ele lega às gerações que, hoje e sempre, tiverem a coragem de uma tal opção e souberem plantar em seus corações as sementes da beleza e da fraternidade.

Thiago de Mello, enquanto amazonense, destaca-se como um amoroso da terra e de sua gente e, como tal, não obstante a sua universalidade (ou por isso mesmo), integra a plêiade dos que têm olhos de ver e dimensionar a solidão dos ribeirinhos, confinados nos beiradões, onde, não raro, as crianças procuram disfarçar e esconder a tristeza e vergonha de viver... Como aquela menininha – a Marieta – “sentada num degrau da escada cavada no barranco”, que o poeta descreve numa página de *Mormaço na Floresta*, e em quem surpreende “um sorriso, sim, o sorriso mais dolorido que já vi em minha vida”, ao vê-la ali e gritar-lhe do tombadilho do barco que se afastava, estas palavras de adeus, repassadas de ternura: “Adeus, Marieta, tu és muito linda, maninha!”

ANTOLOGIA

*Os estatutos do homem*

(Ato Institucional Permanente)  
A Carlos Heitor Cony

Art. I. Fica decretado que agora vale a verdade  
Que agora vale a vida,  
e que de mãos dadas,  
trabalharemos todos pela vida verdadeira.

Art. II. Fica decretado que todos os dias da semana,  
Inclusive as terças-feiras mais cinzentas,  
Têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Art. III. Fica decretado que, a partir deste instante,  
Haverá girassóis em todas as janelas,  
Que os girassóis terão direito  
A abrir-se dentro da sombra;  
E que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,  
Abertas para o verde onde cresce a esperança.

Art. IV. Fica decretado que o homem  
Não precisará nunca mais

Duvidar do homem.  
Que o homem confiará no homem

Como a palmeira confia no vento,

Como o vento confia no ar,  
Como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo Único: O homem confiará no homem  
Como um menino confia em outro menino.

Art. V. Fica decretado que os homens  
Estão livres do jugo da mentira.  
Nunca mais será preciso usar  
A couraça do silêncio  
Nem a armadura de palavras.  
O homem se sentará à mesa  
Com seu olhar limpo  
Porque a verdade passará a ser servida  
Antes da sobremesa.

Art. VI. Fica estabelecida, durante dez séculos,  
A prática sonhada pelo Profeta Isaías,  
E o lobo e o cordeiro pastarão juntos  
E a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora.

Art. VII. Por decreto irrevogável fica estabelecido  
O reinado permanente da justiça e da claridade,  
E a alegria será uma bandeira generosa  
Para sempre desfraldada na alma do povo.

Art. VIII. Fica decretado que a maior dor  
Sempre foi e será sempre

Não poder dar-se amor a quem se ama  
E saber que é a água  
Que dá à planta o milagre da flor.

Art. IX. Fica permitido que o pão de cada dia  
Tenha no homem o sinal de seu suor.  
Mas que sobretudo tenha sempre  
O quente sabor da ternura.

Art. X. Fica permitido a qualquer pessoa,  
A qualquer hora da vida  
O uso do traje branco.

Art. XI. Fica decretado, por definição,  
Que o homem é um animal que ama  
E que por isso é belo,  
Muito mais belo que a estrela da manhã.

Art. XII. Decreta-se que nada será obrigado nem proibido.  
Tudo será permitido,  
Inclusive brincar com os rinocerontes  
E caminhar pelas tardes  
Com uma imensa begônia na lapela.

Parágrafo único: Só uma coisa fica proibida:  
Amar sem amor.

Art. XIII. Fica decretado que o dinheiro  
Não poderá nunca mais comprar  
O sol das manhãs vindouras.  
Expulso do grande baú do medo,  
O dinheiro se transformará em uma espada fraternal

Para defender o direito de cantar

E a festa do dia que chegou.

Artigo Final. Fica proibido o uso da palavra liberdade,

A qual será suprimida dos dicionários

E do pântano enganoso das bocas.

A partir deste instante

A liberdade será algo vivo e transparente

Como um fogo ou um rio,

E a sua morada será sempre

O coração do homem.

*Santiago do Chile,*

*Abril de 1964.*

## *Madrugada camponesa*

Madrugada camponesa.

Faz escuro ainda no chão

Mas é preciso plantar.

A noite já foi mais noite.

A manhã já vai chegar.

Não vale mais a canção

Feita de medo e arremedo

Para enganar solidão.

Agora vale a verdade

Cantada simples e sempre,

Agora vale a alegria  
Que se constrói dia-a-dia  
Feita de canto e de pão.

Breve há de ser (sinto no ar)  
Tempo de trigo maduro.

Vai ser tempo de ceifar.  
Já se levantam prodígios,  
Chuva azul no milharal,  
Estala em flor o feijão,  
Um leite novo minando  
No meu longe seringal.

Já é quase tempo de amor.  
Colho um sol que arde no chão,  
Lavro a luz dentro da cana,  
Minha alma no seu pendão

Madrugada camponesa.  
Faz escuro (já nem tanto),  
Vale a pena trabalhar.

Faz escuro mas eu canto  
Porque a manhã vai chegar.

*(De Faz escuro, mas eu canto)*





**APÊNDICE**



## BREVE NOTÍCIA DO CM, DA POESIA DE MURO E DO PRESIDENTE ALUISIO SAMPAIO

ALUÍSIO SAMPAIO Barbosa, nascido em Borba, AM, em 25.10.1929 e falecido a 30.10.2003, era filho do Dr. Antonio Veríssimo Barbosa, magistrado, e de D. Francisca Sampaio Barbosa. Jornalista e escritor, destacou-se sobretudo como animador do movimento Madrugada, quer como seu presidente, quer como integrante da equipe editorial responsável pelos suplementos literários mantidos nos jornais de Manaus (O Jornal, Jornal do Comércio e A Crítica), equipe da qual faziam parte também Elson Farias, Arthur Engrácio, Jorge Tufic e Alencar e Silva. Graduado em Direito, exerceu por largo tempo a função pública de secretário do Juizado de Menores de Manaus, cargo em que viria a aposentar-se. Como ficcionista, deixou publicados esparsamente numerosos contos e uma novela, sem todavia, reuni-los em livro. A esse propósito, faz Jorge Tufic o seguinte registro, em seu livro sobre os trinta anos do Clube da Madrugada: “Aluísio Sampaio já escreveu diversos contos e uma novela (esta ainda por concluir), intitulada “Nós, os bêbados”. É ficcionista da linha experimental, utilizando com segurança todas as suas inovações técnicas e estilísticas”. Era casado com D. Maria Margarida de Oliveira Barbosa (Margô), e pai de três filhos: Aluísio Júnior, Marla Liuba e Lena Vanessa de Oliveira Barbosa.

Destinada a assinalar no tempo um acontecimento de alta relevância para o desenvolvimento cultural do estado, um dia gravou-se no bronze esta inscrição: “Pois foi. Jovens se reuniram sob as frondes desta árvore, e aconteceu. Era madrugada. 22 de novembro de 1954. E fez-se.”

Alude o breve texto à criação do Clube da Madrugada. E os jovens que então ali se reuniram teriam seus nomes para sempre inscritos na legenda gloriosa como seus fundadores. Foram eles: Saul Benchimol, Luiz Bacellar, Farias de Carvalho, Theodoro Botinelly,

Fernando Collyer, José Pereira Trindade, Francisco Baptista, João Bosco Araújo, Antônio Gurgel do Amaral, Celso Mello, Humberto Paiva e Camilo Souza. E aos quais se juntariam, em seguida, Jorge Tufic, Guimarães de Paula, L. Ruas, Francisco Vasconcellos, João Bosco Evangelista, Astrid Cabral, Carlos Gomes, Pedro Amorim, Aluísio Sampaio, Jefferson Peres, Arthur Engrácio, Elson Farias, Antísthenes Pinto, Max Carpentier, Alcides Werk, Ivens Lima, Edison Farias, Sebastião Norões, Benjamim Sanches, Ernesto Penafort, Ernesto Pinho Filho, Erasmo Linhares, Edson de Souza, Carlos Genésio M. Braga, Wagner Pinto, Anísio Mello, Maria José Hosanah da Silva, Pinheiro Pucu, Evandro Carreira, Fábio Lucena, Leopoldo Peres Sobrinho, Adrino Aragão de Freitas, Mauro Tavares, Flávio Roberto de Souza, Afrânio de Castro, Moacir de Andrade, Oscar Ramos Filho, Álvaro Páscoa, Hahneman Bacellar, Van Pereira, Getúlio Alho, José Maciel e outros.

Surgido como síntese unificadora da inquietação que vinha movendo a mocidade amazonense, desde a década anterior, e que buscava abrir espaço ao exercício da liberdade criativa e à renovação dos padrões artísticos e literários vigentes – o Clube da Madrugada chegava já amadurecido para os novos tempo e sabendo perfeitamente o que queria.

O poeta Jorge Tufic, que se refere ao CM como uma atmosfera e um movimento de idéias, identifica nas raízes desse movimento uma série de fatores causais que se resumem, basicamente, no esgotamento e anacronismo da vida cultural de Manaus, êxodo da juventude, desfalmando anualmente a população de parte ponderável de seus valores, e inexistência de universidade. Surgia, assim, o Clube da Madrugada em meio a uma crise total de valores.

Muitos, evidentemente, foram os presidentes do CM. E todos o terão conduzido com o acerto esperado, dando cumprimento à pauta do seu ideário e ao intercâmbio de conhecimentos e experiências em que os madrugadenses mutuamente se enriqueciam, como que ao clima de um centro de estudos superiores.

A partir, porém, dos anos 60 e princípios dos 70, houve notável mudança de ritmo. E Aluísio Sampaio viria como que a encarnar a alma do Clube como força coesiva e dinâmica que lhe comunicaria novo ânimo e o faria projetar-se, ostensivamente, em cena aberta, para reafirmar e mostrar, em toda a sua extensão, a que vinha. Isto se fez não só através da publicação de livros – o que já vinha ocorrendo desde a década anterior – mas, principalmente, do espaço gráfico de toda uma página semanal do “O Jornal”, na qual se estampava a produção cultural do grupo e dos novos valores que começavam a surgir.

Dentro da informalidade que sempre o caracterizou, o Clube da Madrugada foi extremamente parcimonioso na outorga do título de “Cavaleiro de Todas as Madrugadas do Universo”, contando-se entre as personalidades agraciadas com essa honraria os escritores Ramayana de Chevalier, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Assis Brasil, André Araújo, Nunes Pereira, Jean-Paul Sartre, Ferreira de Castro e o Jornalista Umberto Calderaro Filho.

Aluísio Sampaio era um obstinado. Seu período presidencial (ou imperial...) estendeu-se praticamente por toda uma década – o quanto durou a página dominical do CM – tempo durante o qual só se assinalaria um breve hiato, no biênio 1965/66, com a presidência de Francisco Vasconcellos, também brilhante, dinâmica e operosa. Lembro, a propósito, ter sido ele o iniciador da *Coleção Madrugada*, tornando-se, assim, o meu primeiro editor, eis que o meu livro *Lunamarga* veio a constituir o Volume 2 da Coleção, nos idos de 1965.

Voltando a tomar as rédeas em suas mãos – ocasião em que se esboçou uma cisão de conseqüências positivas, pois que daria lugar à criação do núcleo local da UBE – pôde Aluísio Sampaio conduzir o CM aos seus objetivos programáticos, sendo a sua dedicação pessoal responsável pela fase mais aguerrida e brilhante da entidade. A propósito, não será necessário enfatizar a competência com que se houve o grande comandante na utilização dos espaços abertos na imprensa amazonense (além da página no “O Jornal”, também no “Jornal do

Comércio” e na “A Crítica”), para a divulgação dos trabalhos do grupo, cuja produção intelectual se projetava para além do campo estritamente literário – poesia, conto, crônica e ensaio – e alcançava a área dos estudos sociais e econômicos.

Efetivamente, o entusiasmo, a operosidade e a força da sua liderança foram ainda responsáveis pela verdadeira explosão ocorrida no âmbito das artes plásticas, em Manaus, a partir dos começos dos anos 60, quando o Clube da Madrugada patrocinou numerosas exposições, coletivas e individuais, dos artistas locais, pertencentes ou não aos seus quadros. Lembra-se, a propósito, haver sido um membro do CM, o pintor Moacir Andrade, o primeiro artista brasileiro a expor em Brasília.

Em 1963, por exemplo, sob a denominação de Feiras de Artes Plásticas, várias mostras foram montadas em logradouros públicos de grande afluência, como a Praça da Matriz (lado da Av. Eduardo Ribeiro) e a praia da Ponta Negra, sendo visitadas por milhares de pessoas, e atingindo-se, dessa forma, o buscado objetivo de levar ao grande público o trabalho dos nossos artistas, na primeira tentativa, entre nós, de diluição das barreiras que afastam o povo das exposições em espaços fechados.

Ao evocar-lhe a figura ímpar de grande animador do Movimento Madrugada, é de justiça creditar-se ao zelo de Aluísio Sampaio, pelo menos em parte, numerosas outras iniciativas, como, por exemplo, o experimento da Poesia de Muro.

A Poesia de Muro constituiu realmente uma experiência significativa, levada a cabo, no âmbito da criação literária, pelo Clube, vindo ela a coroar uma fase marcadamente experimental, em que o grupo, uma vez deflagrada a idéia, se engajaria como um todo num processo criador de envergadura, capaz de por si só responder pela sobrevivência do movimento, se feitos outros, bem mais importantes, não lha tivessem, de há muito, assegurado.

Concebido como abertura e canal de comunicação capaz de levar a poesia ao grande público, a exemplo do que se fizera no âmbito

das artes plásticas, num momento particularmente difícil (estávamos em 1966) e francamente desencorajador, o processo da Poesia de Muro, lograra, não obstante, concentrar imediatamente o interesse maior dos nossos poetas, que a ele se voltaram com o entusiasmo com que geralmente são trabalhadas as idéias novas. E como índice de que a supressão das liberdades incita sempre a criatividade humana a engendrar formas sutis de atuação para esquivar-se ao arbítrio sem ter que abdicar do ideal. Faz-se oportuno abrir-se, aqui, um parêntese imaginário, para esclarecer que nada do que se fez no Clube da Madrugada foi feito com recursos ou ajuda dos poderes públicos. Para tanto, algumas vezes as equipes incumbidas cotizavam-se. E muitas outras vezes o presidente Aluísio Sampaio cobria as despesas com recursos do próprio bolso. Isto significa que jamais se permitiu fosse o CM atrelado ao carro-de-ouro – ou de enganos – do governo, preservando-se deste modo a integridade e a independência do movimento, para que não o víssemos sucumbir às seduções e aos cantos das sereias que, desde Ulisses, buscam confundir os caminhos e as sendas do porvir.

Como em outras oportunidades em que vira triunfar a sua capacidade inventiva – e a sua habilidade em manter alto o espírito do grupo, em momentos nada propícios a maiores exercícios de liberdade – Aluísio Sampaio acertara em cheio, mais uma vez. Concebida a idéia da Poesia de Muro, soprara-a sobre nós, futuros “muritrovadores”, e eis que, ato contínuo, aparece Jorge Tufic com a criança nos braços, sob a forma de manifesto, ou “murifesto”, e outras primícias.

*FALA O HOMEM PARA O MURO*

*FALA O MURO PARA O HOMEM*

Esta seria a chave. Algo como uma relação de causa e efeito, à semelhança de uma luz-reflexa, ou seja, aquela cujo foco ao bater numa superfície espelhada projeta-se, refletido, sobre áreas de sombra que jamais seriam atingidas diretamente pelo foco.



Assim nascida a Poesia de Muro, daí por diante caberia ao poeta de *Varanda de Pássaros*, de direito e de fato, a posição de maior relevo no encaminhamento do processo, pela primazia que lhe coubera no desbravamento do terreno, até poder oferecê-lo adequadamente preparado a quantos lhe quisessem deitar a boa semente. Advirta-se, todavia, que a participação de Aluísio Sampaio não se restringiu àquele passo inicial. Na verdade, ele voltaria a ser visto a tocar o projeto para a frente e para a rua, ainda que não propriamente para o muro.

A efetiva apresentação da Poesia de Muro viria a ocorrer na página do “O Jornal”, da família Archer Pinto, confiada ao CM e que, de 1961 a 1971, abrigaria todas as experiências de vanguarda conduzidas pelo movimento, veiculando-as com generosidade de espaço e sem quaisquer cerceamentos, inclusive quanto ao livre acesso da equipe responsável às oficinas, para atuar em comum com o pessoal da casa no arranjo gráfico daquele suplemento dominical.

Essa primeira amostra da novidade constituiu-se só de teorizações e poemas de Jorge Tufic. Logo, porém, apareceriam colaborações nossas e de Farias de Carvalho, sendo de destacar-se a singularidade de que essas colaborações não indicavam a respectiva autoria, em obediência a orientação que seria observada enquanto a experiência se mantivesse nos estritos limites daquela página dominical, mas revogada quando do seu aparecimento em praça pública, na versão dos poemas cartazes expostos em estandes na mesma praça em que nascera o Clube.

Até que isso viesse a ocorrer, a Poesia de Muro passaria por largo estágio de teorização, ao mesmo tempo em repercutia em alguns pontos do país (Recife, Belém e São Luís).

Parece-nos fora de dúvida que a experiência ainda poderá ser retomada e levada aos seus objetivos pragmáticos, ou seja, ao muro e ao povo, por sua indiscutível validade e prestância. Agora, no próximo século e sempre que a liberdade criativa sentir-se ameaçada. Ou as trevas a envolverem. E o uivo dos elementais substituir o canto. E correremos todos o risco de desaprender as coisas essenciais, próprias do homem, e

sem as quais talvez nem sequer tenhamos olhos para nos reconhecermos nos estranhos e mutilados seres que nos olharão de dentro dos espelhos.

Para encerrarmos estas considerações, uma advertência a quem porventura se dispuser a viajar nessas águas: nenhum esforço prosperará se não tiver por fim levar ao povo o melhor. E esse melhor, aqui, significa a melhor poesia, em termos de invenção, sugestão e beleza. Não se cometa jamais a ingenuidade de fazê-la descer de nível, a pretexto de fazer-se entendida. Esse é um pressuposto falso. Antes, cumpre mostrá-la em sua máxima beleza e máximo poder de sugestão – para que os olhos da posteridade se tornem cativos de seus encantos. E de sua validade e prestância.



*Biografia do autor*



*Falta a biografia do autor.*

**ALENCAR E  
SILVA**

## Outras obras do autor

- *Painéis* (poesia), Imprensa Oficial, Manaus, 1952.
- *Lunamarga* (poesia), Ed. Sérgio Cardoso & Cia. Ltda, Manaus, 1965. 2ª edição, Casa Editora Madrugada, Rio de Janeiro, 1982. 3ª ed., Edições Puxirum, Manaus, 1987.
- *Território noturno* (poesia), Casa Editora Madrugada, Rio de Janeiro, 1982. 2ª ed., Edições Puxirum, Manaus, 1987.
- *Sob vésper* (poesia), Edições Puxirum, Manaus, 1986. 2ª ed., Ed. Puxirum, Manaus, 1987.
- *Poesia reunida* (reunião dos livros Lunamarga, Território Noturno e Sob Vésper). Ed. Puxirum, Manaus, 1987.
- *Noturno após o mar* (crônicas e poemas em prosa) Casa Editora Madrugada, Manaus, 1988.
- *Sob o sol de Deus* (poesia), Imprensa Oficial, com apoio do Conselho Estadual de Cultura e da Subsecretaria de Cultura do Est. do Amazonas, Manaus, 1992.
- *Ouro, incenso e mirra* (poema em cinco segmentos e cinquenta sonetos), Imprensa Oficial do Est. do Amazonas, Manaus, 1994.
- *Solo do outono* (poesia), Editora Valer, Manaus, 2000. 1ª reimpressão, 2000.
- *Jorge Tufic: As tendas do caminho* (ensaio), Coleção de Textos Madrugada 3, Editora Realce, Fortaleza, CE, 2007.



## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA